Mariane Rocha Silveira

BLOG: EU TE LENDO E EU TE ESCREVENDO

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Mariane Rocha Silveira

BLOG: EU TE LENDO E EU TE ESCREVENDO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras – Estudos Literários, sob a orientação do Dr. Miguel Rettenmaier e coorientação do Dr. Juliano Tonezer.

Passo Fundo

2010

Dedico este trabalho as três pessoas mais importantes da minha vida: minha mãe, Ivone, que me deu muito mais que a vida, deu amor e educação, que me apoiou nas horas mais difíceis, de quase desistência da pesquisa, e que abdicou de muitas coisas para que este momento de conclusão de curso fosse possível. Ao meu pai, Paulo, pelos ensinamentos, carinho e, ainda que não pudesse expressar, torcia pelo meu sucesso e o de minha pesquisa. E, ao meu irmão Manoel, pessoa de admirável bondade, alegria e carinho, que me apoiou em todos os momentos.

Agradeço, primeiramente a Deus, por permitir que eu estivesse na Terra e realizasse esse trabalho.
Aos meus pais e ao meu irmão, pela oportunidade de pertencer a essa família tão forte e unida.
À minha colega e amiga, uma verdadeira irmã, Talita Maria da Silva, pelos momentos que passou comigo, as ideias compartilhadas, o apoio nas horas mais difíceis e alegria nas mais felizes.
À Profª. Maria Lêda Lóss dos Santos por, ainda na graduação do curso de Letras, indicar-me o caminho e a importância da pesquisa, no Núcleo de Pesquisa Botucaraí, em Soledade.
Aos colegas do curso de Mestrado em Letras – Estudos Literários, pelas ideias e experiências trocadas, as palavras de incentivo e apoio, os momentos de descontração.
Ao meu orientador Miguel Rettenmaier por apresentar-me a cultura das telas, pelas sugestões, ensinamentos e ideias.
Ao meu coorientador Juliano Tonezer pelo grande apoio e pelo encaminhamento à escola participante da pesquisa.
À Universidade de Passo Fundo pela bolsa de estudos que viabilizou o término do curso de Mestrado em Letras.
À direção e professores da E.E.E.F. Capistrano de Abreu, pela receptividade, acolhimento e compreensão.
Aos alunos participantes da pesquisa, pela oportunidade de ajudar e aprender junto com vocês, vislumbrando um futuro possível para a Escola.
Muito obrigada!

“Comecei então a escrever. Mas do jeito que ela cismou: meio desordenado. Ela quis juntar esses meus encontros com a escrita feito eu gosto de juntar flor: misturando uma pequena e uma grande, uma de jardim, outra de mato, uma bem desabrochada, outra inda em botão. Quis experimentar desse jeito pra depois então resolver se o *buquê* combinava ou não com os meus casos de amor”.

Lígia Bojunga, *Livro* – um encontro.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo discutir as relações entre as novas tecnologias de leitura e escrita, os *blogs*, e os supostos novos sujeitos, dotados de habilidades e capacidades cognitivas, que desafiam o ainda monológico ensino na instituição escolar. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e, posteriormente, uma pesquisa de campo sob o molde de estudo de caso. A pesquisa de cunho bibliográfico resgatou o surgimento e o percurso histórico da escola no que se refere, especificamente, às práticas de leitura e escrita com a literatura e às novas relações com a leitura plural, emergente do século XXI. Ainda, apresentam-se estudos de teóricos que nomearam de diferentes formas o sujeito nascido em meio à era digital, a saber: Veen e Vrakking (2009) e o *homo zappiens*, Santaella (2004) e o leitor imersivo e Xavier (2007), o hiperleitor 2.0. É abordado, igualmente, o suporte digital de leitura e escrita na internet, os diários virtuais conhecidos como *blogs*, suas especificações, os gêneros ou os tipos de *blogs* e seus desdobramentos em outras possibilidades de escrita, como nos microblogs. Posteriormente, na pesquisa de campo, o *blog* foi apresentado aos sujeitos da pesquisa, alunos de 8ª série, em práticas envolvendo a leitura e a escrita, na hipótese de que por atividades em suporte digital, no qual impera a linguagem hipermidial, haja uma representativa mudança qualitativa na formação leitora e escrita dos próprios sujeitos.

Palavras-chave: leitura, escrita, escola, *blog*, cibercultura.

ABSTRACT

The present study has as goal to discuss the relations between the new technologies available in the post-modern reading and writing society, the blogs, and the supposed new subjects, gifted with cognitive abilities and capacities, that challenge the still monologic way of teaching in the educational institutions. For this, a bibliographic research and, later, a field research were made on the molds of the case study. The bibliographic research redeemed the emergence and the historical path of the school making reference specifically on the reading and writing practices with Literature and the new relations with the plural reading, emergent from the XXI century. It is also presented some studies from theorists that have named differently the people that have been born in the digital era, like, Veen and Wrakking (2009) and the Homo Zappiens, Santaella (2004) and the immersive reader and Xavier (2007), the hyperreader 2.0. Yet, it is mentioned the reading and writing digital support on the internet, the virtual diaries known as blogs, its specifications, the genders, or the types of blogs and its changes into other writing possibilities, as in the microbloggings. After that, on the field research, the blog was presented to the subjects of the research, students from the 8th grade, in practices involving the reading and writing skills, in the hypothesis that if kids are working in digital support, where the multimedia reigns, it would happen a representative qualitative change in the reading and writing formation of the own subjects of this research.

Key words: reading, writing, school, blog, cyberculture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01: Postagem no *blog* de Saramago 58
Ilustração 02: Mosaico de fotografias da página de abertura do *Flickr* 61
Ilustração 03: Página inicial do site *You Tube* 62
Ilustração 04: Página principal do *Twitter* 63
Ilustração 05: Gráfico sobre o conteúdo das mensagens no *Twitter* 64
Ilustração 06: Capa do livro de Carpinejar, que faz menção ao pássaro símbolo do *Twitter* .. 65
Ilustração 07: Página inicial do *Gozub* 67
Ilustração 08: Vista da escola E.E.E.F. Capistrano de Abreu 81
Ilustração 09: Ilustração do texto 95
Ilustração 10: Ilustração escolhida pelos sujeitos para o poema de Mario Quintana 102
Ilustração 11: Página do *blog* "Oitava de Ouro" 102
Ilustração 12: Mural decorado. 105
Ilustração 13: Sujeitos da pesquisa e professoras acompanhantes na 5ª Jornadinha Nacional de Literatura 107
Ilustração 14: Sujeitos da pesquisa na sala de computadores 108
Ilustração 15: Sujeitos na exposição "Mangás" 109
Ilustração 16: Interação dos sujeitos com Totem eletrônico 109
Ilustração 17: Postagem de um menino 113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Evolução do Indicador de Alfabetismo 31
Tabela 2: INAF/Brasil - Faixas etárias 32
Tabela 3: Nível de alfabetismo, segundo a renda familiar..... 33
Tabela 4: Demografia do *Blog* 47

LISTA DE ABREVIAÇÕES E SIGLAS

E.E.E.F.: Escola Estadual de Ensino Fundamental

HTML: *HyperText Markup Language*

IBOPE: Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

INAF: Indicador de Alfabetismo Funcional

MSN: *Microsoft Service Network*

PDF: *Portable Document Format*

Post: Postagem, na linguagem da internet. Do verbo "to post" na Língua Inglesa: ato de publicar uma informação

PROINFO: Programa Nacional de Tecnologia Educacional

UPF: Universidade de Passo Fundo

VGA: *Video Graphics Array*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO ... 12
2 A crise da leitura na escola, o (hiper) letramento e o (hiper) leitor ... 18
2.1 Desde o princípio, a tensão ... 19
2.2 Escola: transformações e anacronismo ... 25
2.3 Letramento(s): a leitura plural do século XXI ... 28
2.4 De leitores para (hiper) leitores ... 37
3 A escrita na internet: o *blog* e o novo autor ... 43
3.1 Do confidente de papel ao comunicador virtual ... 44
3.2 A escrita de si para os outros ... 45
3.3 Áreas (e públicos) de interesse em *blog* ... 52
3.3.1 Gêneros (?) de *blog*: *flogs* e *vlogs* ... 59
3.4 Os microblogs: *twitando* na cibercultura ... 62
4 Metodologia da Pesquisa ... 69
4.1 Métodos e coleta de dados da investigação ... 70
4.2 Caracterização do *lócus* da pesquisa ... 76
4.3 Desenvolvimento da pesquisa ... 78
4.3.1 Pesquisa bibliográfica ... 78
4.3.2 Pesquisa de campo – efetivação do estudo de caso ... 78
5 *Blog:* eu te lendo e eu te escrevendo ... 80
5.1 Os sujeitos da pesquisa: (hiper) iniciantes ... 81
5.1.1 Preparando para a imersão: primeira fase da pesquisa ... 88
5.1.2 A (hiper) imersão: leitura e escrita em questão ... 96
5.1.3 Oitava de ouro: *blogs*, alegria e aprendizado ... 101
5.2 Leituras: o que diz o professor ... 119
5.3 *Blog*: se eu te lesse e escrevesse ... 122

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 125
REFERÊNCIAS 129
ANEXOS..... 135
ANEXO I – Modelo de entrevistas semiestruturadas com alunos e professores..... 136
ANEXO II – Modelo de questionário 137
ANEXO III – Imagens Laboratório de Informática..... 138
ANEXO IV – Detalhes do mural (fotografias e digitalização de um desenho feito por uma participante da pesquisa) 139
ANEXO V – Crônicas escritas pelos sujeitos da pesquisa..... 140

1 INTRODUÇÃO

Ao modelo de Lygia Bojunga nos seus relatos do encontro com o objeto livro, materializado na obra intitulada por ela de *Livro – um encontro,* esta dissertação apresenta o encontro dos novos autores com uma versão digital do diário de papel, o *blog*. Bojunga, em sua obra, descreve suas relações de amor e paixão, casamento e traição, conta os "casos" que teve desde a infância com o sedutor universo literário. Em sua escrita, alinha-se um relato de memória que se projeta à leitura de autores como Monteiro Lobato, na infância; Dostoievski e Edgar Allan Poe, na adolescência; Clarice Lispector, Cecília Meireles, Jane Austin e Katherine Mansfild, Rainer Maria Rilke e Fernando Pessoa no avançar de seu tempo e de seu crescimento. Para Bojunga, os livros "deram casa e comida" (BOJUNGA, 2004, p. 8) e tornaram-se fonte de profundas experiências existenciais, as quais se ampliaram ou reconduziram na medida em que, em determinado momento, a escrita passou a ser ofício de vida, a partir de um contato ininterrupto com a palavra:

> Na minha adolescência eu escrevia diário. Às vezes usando caderno da escola que não chegava ao fim: mais vezes comprando um especial. *Especial* porque eu sabia que ele ia ser o meu diário, a cara dele era igual aos outros da escola.
> Acabava um e começava outro, acabava um e começava outro; escrevi não sei quantos cadernos. (BOJUNGA, 2004, p. 60)

Os casos com o livro, desdobrados em *Livro – eu te lendo* e *Livro – eu te escrevendo*, serviram como inspiração para o título deste estudo. Assim como a autora, que dividiu no relato do seu encontro as fases de sua vida na fusão perfeita entre leitura e escrita na materialidade do livro, procura-se desenvolver aqui as relações entre leitura e escrita no suporte eletrônico, um suporte novo em comparação a muitos padrões de uma entidade, como será vista, tradicional e monológica, a escola.

Assim, a problemática que delineou a pesquisa faz referência a esse universo digital do *blog* e a instituição escolar e desenvolve-se, basicamente, sobre o seguinte questionamento: como ocorreria a leitura e a escrita de *weblog*s no espaço escolar por alunos de ensino fundamental público de uma cidade de interior em contato com o suporte eletrônico, considerando as novas relações do sujeito cognoscente com o hipertexto e as novas formas de aprendizagem, baseadas na interatividade? Como reagiriam perante as ferramentas tecnológicas que, ao que se afirma, estão mudando a consciência humana, as formas de comunicação e de pensamento?

Com o novo século e, principalmente, pelas suas novas descobertas tecnológicas, a vida das pessoas sofreu significativos impactos que alteraram suas condutas, suas formas de observar o mundo, seu desempenho e nas formas de nele ser. Tais mudanças reenquadraram a forma de viver de milhões de pessoas, rearticulando, pelo contato com a tecnologia, suas tarefas mais simples e cotidianas, como ir ao supermercado e utilizar um cartão de compras ou o leitor de códigos de barra na verificação do preço de determinado produto; fazer uma ligação telefônica através de um aparelho celular que também suporta câmera fotográfica, tocador de música, televisão, entre outras funções; ir a um banco e utilizar seus caixas eletrônicos ou, simplesmente, utilizar a opção *home banking* de sua própria casa; exercer o papel de cidadão ao votar nas eleições, em território brasileiro, utilizando urnas eletrônicas; sem citar outras opções como jogos virtuais, contatos virtuais com amigos através de mensageiros instantâneos ou sites de relacionamentos e, *blogar*.

Essas últimas atividades, ampliadas a um território sem limites e aos mais distintos contextos e culturas, seriam praticadas por uma geração em especial, característica, nascida no final do século XX, quando as descobertas que se concretizaram no século XXI estavam encaminhando-se para um maior contingente de pessoas nos mercados mundiais. O sujeito desta geração possuiria um raciocino veloz e grande familiaridade com o computador e internet, para Santaella (2004) seria o leitor imersivo, Veen e Vrakking (2009) nomeiam-no *homo zappiens* e para Xavier (2007) seria o *hiperleitor 2.0*, o resultante da *Web 2.0,* a segunda geração da internet.

Esses seriam sujeitos que já possuiriam um raciocínio em rede, hipertextual, *a-linear* e que, portanto, não combinaria com o unimidial e mono-seqüencial currículo escolar. Diante de tal fenômeno, não seria por acaso que professores, todos os dias, reclamassem de um suposto desinteresse, da não leitura e da mínima participação, da sensação de que os momentos passados em sala de aula são como "tempo perdido". Da mesma forma, não seria sem razão, por outro lado, que alunos criticassem os métodos inadequados, "chatos", da

escola, as leituras exigidas e as redações pedidas “sem graça” ou finalidade, em uma escola interessante e divertida apenas como ponto de encontro entre amigos, como espaço de práticas de esportes ou, aos mais afortunados, como um trampolim para a universidade. Tal discurso seria repetido há tempos pelos lados que, infelizmente, estariam opostos em uma mesma instituição que está em crise: a Escola. Assim, no capítulo 2 serão aferidas as relações históricas entre leitura, escrita e escola, desde o surgimento da escola como instituição formadora na modernidade, conforme Zilberman (2009a) e Chartier (2002a), passando pelos momentos da morosa aclimatação da cultura letrada no Brasil através da colonização portuguesa no processo de alfabetização e de catequização dos sujeitos, na perspectiva de Lajolo e Zilberman (1991) e Zilberman (2005), até a introdução e consolidação das metodologias fundadas no livro didático, a partir dos conceitos de Batista (2002). O estudo seguirá ainda apontando o lento e difícil encaminhamento da escola no trabalho, inicial ou quase inexistente, de introdução consciente das tecnologias em sala de aula.

Ainda, no mesmo capítulo optou-se por apresentar as ideias no que concernem os diferentes letramentos, que comporiam a leitura plural do século XXI e que variam de acordo com diferentes habilidades (atos ou estados), em diferentes graus ou níveis. Para tanto, foram empregadas as definições de Soares (2002, 2006) quanto ao letramento, que consiste no ato ou estado de utilizar a escrita e a leitura em práticas sociais e quanto à definição de letramento digital, que aqui foi transposto como (hiper) letramento aludindo à estrutura *hiper*, de algo além ao letramento, e que seria o ato ou o estado de utilizar as práticas de leitura e escrita no suporte digital. Os níveis de letramento apresentados são resultantes da pesquisa de 2009 do Instituto Paulo Montenegro, quanto ao Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF.

Segundo as novas proposições a respeito da influência da tecnologia sobre os cognoscentes em suas atividades diárias fora da sala de aula, os jovens incluiriam a escrita e a leitura. Nunca os jovens teriam lido tanto! Mas leriam em rede, no computador, ouvindo música, conversando com os amigos por MSN, mandando *e-mails* e deixando recados em sites de relacionamentos, tudo de uma só vez, de forma a marcar a interatividade, que seria outra das características da nova geração.

Além disso, crianças e jovens, há muito tempo, escreveriam e muito todavia, fora da escola. Escreveriam porque sentem prazer ao fazê-lo, uma vez que são motivados pelo reconhecimento de sua produção. Seriam milhares de leitores, interligados na rede mundial de computadores, que leriam e interagiriam diretamente com os escritores elogiando, fazendo sugestões e até criticando. Haveria uma função social na escrita (ao contrário do que aconteceria na escola). Isso viria a favor da concepção de que, ao criar algo, o criador sente

necessidade de expor, de mostrar sua criação, o resultado de seu trabalho e de um complexo raciocínio criativo que supre uma carência. Conforme Bordini e Aguiar: "Se a carência for suprimida por uma ação social, por exemplo, essa ação terá suas raízes na experiência do sujeito com a literatura enquanto interpretação da realidade, mesmo que a produção final não seja literatura" (BORDINI, 1988. p.70).

Segundo as novas concepções, que serão apresentadas ainda no capítulo 2, quando envoltos pela tecnologia, esses sujeitos da nova geração, crianças e jovens, criariam e recriariam no universo da escrita no chamado *ciberespaço*, o espaço digital da nova cultura, a *cibercultura*, de acordo com Lévy (1999a, 1999b). Estes sujeitos também organizariam *blogs*, comunidades e fóruns de discussões de suas escritas, longe da passividade e do isolamento das atividades *off-line* da escola. Ademais, quando desafiadas a fazer algo diferente, transformador, em especial no meio digital, não só aceitariam o desafio como o realizariam com maestria.

Nesse sentido, os tão conhecidos *blogs* como versões modernas e digitais de diários íntimos, da escrita de si, estão ultrapassando esta fase para tornarem-se referências da subjetividade de seus autores para leitores que, por sua vez, também possuem suas escritas em rede. Não são apenas relatos de passagens, momentos de suas vidas, mas também críticas musicais, literárias e sociais, notícias que marcaram a semana, entretenimento que se mesclariam com outras fontes multimidiais como filmes e fotos, entre elementos icônicos, próprios da comunicação digital. São postagens diárias, dependendo da disponibilidade de seu autor, que caracterizam a interação <u>sujeito (escritor) – máquina – sujeito (leitor-escritor)</u>. As concepções a respeito dos *blogs,* inseridas especificamente no capítulo 3, vieram de Schittine (2004) no que se refere propriamente à escrita do eu, escrita íntima ou escrita de si para os outros. De Beiguelman (2005) decorreram as quantificações do fenômeno *blog* e suas implicações. Rettenmaier (2009) colabora no sentido de apresentar a suposição dos encargos de uma nova autoria. Jenkins (2008) e Nicolaci-da-Costa (2005), por sua vez, tratam das questões da escrita de um *blog* heterogêneo em sua composição quanto aos gêneros e para um público em potencial. E, por fim, Lemos (2009) trabalha a questão da liberdade de escrita em suporte que deveria ser acessível a todos. De maneira geral, todos os teóricos deste capítulo contribuíram na aferição quanto à origem e conceituação do termo *blog*, bem como suas características e implicações quanto ao surgimento de novos autores e leitores.

Assim, considera-se que a escola, na análise de sua história e dos resultados que apresenta atualmente, necessita uma reformulação em sua estrutura curricular e pedagógica a fim de que acompanhe e torne-se importante na vida do sujeito do século XXI. Por este

motivo, o objetivo geral desta pesquisa foi introduzir uma proposta de inserção digital via *blog*, aferindo o impacto dessa proposta de leitura e escrita no universo dos adolescentes de ensino fundamental de uma escola pública, em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Desse modo, procurou-se mobilizar, pelo contato tecnológico, um ambiente de leitura e de escrita para alunos concluintes de ensino fundamental; incentivar o processo de leitura e de escrita em ferramentas tecnológicas, em específico pela criação de um *blog*; e investigar, pela observação e pela interpretação dos dados coletados durante a pesquisa (entrevistas, questionários e textos produzidos pelos sujeitos), os efeitos do contato entre alunos e tecnologia. A metodologia da pesquisa, que será aprofundada no capítulo 4, consta de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, ponderada pelas aferições de Lüdke e André (1986), André (2004), Yin (2001) e Cervo, Bervian e Silva (2007).

Por fim, o capítulo 5 servirá para a análise dos dados coletados durante o tempo em que se esteve – em campo – na escola E.E.E.F. Capistrano de Abreu. A crítica confrontará as proposições dos capítulos teóricos, apresentando dados concretos concernentes ao caso representativo de uma geração também nascida no final do século XX, portanto *supostos* leitores imersivos, *homo zappiens* ou *hiperleitores 2.0,* embora pertencentes às classes baixa e média-baixa, inseridos em uma escola pública de uma cidade de interior, de menos de 30.000 habitantes, em um bairro, no qual, vigorando consideráveis variações econômicas, ainda domina uma maioria de famílias de baixa renda.

No que tange ao confronto entre os quadros teóricos e as experiências de campo, persistiram as seguintes questões: o quanto se pode, portanto, concluir que todos de uma geração possuem as mesmas qualidades cognitivas, em especial, quando se considera que, desde a mais tenra idade, insere-se em uma instituição presa ao passado e quase cega ao mundo que a rodeia e às transformações que este atribuiu? O quanto se pode projetar de alunos conscientemente apresentados à tecnologia quando ainda imperam no país enormes variações sociais e diferenças culturais consideráveis? Assim, analisando os resultados dos índices de alfabetismo quanto às suas habilidades de escrita e leitura e confrontados com faixa etária e renda, existiria realmente, de imediato e sem problemas, um leitor imersivo, um *homo zappiens* e um *hiperleitor 2.0*? Onde ele estará (se estiver) quando pensamos e conhecemos nas salas de aulas brasileiras, em especial, em se tratando de escolas públicas? E este encontro com o *blog*, como será para os iniciantes de um mundo tecnológico no qual ainda não estão completamente integrados, por força de uma série de circunstâncias, dentre elas as limitações curriculares da escola? O encontro com o *blog* seria como o encontro de Bojunga com os livros? A autora, depois de dez anos de "simples" leitora, sentiu-se inquietada por uma

vontade quase aflita de encontrar o livro, de estar a sós com ele. Uma vontade que gerou para ela um encontro de e com a leitura e escrita, assim como se pensou que poderia acontecer com os sujeitos participantes da pesquisa. Como será visto, os passos à frente na direção das ideias são sempre difíceis, tem em si o peso enorme da realidade. Mas há também os benefícios da caminhada, das transformações, pequenas e relevantes, no que se refere a este percurso de pesquisa, escolhido e desenvolvido de encontro com a leitura e a escrita no suporte digital...

Este trabalho procura discutir um tema atual, relacionado ao jovem da atualidade, em específico, ao jovem aluno estabelecido sob particularidades sociais, culturais e econômicas, e em uma instituição escolar historicamente em crise. A pesquisa levará, necessariamente, a algumas conclusões, mas, como tudo em meio à cibercultura e à era das tecnologias informáticas globalizadas, tais conclusões serão balizadas pelos riscos da transitoriedade. Neste paradigma transitório, aliás, estão os sujeitos da pesquisa e também a autora desta dissertação (e mesmo os orientadores deste trabalho): em um mundo de aprendentes, todos são ou deveriam ser “leitores em formação”.

2 A CRISE DA LEITURA NA ESCOLA, O (HIPER) LETRAMENTO E O (HIPER) LEITOR

Com efeito, é por razões históricas que escola e leitura,
na esteira de seus vínculos com a aquisição da escrita,
convivem, tendo nascido em épocas próximas
e derivando seu desenvolvimento de seus progressos recíprocos.
(Regina Zilberman, 2009, p.19)

Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima
do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto,
sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra,
também navegamos nas múltiplas vias que o nosso texto nos abre,
não mais em páginas, mas em dimensões superpostas
que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura.
(Andrea Cecília Ramal, 2002, p.84)

A escrita aposta no tempo.
(Pierre Lévy, 1999a, p.18)

A história da escrita e, posteriormente da leitura, demonstrou que, desde o surgimento dos seus primeiros símbolos, estas seriam marcos na vida humana. Uma possibilidade de inscrever para toda a eternidade pensamentos, descobertas, curiosidades, fatos e acontecimentos. Tal possibilidade, entretanto, deveria ser ensinada para que todos pudessem também conhecer e se apropriar dos signos perpetuadores de memória e cultura. E eis que surge a escola com seus princípios norteadores e moralizantes. Estabelece-se a crise. Elitiza-se o acesso à instituição escolar, restringem-se aos livros moral e pedagogicamente "corretos" para a leitura e tranca-se o restante em grandes mosteiros.

Algum tempo depois, ou alguns séculos depois, renasce a esperança de contato mais livre com a leitura de histórias tão conhecidas através da oralidade, mas que não continham a possibilidade de recriação subjetiva a que permite o código escrito. Entretanto, esse fio de esperança demora muito para se concretizar no Brasil, onde o processo de aclimatação da cultura letrada foi lento e progressivo, em relação a centros europeus. O primeiro contato dos

escolares com textos que não os catequéticos dos jesuítas teria acontecido através de livros didáticos que procuravam estender a todos o caráter nacionalista, o gosto pelos bons autores, a norma culta da Língua Portuguesa e, por suposto, a submissão que se revestia de escolaridade.

Com a mudança de século, as esperanças de um novo mundo, de uma nova escola, renascem. Aumenta-se o número de leitores no ritmo da intensa produção cultural desencadeada por uma sociedade que passa a ter maiores condições de produção, equivalente a seus desejos de consumo. Entretanto, a leitura e a literatura continuam sendo marginalizadas em muitos recantos devido aos "perigos" de seus excessos. A escola continua trabalhando na sua própria cadência, a ritmo lento, seguindo uma música em que os estudantes, que querem se apropriar da cultura letrada para serem bons profissionais no futuro, necessitam "dançar". A literatura continua sendo propedêutica.

Cem anos se passam e outro século, repleto de uma aura tecnológica, futurista, imersa em aparatos tecnológicos com distintas e diversas funções, nasce. É a esperança da leitura que retorna. Surge um novo leitor, que também seria um novo escritor, além de exímio jogador e manipulador de *games* eletrônicos, controles-remotos, computadores, *mp3*, celulares, aparelhos de som... Um ser ágil, interativo, capaz de tudo. Dotado de uma capacidade cognitiva nunca antes registrada, mas inserido em um ambiente que em (quase) nada mudou em relação aos séculos anteriores. Assim, até que ponto a leitura, a escrita e a escola influenciam e/ou são influenciadas pelas novas tecnologias? Existirá mesmo um novo leitor? Comecemos por examinar o início de tudo.

2.1 Desde o princípio, a tensão

A história da leitura principia quando do surgimento da escrita, há aproximadamente 6 mil anos, no século III a.C. no Oriente, marcando o fim da Pré-História, com seus símbolos desenhados nas paredes de cavernas, as chamadas pinturas rupestres, e o início da História da Humanidade. Porém, essa passagem deu-se por um longo período em que diferentes regiões do Mundo se destacaram ou se distinguiram pela organização de seus símbolos e respectivos significados, bem como pela complexidade dos conhecimentos, perpetuados com materiais retirados dos ambientes naturais em que estavam inseridos. Entre tais conhecimentos e descobertas, destacam-se o fogo, as artes, os ritos religiosos, a caça, entre outros que foram registrados nas paredes das cavernas.

Zilberman (2009, p.17) destaca que o uso da escrita teria decorrido de práticas econômicas como movimentos dos bens e marcas de propriedade no quarto milênio antes da

Era Cristã. Posteriormente, a escrita teria sido utilizada em atividades jurídicas, religiosas[1] e literárias, que passaram, então, a ser mediadas por uma instituição, a escola, que seria encarregada de difundir a ferramenta da linguagem verbal. A instituição escolar, contudo, teria sido controlada pelos religiosos e seus frequentadores deveriam comungar "os ideais sagrados de que a escrita igualmente se reveste entre seus usuários" (ZILBERMAN, 2009 p. 18). Com a necessidade do conhecimento do código para a utilização da escrita, portanto, esta se une à leitura e à escola, em especial no Ocidente, "colocando a escola como o espaço de sua aprendizagem, domínio e uso, conforme uma ligação que o tempo não dissolve, ainda quando os demais vínculos – sobretudo os que se estabeleceram com a religião – desapareceram"[2] (ZILBERMAN, 2009, p. 18-19). Desse modo, a crise da leitura é uma crise da escola, ao mesmo tempo em que a crise da escola é uma crise da leitura.

A escola, neste período, a Antiguidade, era elitizada, "mesmo entre os gregos e os romanos, a quem competiu a separação entre a escola e a religião, de uma parte, a escola e o Estado, de outra" (ZILBERMAN, 2009, p.20). Assim, a maioria da população, agricultores da zona rural, não participava. E tal panorama não muda significativamente durante a Idade Média, que "[...] restringiu a vida educacional, cultural e artística às atividades nos mosteiros dos cristãos, o que, se por um lado, encolheu a vida escolar fora da égide da Igreja, por outro propiciou a expansão das manifestações mediadas pela oralidade, como a poesia e o teatro" (ZILBERMAN, 2009, p. 20). Cabe, ainda, ressaltar que este domínio da escrita pelos religiosos refere-se aos muçulmanos, pois somente na Modernidade é que os cristãos tiveram acesso à escrita, à leitura e à escola, quando da invenção da tipografia. Esta, segundo Zilberman (2009), teria sido evidenciada pela chamada *revolução duradoura* expressa em três níveis distintos: econômico (revolução industrial), político (revolução democrática) e revolução cultural:

> ❖No econômico, presenciam-se as consequências da revolução industrial, a que se associam profundas modificações tecnológicas e científicas;
> ❖No plano político, a revolução democrática determina o avanço irrefreável das formas de participação coletiva, na direção de um sistema apoiado na noção de que todos os seus membros são iguais e dispõem dos meso direitos;
> ❖A revolução cultural, por sua vez, caracteriza-se por ampliar as oportunidades de acesso ao saber (ZILBERMAN, 2009, p. 20-21).

---

[1] Assim, a escrita simbólica teria surgido como necessidade para o registro dos bens nos templos pelos sacerdotes que, inicialmente, eram os únicos que possuíam o conhecimento dos significados dos símbolos e, por tanto, a supremacia sobre os demais.

[2] Ainda segundo a autora, esta relação entre escrita, leitura e escola apesar de histórica, não é lógica já que é possível a aprendizagem fora dos domínios da instituição escolar, a exemplo de crianças que entram no ensino fundamental já alfabetizadas.

Entretanto, antes de aprofundar as revoluções[3] que transformaram, paulatinamente, as relações entre os homens e o mundo que os rodeia, ressalta-se um importante período da história da escrita e, por conseguinte, da leitura. No século XV nasce uma das mais respeitáveis descobertas no campo da escrita, posterior, é claro, de seu próprio surgimento, quando da possibilidade de sua socialização[4]: a invenção da prensa de Gutenberg[5]. Essa descoberta possibilitou a reprodução de livros em milhares de cópias, antes manuscritos e "aprisionados" aos originais, aumentando o número de leitores. Além disso, segundo Chartier

> [...] a impressão reduziu drasticamente o custo por cópia da produção de um livro, ao distribuir o custo por toda a impressão. [Também] reduziu o tempo necessário para produção de um livro, que era longo na época do manuscrito. [...] Com a impressão, cada leitor individualmente poderia ter acesso a um número maior de livros e cada livro poderia atingir mais leitores. (2002a, p. 22-23)

A invenção da prensa de tipos móveis no centro cultural europeu, contudo, não assegurou uma revolução completa em todos os espaços políticos e sociais do ocidente. O Brasil, em específico, ainda Colônia Portuguesa, demorou cerca de dois séculos para receber o modelo, já ultrapassado nos países europeus com a fabricação das rotativas. Foi um lento processo de aclimatação da cultura letrada no Brasil, bem como um evento isolado de outras iniciativas, conforme salientam Lajolo e Zilberman:

> Além de tardia, a implantação da imprensa na então colônia lusitana constitui uma medida isolada, não tendo sido secundada pela criação e consolidação de instituições e instrumentos necessários à difusão dos instrumentos impressos. Continuavam faltando escolas, bibliotecas, gabinetes de leitura, livrarias, jornais, editoras. Tais ausências tornaram quase inexpressiva a mudança, não obstante os termos categóricos do documento assinado pelo regente. (1991, p.129).

Essa iniciação na cultura letrada no Brasil principiou com a chegada dos religiosos católicos da Companhia de Jesus no processo de colonização do país pelos portugueses, no século XVI, quando "consolidou-se a prática pedagógica talvez mais marcante e bem documentada da história colonial brasileira, responsável pelo estabelecimento das condições

---

[3] Nesta pesquisa, em específico, se abordará nas próximas seções apenas a revolução industrial.

[4] Aqui se referindo à socialização de obras escritas, pois há muito a tradição oral já difundia obras literárias de grande valor estético.

[5] Contudo, antes da invenção de Gutenberg, existiam outras invenções que foram fundamentais para que se chegasse à materialidade do livro que se conhece hoje. Primeiramente, tinham-se os manuscritos em rolos de papiro ou *volumen*, depois o *códex* no formato tradicionalmente conhecido de livro encadernado com folhetos e páginas dobradas, e o *libro unitário,* que havia reunido, pela primeira vez, obra e autor e até uma obra apenas, e não mais uma miscelânea de autores. Essas, segundo Chartier (2007), são as três rupturas na ordem dos discursos da cultura escrita que passaram a apontar uma nova relação com os textos, de inscrição e divulgação.

dentro das quais leitura e escrita, enquanto modelos de ação coletivos e institucionais" (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p.16). A escola jesuítica era voltada à catequese e ao ensino de língua portuguesa, escrita e leitura aos índios que viviam no Brasil. Na verdade, mais uma medida para a expansão da fé cristã do que real princípio educacional. O domínio do ensino dos jovens brasileiros pelos religiosos terminou apenas dois séculos após o início da escolarização catequética, quando da administração governamental do Marquês de Pombal, que passou a controlar o conteúdo das obras a serem destinadas ao ensino. Estas, contudo, ainda continuavam sob responsabilidade dos jesuítas, que as fabricavam.

Surge e posteriormente se consolida, assim, um recurso material de fundamento na história social da leitura – ou da escola – como instituição encarregada da formação de leitores, o livro didático. A definição deste tipo de livro, segundo Batista (2002, p.534), a princípio não demonstra grandes problemas, "seria, afinal, aquele livro ou impresso empregado pela escola, para o desenvolvimento de um processo de ensino ou de formação". Contudo, o autor destaca que este emprego pela escola infere que os livros didáticos podem tanto ser aqueles utilizados pela escola ou àqueles destinados a ela. Livros de cunho catequético, então, eram utilizados na escola apesar de não terem sido criados para este fim, bem como, no século XIX, a *Bíblia* e o *Código Criminal,* entre outros livros, também serviram para a leitura. Isso aconteceu, nas palavras de Batista (2002, p 541),

> [...] seja porque o pensamento pedagógico de então considerasse que o objetivo fundamental da leitura se identificasse ao aprendizado dos conteúdos dos textos que se liam (era o catecismo e o código que deveriam, antes de tudo, ser aprendidos por *meio* da leitura), seja porque vivia-se, então, numa sociedade em que o impresso pedagógico possuía, ainda, uma produção e circulação muito restritas[6].

De forma análoga, já na Modernidade, o mesmo teria ocorrido com obras literárias que se tornaram clássicos "como resultado da ação de editores, impressores, adaptadores, etc" (BATISTA, 2002, p.541), passando a ter o encargo de auxiliar no processo de ensino das disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, sem a fruição a que se prestam tais obras. E há, ainda, outro tipo de livro que se tornou escolar por sua gênese – o livro didático à que todos têm como modelo escolar. Nele, os próprios textos produzidos têm como objetivo suprir a necessidade de mostrar conteúdos, com exercícios sugeridos, fichas de leituras e gramática, no caso dos livros de Língua Portuguesa, além dos que desviam para o uso fora das

[6] Na realidade brasileira, talvez a utilização destas obras como materiais para a leitura tenha sido com o objetivo de catequizar através do aprendizado da leitura, bem como pela escassez de impressos pedagógicos.

escolas, como dicionários e enciclopédias, também conhecidos como "obras de referência" (BATISTA, 2002).

Desse modo, historicamente, percebe-se como o livro didático começou a ser tratado como literário por trabalhar com o universo das letras e, ainda que não contivesse a qualidade exigida do fazer poético, era a maneira pela qual os sujeitos escolares tinham acesso, de forma mais confiável, à tradição e aos modelos (estrangeiros) da literatura. Por outro lado, livros literários passaram, mais tarde, a ser escolarizados para servirem a conteúdos gramaticais, bem como o conhecimento de escolas literárias, em detrimento de sua literariedade, o que as torna obras a serem apreciadas.

Somente no século XIX, em meio à Revolução Burguesa e ao Iluminismo, com a *Impressão Régia*[7], é que os livros começam a ser impressos em solo brasileiro, com o intuito de que fosse criado um padrão linguistico e uma identidade nacional. Conforme Zilberman: "Após as revoluções burguesas que estabeleceram os Estados nacionais, ele [livro didático] foi tomando cores locais, elegendo a língua e a literatura pátrias como objeto de conhecimento e difusão entre os escolares" (2005, p. 247). Todavia, essa produção ainda era em número reduzido[8], a maioria das obras continuava vindo de Portugal, o que acarretava em alto custo, além de um comprometimento da analogia cultural brasileira.

Os livros didáticos, como materiais de leitura essencialmente ou, ainda, exclusivamente, escolar, além de responsáveis pela formação ética e cultural, passam a ser tratados como gênero literário, por reunir a poesia, a retórica e a gramática. Na base de sua proposta, no entanto, está a seleção mediante critérios de valor da classe alta e dominante, constituindo e avalizando as bases de nossa histórica desigualdade social. E esse tipo de obra, que surgiu para difundir leitura e a literatura, passou a abranger, também, distintas áreas do conhecimento, como Matemática e Ciências.

Com a Revolução Burguesa, ao mesmo tempo, a instituição escolar ascendeu e de forma obrigatória, para atender às necessidades essencialmente capitalistas dessa classe emergente e revolucionária do século XIX, preparando as futuras gerações para as mais diversas funções sociais e, ainda, desafiando o poder da época, baseado no feudalismo[9]. É o

---

[7] Primeira imprensa brasileira, nascida no ano de 1808 quando da vinda da família real portuguesa ao Brasil. Sua função era a de imprimir documentos, panfletos, jornais e livros, entre eles os didáticos.

[8] Embora de mudanças de poder, nessa época, No Brasil, as condições intelectuais ainda eram incipientes, os livros dependiam da vinda da Europa, pois "esse objeto [o livro] era raro em termos de difusão e proibido em termos de produção" (LAJOLO e ZILBERMAN, 1991, p. 52).

[9] Cf. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita*: livro e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991.

momento em que se destaca o valor emancipatório e de promoção da liberdade através da cultura adquirida pela leitura:

> Recorrendo à cultura como arma para desafiar a tradição que legitimava o poder da aristocracia, a classe burguesa, através do pensamento iluminista, submete-se a práticas que a divulgam, alargando, com isto, o âmbito de circulação do saber e da leitura que a coloca ao alcance dos olhos; concomitantemente, porém, ela funda uma teoria da liberdade e do significado da emancipação, que vem a superar o momento histórico em que foi formulada em virtude de sua utilidade para os propósitos imediatos desse grupo. (ZILBERMAN, 1988, p.14)

Assim, segundo o novo paradigma escolar burguês, o ensino não poderia mais adotar o herdado pelos gregos e utilizado pelos jesuítas, "A introdução ao mundo das letras tinha de se mostrar mais rápida e eficiente e, ao mesmo tempo, levar em conta que se destinava a usuários boa parte provenientes do campo e de origem humilde, que até então não sentiam falta da escrita e da leitura de textos." (ZILBERMAN, 2005, p. 264). Antes disso, no Brasil e em toda a Europa, o ensino era individualizado e somente privilégio dos filhos de aristocratas. As demais classes ficavam à margem, submissas aos detentores do conhecimento. A base da educação consistia na alfabetização que proporcionava, por sua vez, a habilitação para a leitura, sinônimo de erudição que distinguia dos outros, os analfabetos e ignorantes. No entanto, segundo Lajolo e Zilberman (1991, p. 34),

> Para chegar a isso [ao modelo de escola burguês], foi preciso organizar a escola segundo padrões novos oferecidos por uma pedagogia também reformada, praticada a partir de conteúdos que resumiam o conhecimento reunido pela burguesia até aquele momento. Foi necessário também esvaziar o processo de aprendizagem consolidado pela aristocracia, voltado para a formação pessoal. Nesse sentido, a burguesia coletiviza o processo, ao mostrar que, em princípio, todos estão virtualmente habilitados a ele. Enquanto a educação aristocrática prioriza o conhecimento do passado, a burguesia privilegia o atual e coloca em primeiro plano suas próprias descobertas, a maior parte delas de natureza científica. Pela mesma razão, introduz na escola o estudo da língua vernácula, solapando a hegemonia do latim e do grego, porta-vozes de uma tradição agora meramente ilustrativa.

Com esse breve percurso histórico, torna-se perceptível, portanto, a dissociação da leitura com a materialidade do livro e de sua função real. O ato de ler é apenas um instrumento para que se chegue à alfabetização ou a outras fases do conhecimento, ao mesmo tempo em que a instituição responsável pela escrita e a mediação leitora tornou-se unicamente a escola: "À escrita associa-se a leitura, colocando-se a escola como o espaço de aprendizagem, domínio e uso, conforme uma ligação que o tempo não dissolve, ainda quando

os demais vínculos – sobretudo os que se estabelecem com a religião – desapareceram" (ZILBERMAN, 2009, p.18-19).

Além disso, a definição nessa época (final do século XIX e início do XX) ainda era a de leitura em voz alta, bem decodificada, pontuada e com boa entonação, variando com o tema a ser lido, o que remonta à Retórica. O mesmo se sucede com a Literatura na escola, que tinha a sua representação fragmentada a pequenos trechos nos livros didáticos, começando-se o processo de elitização da arte da palavra: "O conceito de literatura aí proposto isola uma parte - o texto – do todo, o livro, produto material que congrega autor e obra, sociedade e mundo representado, cultura e economia" (ZILBERMAN, 2005, p.258). Também, a literatura com textos de autores renomados em tais livros tinha o desígnio de alavancar nos estudantes o bom uso da língua. Contudo, com passar do tempo, em específico, do século, muitas coisas começam a mudar... Será?

2.2 Escola: transformações e anacronismo

Na sociedade moderna, inicia-se um processo de valorização da leitura, uma vez que esta habilita e aumenta o eventual número de leitores ao mercado de livros, que assente com uma sociedade que se caracteriza pela produção e consumo. Há uma grande produção em massa da literatura no compasso da expansão dos meios de comunicação. É também um momento em que se percebe o caráter emancipatório de leitura ao criar sujeitos mais críticos, capazes "de formar as próprias opiniões, decidir seu destino e elevar-se espiritualmente" (ZILBERMAN, 2009, p. 24). Entretanto, uma ocorrência salienta-se em meio a essa promoção e difusão da cultura – contrapõe-se, de um lado, a popularidade de determinadas obras e, de outro, os efeitos ou "perigos" de determinadas leituras:

> Contudo, não é qualquer leitura que propicia esses efeitos positivos, pois a mesma ideologia chama a atenção para os perigos decorrentes do consumo de obras de ficção, consideradas escapistas e enganadoras, sobretudo quando seu público é formado por mulheres. Pensadores e educadores do final do século XVIII e começo do século XIX denunciam o que chama de "leituromania", de que decorreram campanhas de esclarecimento e *alerta contra os perigos da leitura em excesso*". (grifo nosso) (ZILBERMAN, 2009 p.24).
> [...]
> A leitura desde então [século XVIII para o XIX], comporta um duplo entendimento, dualidade de que não se livra, ainda que vocacionada para a liberdade: acusada de escapista (nos séculos passados, em razão dos condicionamentos da ficção literária; no século XX, por efeito da difusão da literatura de massa e da expansão dos meios de comunicação), por um lado; por outro, é compreendida como liberadora, caso se transforme em ponte para o conhecimento e incorporação de ideais autonomistas. (ZLBERMAN, 2009, p.25)

A escola, entretanto, um “mundo” a parte da função libertadora dos livros de ficção, da literatura, como se não pertencesse (ou não quisesse pertencer) à sociedade, continuou com práticas baseadas exclusivamente nos livros didáticos ao modelo burguês, o que se estendeu até as primeiras décadas do século XX, quando do surgimento da disciplina de Português, que trouxe à instituição escolar a Literatura, ainda que de forma rígida e tradicional. Longe da fruição estética, uma de suas principais funções:

> [...] com a Revolução de 30 e a criação do Ministério de Educação, deu-se a nova regulamentação do ensino primário e secundário. Em julho de 1931 o Ministro expediu “os programas do curso fundamental do ensino secundário”, fixando os objetivos e conteúdos para a matéria agora denominada Português. (ZILBERMAN, 1999, p. 77)

A essa disciplina caberia capacitar o estudante para o uso adequado da língua na fala e na escrita de redações, através da gramática (com maior número de horas/aula), da leitura e do estudo do vocabulário, instigando o gosto por bons autores e permitindo uma rica fonte de ideias. São atividades propedêuticas – conduzidas, embora não organizadas pelo professor – de algo além ou não próprio da leitura da literatura: ler os autores clássicos da literatura para aprimorar a linguagem e se chegar aos demais conhecimentos. Os aspectos estéticos e de fruição da Literatura são completamente ignorados nessa visão de leitura constituída no bojo da concepção escolar:

> A leitura proposta pela escola só se justifica, se exibir um resultado que está além dela. Sem a exposição de finalidade situada cronologicamente e profissionalmente mais adiante, que dê visibilidade e sentido ao trabalho com textos escritos, o ensino da leitura ou a própria leitura não se sustentam. Eis a utopia da leitura, utopia, no entanto, que a desfigura, porque promete uma felicidade que está além dela, mas pela qual não se pode responsabilizar (ZILBERMAN, 2002, p. 21-22).

De forma comparável, sucede-se com a literatura infantil, que, nesse período de transformações na educação, começa a ter uma atenção maior por parte das autoridades no campo educacional, por tratar-se de um “problema” a ser solucionado, ao mesmo tempo em que ainda é considerada como um gênero literário menor. Assim, na escola ela é difundida, de acordo com Coelho, com uma

> [...] *intencionalidade pedagógica*, que vinha do período anterior e até hoje [década de 90] não perdeu a sua legitimidade, tudo dependendo do grau em que se exerce essa intenção (que vê no estudo o caminho ideal para o aprendizado da leitura e da vida). Se exagerado ou radicalizado, esse ideal pedagógico transforma a literatura em mero meio educativo (1995, p.59).

A fantasia e o maravilhoso nessa época eram rejeitados por uma forte ideia de educação voltada ao real e ao nacionalismo, o verdadeiro caráter brasileiro, bem como ao ensino leigo em detrimento do religioso: "Ambas conduziam à valorização do conhecimento científico ou pragmático que devia formar o cidadão. Daí a ênfase nos livros informativos ou na literatura paradidática, com a consequente recusa às ilustrações dos contos de fadas ou maravilhosos" (COELHO, 1995, p. 60).

Entre os anos 40 e 50, no Brasil, em um período histórico fortemente vocacionado ao nacionalismo, o Português adquire, junto com a leitura e a Literatura, uma função determinante: "ambas conduzem ao conhecimento da língua materna, que é simultaneamente língua pátria e língua literária" (ZILBERMAN, 1996, p.25). As orientações educacionais são, dessa forma, fortemente influenciadas, perspectivas políticas e orientações pedagógicas alicerçadas por doutrinas em entrechoque ideológico. A partir dos anos 50, há conflitos no âmbito educacional em relação às inúmeras reformas ocorridas na década de 40 e que deixaram resquícios no período do fim da era de Getúlio Vargas no poder. De outra parte, malgrado diferentes perspectivas ou concepções educacionais em disputa, o mundo adianta-se por caminhos que, aparentemente, são sem participação direta ou influência determinante da escola. A crise da leitura (e da escola) alastra-se acompanhando a ascensão dos meios de comunicação de massa, em especial, a televisão, que traz um novo modo de ver e de pensar à sociedade:

> Os áudios-visuais (TV, rádio, publicidade, *outdoors, posters*, arte pop, projetores, slides...) alteram definitivamente o relacionamento do homem com o mundo e com seus semelhantes. As várias teorias da informação difundem uma nova palavra de ordem: a do valor do homem bem informado. As distâncias desaparecem e passamos a viver na aldeia global de que fala McLuhan. (COELHO, 1995, p.62)

A Literatura, difundida entre a elite, continua em segundo plano no remanescente da sociedade, em detrimento da imagem e dessa emergente comunicação. Na década de 70, por sua vez, na escola, o estudo da gramática passa a ser visto não mais como fim que basta a si próprio, mas como meio de desenvolvimento do estudante. Nessa mesma época, há, também, uma significativa mudança nos livros didáticos no sentido de abordarem textos mais simples para a leitura nas séries iniciais (denominadas de 1ª e 2ª séries do curso ginasial) e textos mais elaborados e complexos para as demais séries.

Infere-se, assim, a perspectiva de que a concepção de leitura alicerçada apenas ao verbal e ao impresso passa a ser afrontada por um universo multimidial. As imagens, estáticas ou em movimento, que surgem e se aprimoram no século XX desafiam a uma nova visão do ato de ler. Uma visão que está emergindo de liberdades já conhecidas quando depois da

Revolução Industrial, mas que esbarram no trabalho exaustivo com o livro didático na escola, em detrimento de práticas que suscitem a reflexão e a pesquisa, além da merecida valorização à leitura da literatura. Da mesma forma, no final do século XX, surgem estudos sociais e culturais que apontam diversidades identitárias relacionadas à linguagem e à leitura

2.3 Letramento(s): a leitura plural do século XXI

Na metade dos anos 80, surge um novo conceito em torno da leitura, o letramento. Segundo Soares (2006), seria um termo traduzido da expressão em inglês *literacy* que significa "o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever" (p.17). Ainda, conforme a mesma autora, "Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguisticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la" (p.17). Assim, letramento define-se como "o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita" (p.18).

O termo letramento, surgido de uma palavra da Língua Inglesa com o significado que possui atualmente, é utilizado, há cerca de vinte anos, em pequenos círculos de linguistas e teóricos. Entretanto, há muito essa palavra já existira nos dicionários de Língua Portuguesa, sendo posteriormente retirada, como arcaica. Seu significado era muito distinto do atual, significando, simplesmente, "escrita". O letramento, na acepção vigente, compreende um processo muito mais complexo do que de uma palavra que tenha caído em desuso. Trata-se, como dito anteriormente, do estado ou condição de saber ler e escrever e fazer uso desses recursos com eficiência na sociedade. Seria um processo que viria antes mesmo da alfabetização[10], atuante já na "leitura do mundo" de Paulo Freire e acompanharia o sujeito por toda sua vida, em um processo contínuo. Trata-se, portanto, de um fenômeno sócio-histórico e cultural que influi diretamente sobre todos os indivíduos, uma vez que, da mesma forma como todos os sujeitos pertencem invariavelmente – ou variadamente – a culturas características, todos possuem tipo ou nível de letramento. De qualquer forma, o sujeito é letrado quando,

[10] Segundo Soares (2006), Alfabetização seria o ato de alfabetizar, de tornar alguém "alfabetizado"'. Já o conceito definido na V Conferência Internacional de Educação de Jovens e Adultos, realizada na Alemanha, de 14 a 18 de julho de 1997 é de que: "A alfabetização, concebida como o conhecimento básico, necessário a todos num mundo em transformação em sentido amplo, é um direito humano fundamental. Em toda sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades".

além de saber ler e escrever (o considerado alfabetizado), utiliza socialmente as práticas de leitura e escrita.

Soares (2006) explicita isso em sua obra quando afirma que, muitas vezes, alguém que não conhece os signos da escrita, o considerado analfabeto, dita a alguém o que tem de ser escrito; ou ainda, quando pede que outra pessoa leia alguma coisa, seja uma carta, um documento, uma receita ou até o preço de algum produto no supermercado é alguém analfabeto, mas letrado. Da mesma maneira acontece com as crianças que ainda não estão alfabetizadas, mas já são letradas:

> [...] uma criança que vive num contexto de letramento, que convive com livros, que ouve histórias lidas por adultos, que vê adultos lendo e escrevendo, cultiva e exerce práticas de leitura e de escrita: toma um livro e finge que está lendo [...], toma papel e lápis e "escreve" uma carta, uma história. Ainda não aprendeu a ler e escrever, mas é, de certa forma, *letrada*, tem já um certo nível de letramento. (SOARES, 2006, p.47)

Há o envolvimento, então, em prática de letramento, quando uma pessoa utiliza habitualmente as competências da leitura e escrita. Se ela compreende o significado da prática, faz o uso social através do conhecimento, da experiência adquirida, ainda que não conheça os códigos da cultura escrita que o tornariam alguém alfabetizado, é alguém letrado. É claro que, como afirma Soares (2006), há também o processo contrário: pessoas que sabem codificar e decodificar são consideradas alfabetizadas, porém não compreendem o sentido do que estão lendo, são iletradas[11]. Para tanto, há níveis de letramento que variam de acordo com a capacidade de utilizar as práticas de leitura e escrita.

Dessa forma, acerca de níveis ou graus de letramento a que diferentes pessoas podem fazer parte de acordo com o uso que conseguem fazer das habilidades de leitura, há possibilidades de aferição quando relacionados a textos escritos. Desde 2001, o Instituto Paulo Montenegro vem realizando pesquisas para o chamado Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF, no que tange às habilidades nas práticas de leitura, escrita e matemática de pessoas de 15 a 64 anos de idade residentes nas zonas urbanas e rurais do Brasil[12]. O estudo é voltado para

[11] Ao contrário de letrado. Entretanto alguns teóricos divergem dessa definição já que todos os sujeitos possuem algum grau ou nível de letramento, como visto anteriormente.

[12] A saber, analfabeto funcional é a pessoa que não consegue fazer uso social das práticas de leitura, escrita e matemática.

> [...] fomentar o debate público, estimular iniciativas da sociedade civil, subsidiar a formulação de políticas públicas nas áreas de educação e cultura, além de colaborar para o monitoramento do desempenho das mesmas. Dessa forma, pretende-se que a sociedade e os governos possam avaliar a situação da população quanto a um dos principais resultados da educação escolar: a capacidade de acessar e processar informações escritas como ferramenta para enfrentar as demandas cotidianas.

A pesquisa principiou no ano de 2001 e até 2005 revelou anualmente os dados, alternando as habilidades de pesquisa, lembrando: escrita, leitura (letramento) e matemática (numeramento). A partir de 2007, contudo, a pesquisa passou a ser bienal e, simultaneamente, apresentando os dados de letramento e numeramento.

A metodologia utilizada pelos técnicos para a obtenção dos dados é a entrevista domiciliar em que se aplicam questionários acerca das características sócio-demográficas, além de práticas de leitura, escrita e matemática, realizadas pelos entrevistados em seu cotidiano. Ainda, são realizados testes práticos[13] em diversas regiões brasileiras. A pesquisa é feita por amostragem de 2.000 pessoas, independendo se estas são escolarizadas ou não, ou se estão estudando. A análise é realizada desde 2006 sob o método da

> Teoria da Resposta ao Item (TRI) como metodologia estatística, que propõe modelos teóricos que representam o comportamento das respostas atribuídas a cada uma das questões como uma função da habilidade do indivíduo. Ou seja, cada questão do teste tem seu grau de dificuldade definido a priori e a pontuação (proficiência ou escore) de cada indivíduo respondente varia de acordo com o grau de dificuldade das questões que foi capaz de responder corretamente[14].

Os dados coletados e, posteriormente, analisados pelo INAF são divididos em quatro níveis distintos de alfabetismo[15]:

- **Analfabetismo:** Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços etc.).
- **Alfabetismo nível rudimentar:** Corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (como um anúncio ou pequena

---

[13] Estes testes constam de "leitura e interpretação de textos do cotidiano (bilhetes, notícias, instruções, textos narrativos, gráficos, tabelas, mapas, anúncios etc)". Disponível em: http://www.ipm.org.br/download/inaf_brasil2009_relatorio_divulgacao_final.pdf Acesso em 13 dez. 2009.

[14] Disponível em http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.00.00.00&ver=por Acesso em 13 dez. 2009. Ainda, segundo a instituição, "O intervalo de confiança estimado é de 95% e a margem de erro máxima estimada é de 2,2 pontos percentuais para mais ou para menos sobre os resultados encontrados no total da amostra.

[15] Disponível em: http://www.ipm.org.br/download/inaf_brasil2009_relatorio_divulgacao_final.pdf Acesso em 13 dez. 2009.

carta), ler e escrever números usuais e realizar operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias ou fazer medidas de comprimento usando a fita métrica.

- **Alfabetismo nível básico:** As pessoas classificadas neste nível podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois já leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações, mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências, leem números na casa dos milhões, resolvem problemas envolvendo uma sequência simples de operações e têm noção de proporcionalidade. Mostram, no entanto, limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações.
- **Alfabetismo nível pleno:** Classificadas neste nível estão as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos mais longos, analisando e relacionando as partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses. Quanto à matemática, resolvem problemas que exigem maior planejamento e controle, envolvendo percentuais, proporções e cálculo de área, além de interpretar tabelas de dupla entrada, mapas e gráficos.

Assim, os resultados da pesquisa realizada no ano de 2009 e divulgados em 1º de dezembro do mesmo ano mostram a evolução do indicador de alfabetismo (Tabela 1). Resultado que, ainda apresentando uma pequena melhoria nos números, continua sendo preocupante.

Tabela 1: Evolução do Indicador de Alfabetismo

INAF / BRASIL – Evolução do Indicador de Alfabetismo (população de 15 a 64 anos)						
	2001 2002	**2002 2003**	**2003 2004**	**2004 2005**	**2007**	**2009**
Analfabeto	12%	13%	12%	11%	9%	***7%***
Rudimentar	27%	26%	26%	26%	25%	***21%***
Básico	34%	36%	37%	38%	38%	***47%***
Pleno	26%	25%	25%	26%	28%	***25%***

Fonte: Instituto Paulo Montenegro. *Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF*. Disponível em http://www.ipm.org.br/download/inaf_brasil2009_relatorio_divulgacao_final.pdf . Acesso em 13 dez 2009.[16]

[16] As demais tabelas apresentadas foram extraídas da mesma fonte.

Houve uma pequena queda nos níveis de alfabetismo absoluto e rudimentar, uma ligeira melhora no nível básico, mas o nível de alfabetismo pleno sofreu uma queda representativa, consolidando uma realidade longe da sonhada por muitos educadores, do utópico 100% de brasileiros plenamente alfabetizados.

Os dados da pesquisa também revelaram os números quanto às diferentes faixas etárias analisadas, sendo divididas entre 15-24, 25-34, 35-49 e 50-64 anos de idade. A faixa que mais interessa a esta dissertação, devido ao *lócus* do estudo de caso que será apresentado no capítulo 4, é a de 15-24 (Tabela 2), que apresentou uma melhora de sete pontos percentuais[17] entre os anos de 2001 a 2009, a menor em relação às demais faixas etárias, que foram de, respectivamente, quinze, quinze e quatorze pontos percentuais.

Tabela 2: INAF/Brasil - Faixas etárias

	% de 15 a 24 anos					
	01 02	**02 03**	**03 04**	**04 05**	**07**	**09**
Analfabeto	3	2	2	3	3	**2**
Rudimentar	19	19	18	18	14	**13**
Básico	43	44	45	46	46	**52**
Pleno	35	35	35	33	37	**33**
Analfabetos funcionais	*22*	*21*	*20*	*21*	*17*	***15***
Alfabetizados funcionalmente	*78*	*79*	*80*	*79*	*83*	***85***

Estes resultados podem ser frutos de alguns fatores elencados pelo relatório do INAF de 2009[18], como:

- Forte incremento de taxa de escolarização entre os grupos mais velhos, com a chegada a esta faixa etária das primeiras gerações que se beneficiaram da ampliação da escolarização;
- Ampliação das oportunidades de escolarização de adultos mais velhos;
- Ampliação de oportunidades não formais de aprendizagem, no universo do trabalho ou das práticas culturais em que se inserem os adultos.

[17] 85% de jovens classificados como alfabetizados funcionalmente.
[18] Disponível em http://www.ipm.org.br/download/inaf_brasil2009_relatorio_divulgacao_final.pdf Acesso em 13 dez. 2009.

E o último fator, além dos muitos disponíveis no relatório do INAF, a que se vai referenciar aqui, devido à importância na posterior análise dos dados, como afirmado anteriormente, é o de Renda e participação na cultura escrita (Tabela 3). É de consenso que quanto maior a renda, maiores as condições de estudo e, por consequência, de rendimento financeiro e maior qualidade de vida. No processo contrário, quanto menor a educação, mais difícil, inclusive o acesso à cultura e informação. Segundo o INAF, as famílias com maior renda têm, ainda, "acesso a escolas de melhor qualidade, principalmente as particulares, mas também as públicas situadas nos melhores bairros." Como se pode perceber na tabela que segue, quanto menor o salário, mais alto o nível de analfabetismo e, ainda que os números tenham diminuído em relação aos anos anteriores, continuam altos e preocupantes.

Tabela 3: Nível de alfabetismo, segundo a renda familiar

Nível de alfabetismo, segundo a renda familiar (em salários mínimos) População de 15 a 64 anos, Brasil - 2009				
	Mais de 5	**Mais de 2 a5**	**Mais de 1 a 2**	**Até 1**
Analfabeto	0%	2%	7%	20%
Rudimentar	6%	14%	25%	35%
Básico	40%	53%	48%	37%
Pleno	54%	32%	20%	8%
Analfabetos funcionais	*6%*	*15%*	*32%*	*55%*
Alfabetizados funcionalmente	*94%*	*85%*	*68%*	*45%*

Com estes dados do INAF, fez-se uma tentativa de demonstrar alguns níveis de letramento, índices importantes na avaliação da educação e, principalmente, as habilidades de leitura e escrita na sociedade brasileira. Uma análise mais profunda pode vir a compreender e resolver questões sociais e educacionais complexas em sua importância e simples na resolução.

Assim, pondera-se que existem diferentes níveis de letramento, de acordo com as habilidades das pessoas para utilizar a escrita e a leitura em suas práticas sociais. Entretanto, diferentes concepções relacionadas ao texto impresso e ao texto eletrônico, bem como as noções do campo semântico relacionada à alfabetização, direcionam a diferentes tipos de letramentos, que podem variar de acordo com diferentes tecnologias.

Na concepção de Soares (2006, p.34), "Na língua sempre aparecem palavras novas quando fenômenos novos ocorrem, quando uma nova ideia, um novo fato, um novo objeto surgem, são inventados, e então é necessário ter um nome para aquilo, porque o ser humano não sabe viver sem nomear as coisas". Assim, com o surgimento de novas práticas de leitura e

escrita, em meio ao século XXI, possíveis pelas tecnologias informáticas, fez-se necessário nomear um novo fenômeno que está acontecendo em uma nova cultura.

Trata-se do letramento digital, letramento da cibercultura ou (hiper) letramento que acontece em meio à cibercultura, a cultura das telas, diferente da tradicional cultura do papel. Para melhor definir esse novo letramento e, ao mesmo tempo, diferenciá-lo do "tradicional", Soares (2002) considera os seguintes aspectos: o espaço de escrita e os mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita. Segundo a autora, o espaço de escrita é como um campo físico onde se inscreve/escreve de forma distinta para cada tipo de escrita. Inicialmente, havia as tabuinhas ou argilas, ou ainda, como visto no início deste capítulo, as paredes de cavernas; depois, havia o papiro ou o pergaminho; em seguida, o códice (ou *códex*) nos padrões conhecidos até agora e, finalmente, a tela do computador.

Esses espaços de escrita relacionam-se diretamente com as práticas de leitura e escrita, com o sistema de escrita, bem como gêneros de escrita. Na medida em que foi aperfeiçoado este espaço, permitiram-se maiores possibilidades para o uso social da leitura e escrita, com sistemas variados e em gêneros mais longos e diversos. Porém, a maior diferença reside no condicionamento entre as relações *autor-texto-leitor* que, com o espaço de escrita, foram estreitadas, ao mesmo tempo em que se expandiu em possibilidades no chamado *hipertexto*, muito diferente do texto em papel. O leitor, antes acostumado a manter a sua participação "restrita" na sua subjetividade, interferindo no texto do outro apenas em escritas na margem ou então em obras que admitiam a escolha por determinados caminhos, ainda que lineares, tem, agora, a possibilidade de constituir seus próprios textos e leituras e de aproximar-se do autor: "No texto eletrônico, a distância entre autor e leitor se reduz, porque o leitor se torna, ele também, autor, tendo liberdade para construir, ativa e independentemente, a estrutura e o sentido do texto" (SOARES, 2002, p. 154). É um trabalho ativo e interativo, que possibilita, ainda, a interferência na subjetividade do outro. Conforme Murray (2003. p. 65),

> A existência do hipertexto proporcionou aos escritores a oportunidade de experimentar outras formas de segmentação, justaposição e encadeamento lógico. Histórias escritas em hipertexto geralmente têm mais de um ponto de entrada, muitas ramificações internas e nenhum final bem definido. [...] As narrativas hipertextuais são intrincadas teias de fios emaranhados.

Assim, estas transformações estariam criando a hipótese de

> [...] conseqüências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um *letramento digital*, isto é, um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou *condição* - do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel (SOARES, 2002, p. 151).

A nova relação com a escrita neste espaço digital, desse modo, estaria acompanhando, ou pelo menos se aproximando, da lógica do pensamento humano, que funciona em rede, como afirma Ramal, na citação que também é epígrafe deste capítulo:

> Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o nosso texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura. (2003, p.84)

A segunda pertinente definição para a melhor compreensão do letramento digital refere-se aos mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita. Como visto anteriormente, antes da invenção de Gutenberg, da prensa que oportunizou a multiplicação das obras, existiam os manuscritos, raros e praticamente inacessíveis para a maioria da população. Os copistas, ao fazer as cópias, alteravam-nas, às vezes por erro ou mesmo propositalmente, provocando a condição de que nunca havia uma obra igual a outra. Além disso, o leitor tinha a possibilidade de escrever em espaços deixados e até de alterar o que já estava escrito. Com a inscrição na tela digital, isso volta a acontecer, porque, segundo Soares, algumas características os manuscritos e os textos na tela possuem em comum, ao contrário do texto impresso, tão preso em sua reprodução e direitos autorais:

> Atualmente, a cultura do texto eletrônico traz uma nova mudança no conceito de letramento. Em certos aspectos essenciais, esta nova cultura do texto eletrônico traz de volta características da cultura do texto manuscrito: como o texto manuscrito, e ao contrário do texto impresso, também o texto eletrônico não é estável, não é monumental e é pouco controlado. Não é estável porque, tal como os copistas e os leitores freqüentemente interferiam no texto, também os leitores de hipertextos podem interferir neles, acrescentar, alterar, definir seus próprios caminhos de leitura; não é monumental porque, como conseqüência de sua não-estabilidade, o texto eletrônico é fugaz, impermanente e mutável; é pouco controlado porque é grande a liberdade de produção de textos na tela e é quase totalmente ausente o controle da qualidade e conveniência do que é produzido e difundido. (2003, p.154)

No texto eletrônico, a questão da propriedade autoral, estabelecida com a reprodução do texto impresso, passa a ser abalada, já que não há uma autoria, mas uma multi-autoria, na medida em que a intertextualidade se materializa (SOARES, 2002). Ao mesmo tempo,

quando difundidos no ciberespaço, os textos perdem em qualidade, diferentemente do texto impresso que é verificado por editores e conselhos editoriais: "qualquer um pode colocar na rede, e para o mundo inteiro, o que quiser" (SOARES, 2002, p 155).

Contudo, em específico sobre o texto hipertextual, que caracteriza o novo letramento do século XXI e transfere um estado ou condição de letrar para um espaço distinto, é imaginável devido ao prefixo grego *hiper* que, etimologicamente, faz referência a algo além, acima de alguma coisa. Unidos prefixo e substantivo *texto*, forma-se não apenas uma nova palavra, mas um novo conceito, um novo sentido à leitura: um texto que vai além de si em novos significados, que contém novas formas de ler e produzir interpretações Conforme Santaella (2004, p.182), essa estrutura *hiper* é composta por nós e nexos: os nós são as unidades básicas, as molduras do que está nas telas, como textos, gráficos e áudios, as chamadas mídias; e os nexos são os conectores que ligam um nó a outro de forma lógica, ativados pelo *mouse* nos chamados *hiperlinks*[19], permitindo que o leitor navegue de um nó a outro. Nas palavras de Longhi:

> [No hipertexto] Contrapondo-se à idéia de seqüências [sic] lógicas estabelecidas pelo princípio aristotélico da trama, com começo, meio e fim, aparece a ausência total dessas instâncias. Ao invés de seqüência, repetições; ao invés de temporalidade, utilização do espaço virtual da tela do computador; ao invés de linha, círculo. (2008, p.09)

Essa estrutura hipertextual, no entanto, devido à sua complexidade e as inúmeras possibilidades que podem fazer um leitor despreparado chegar a lugar nenhum, necessita de conhecimentos básicos da lógica computacional, além de objetivos e a capacidade cognitiva de selecionar, entre as muitas informações, o que se está buscando. É um novo letramento que, mais do que o tradicional, do estado ou condição de socializar as práticas de leitura e escrita em suportes já dominados, necessita que se domine o novo suporte antes mesmo de apropriar-se de seu conteúdo e fazer o uso social, letrando-se digitalmente.

Desse modo, a que ponto as escolas e os professores estão preparados em relação à tecnologia e também pedagogicamente? De que formas estão se utilizando das novas ferramentas para suscitar novos resultados, aproveitar o potencial cognitivo de seus alunos sem recair em atividades propedêuticas e lineares, atividades que poderiam ser feitas em qualquer suporte? Segundo Marcuschi, é preocupante quando se considera a relação do hipertexto e da escola:

---

[19] Destacados por cores diferenciadas do texto, indicam que há um novo segmento àquela palavra em destaque, uma nova janela que se abre.

> O hipertexto é um ponto de chegada e não um ponto de partida no caso do ensino. O hipertexto acarretará redefinições curriculares, revisão e identificação de fontes e estabelecimento de um corpo de conhecimentos que possibilite a ordenação do fragmentário. Exigirá a solução dos problemas relativos à noção de relevância e, não por último, teremos que rever nossos sistemas de classificação e ligação dos conhecimentos. (2001, p.108-109)

Todavia, apesar da escola, novos leitores surgiriam com o emergente suporte: um leitor ávido por novos conhecimentos, novas habilidades – o leitor multimidial do século XXI. Um sujeito já nascido na estrutura *hiper,* mas, na escola, ainda delineado conforme velhos modelos.

2.4. De leitores para (hiper) leitores

Com o passar do tempo e com as mudanças na sociedade, na tecnologia, os tipos de leitores, assim como as leituras, mudaram também. No início da era pré-industrial existia o leitor do livro impresso, das imagens fixas e expositivas. Houve um leitor que começava a ler para si próprio devido à instauração do silêncio nas bibliotecas da Idade Media. E, aos poucos, as palavras passaram a ocupar o espaço interior, ainda que a voz alta, principalmente na contação de histórias no processo de socialização da literatura e da cultura, continuasse a "comunicar aos que não sabem decifrar [...] e cimentar as formas de sociabilidade em espaços comunitários". (SANTAELLA, 2004, p.22).

Mais tarde, como resultado da Revolução Industrial, surgiria o "leitor do mundo em movimento, dinâmico, mundo hibrido" (SANTAELLA, 2004, p.19). Um leitor que assistiu à "explosão do jornal", das novas eras da eletrônica, do surgimento da TV, e que também tem sua própria vida modificada. Seria um momento em que, conforme Santaella (2004, p.26) "os olhares das pessoas não se cruzam e as almas não se entregam". Tudo passaria a estar envolto por imagens que fascinam a quem as vê, que são reproduzidas e substituídas por outras mais atraentes, incessantemente, marca do consumismo da época: "A vida cotidiana passou a ser um espectro visual, um desfile de aparências fugidias, um jogo de imagens que hipnotizam e seduzem" (SANTAELLA, 2004, p.28).

Com a ascensão do mundo virtual, no século XXI, a sociedade de modo geral sofreu transformações no que tange a seus comportamentos, sua visão de mundo, as formas de ser e agir. Nessa nova sociedade, em rede e digital, estariam também os sujeitos que não possuem internet em suas residências, mas que são usuários de variados serviços como bancos e caixas de autoatendimento ou *home bankings*. Consumidores que acionam códigos de barra para a

efetuação de pagamentos das contas de serviços básicos, como luz e água, ou de produtos nos supermercados, que utilizam cartão de crédito ou de débito. Clientes que usam celular com várias funções tecnológicas, de diferentes operadoras e sistemas de atendimento, eleitores que elegem por voto eletrônico, pessoas que se comunicam em um mundo dirigido cada vez mais pela interação homem – máquina.

E, com esse novo universo, surgiria um novo tipo de leitor, na denominação de Santaella, o leitor imersivo do século XXI, o qual:

> [...] navega numa tela, programando leituras, num universo de signos evanescentes eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que leva a eles. Não é mais tampouco um leitor contemplativo que segue as seqüências de um texto, virando paginas, manuseando volumes, percorrendo com passos lentos a biblioteca, mas um leitor em prontidão, conectando-se entre nós e nexos num roteiro multilinear e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeos etc (2004, p.33).

Este leitor, conforme Santaella, possui três níveis distintos, de acordo com suas características, habilidades com a navegação na internet e diferentes raciocínios: abdutivo (errante), indutivo (detetive) e dedutivo (previdente). O primeiro e mais elementar é denominado internauta errante, que explora aleatoriamente a trama hipermidiática, seguindo rotas "idiossincráticas, turbulentas e, no mais das vezes, dispersivas e desorientadoras" (2004, p.178). O segundo nível corresponde ao internauta detetive, que segue disciplinadamente os índices do ambiente hipermidiático. O usuário adota uma conclusão aproximada a respeito do que busca e, no decurso da investigação, poderá concretizar sua procura. Isto vai conferir ao leitor a experiência que necessita para a busca de outras informações que possa vir a necessitar, "transformando as dificuldades em adaptação" (2004, p.179). E, o último nível refere-se ao internauta que já passou pelas fases de aprendizado (errância) e de aprimoramento (detevivesca), trata-se do internauta previdente. É o sujeito que domina as regras e códigos de navegação através do hábito (ou associações), de modo que "sua navegação se dá em percursos ordenados, norteados por uma memória de longo prazo que o livra dos riscos do inesperado" (2004, p.179).

O conjunto desses níveis compõe o leitor imersivo, que imerge no espaço digital conhecido como ciberespaço[20], um mundo virtual que se abre quando o usuário se conecta a rede mundial de computadores através de um *mouse*, de um teclado ou até da realidade virtual, um sujeito que iria navegando, descobrindo e interagindo com o novo universo repleto

[20] Segundo Lévy (1999b, p.17) "O ciberespaço (que também chamarei de 'rede') é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo".

de diferentes signos. É o espaço das diferentes mídias, onde o navegador "lê, escuta e olha ao mesmo tempo" (SANTAELLA, 2004, p. 182), mas que também tem a possibilidade de escolher o caminho a ser seguido, de modo dessemelhante ao do livro impresso que, ao menos formalmente, em sua materialidade, parece adequar-se a leitura linear da esquerda para a direita, sem a possibilidade da criação ou o acionamento, em *link*, de um novo texto ou em uma nova página, topologicamente acessível.

Essa forma estática de textos que compõem o livro material, impresso, confronta com o texto criado nas esferas do ciberespaço, o hipertexto. Tal mundo de significações a que os sujeitos da comunicação têm a possibilidade de construir e remodelar, na acepção de Lévy (1999a) contém seis princípios abstratos que restringem as possibilidades de interpretações do modelo de hipertexto. São eles:

- **Princípio de metamorfose:** a estabilidade hipertextual é fruto de um trabalho dos atores envolvidos, "sejam eles humanos, palavras, imagens, traços de imagens ou de contexto, objetos técnicos, componentes destes objetos, etc" (LÉVY, 1999a, p.25);
- **Princípio de heterogeneidade:** A composição do hipertexto é heterogênea quanto aos seus nós e conexões no que tange sua memória, os formatos de comunicação e o processo sociotécnico;
- **Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas:** Cada nó ou conexão da rede hipertextual (microrrede) pode estar ligado à outra rede (macrorrede), de forma que o hipertexto se organiza em um modo "fractal".
- **Princípio de exterioridade:** a composição do hipertexto é exterior a ela, não possui motor interno, nem unidade orgânica: "Seu crescimento e sua diminuição, sua composição e sua recomposição permanente dependem de um exterior indeterminado: adição de novos elementos, conexões com outras redes, excitação de elementos terminais (captadores), etc" (LÉVY, 1999a, p.26).
- **Princípio de topologia:** O caminho dos acontecimentos é uma questão topológica, uma vez que não há espaço universal homogêneo onde haja forças de ligação e separação, onde as mensagens poderiam circular livremente. [...] A rede não está no espaço, ela é o espaço" (LÉVY, 1999a, p.26).
- **Princípio de mobilidade dos centros:** A rede hipertextual tem diversos centros móveis e não um único. Cada centro salta de um nó a outro "trazendo

> ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, de rizomas, finas folhas brancas esboçando por um instante um mapa qualquer com detalhes delicados, e depois correndo para desenhar mais à frente outras paisagens de sentido" (LÉVY, 1999a, p.26).

Além disso, o leitor do século XXI seria um sujeito de raciocino veloz, que tem familiaridade com o computador e internet, "que sente prazer em praticamente tudo o que faz *on-line*; [...] que está disposto a experimentar novas formas de ser; um sujeito multitarefa, que faz diversas coisas ao mesmo tempo [e também] que é ágil e está em constante movimento (mesmo quando seu corpo está imóvel)" (NICOLACI-DA-COSTA, 2005, p.81). Tal sujeito para Veen e Vrakking, chama-se *homo zappiens* que, ao contrário do *homo sapiens*, cresceu "em um mundo onde a informação e a comunicação estão disponíveis a quase todas as pessoas e podem ser usadas de maneira ativa" (2009, p.29)

O *homo zappiens*, na concepção dos citados autores, pertenceria a geração nascida a partir do final dos anos 80 do século XX, em meio à emergência tecnológica. Seriam pessoas que, desde os primeiros anos de vida estariam conectadas à tecnologia e à comunicação. Estariam acostumadas a zapear incessantemente com o controle remoto da televisão por uma imensa variedade de canais a que teriam acesso, pela televisão paga. Também navegariam na internet com tal habilidade que esta poderia ser vista até como uma atividade inata, dado o nível de destreza na utilização do *mouse* e no processo cognitivo acionado para navegar entre os nós e conexões. Além disso, essas duas atividades, a de ver televisão e de navegar na internet, aconteceriam simultânea e concomitantemente com outras de comunicação, como através de aparelho de celular e de mensageiros instantâneos, a exemplo do MSN. Neste, por sua vez, encontraria seus amigos reais, os colegas da escola que há pouco haviam encontrado, e outros virtuais, a que provavelmente nunca conhecerão.

Esta seria uma geração preocupante na visão de pais e educadores devido ao sedentarismo, a falta de relações sociais "reais", bem como pela rapidez com que querem as coisas e as informações, demonstrando falta de paciência. No processo contrário, esses jovens veriam a escola como "apenas uma parte de sua vida: não é a principal atividade. As crianças sabem que têm de ir à escola e fazer testes, mas a escola parece mais um lugar de encontro de amigos, um espaço social, do que um lugar para aprender" (VEEN; VRAKKING, 2009, p.32).

A instituição escolar, para esses novos sujeitos, não seria um lugar desafiador, o conteúdo trabalhado seria irrelevante às suas vidas futuras e, em especial, às suas vidas atuais.

O monológico e linear quadro com giz contrastaria em demasia com a hipertextual multimídia, com suas luzes, cores e possibilidades de imersão. Estas características do ciberespaço teriam acabado por delinear uma geração que diferenciaria não apenas no nome de gerações anteriores (X, coca-cola, saúde, pós-guerra), mas nas suas maneiras de ser, de agir e de pensar.

Para Xavier (2007), o novo leitor surgido em meio às esferas líquidas do mundo digital e às tecnologias do século XXI seria o *hiperleitor 2.0.* Este não seria um ser passivo que se limitaria a apenas receber e absorver as informações, mas sim um participante ativo da criação do mundo virtual que, ao assumir esse papel, tornar-se-ia cada vez mais criativo e crítico. Surgido na chamada *Web 2.0*, a segunda geração da internet, marcada pela ampliação e potencialização do recurso da interatividade, o novo leitor seria um sujeito que pensa em rede e cria palavras-chave a fim de tornar sucinta sua pesquisa já que não há mais tempo para contemplação. Ele "age como se não houvesse mais tempo para olhar os sítios digitais, porque precisa urgentemente fazê-los, disponibilizá-los e aguardar a repercussão por outros hiperleitores 2.0, a qual não tardará a aparecer" (XAVIER, 2007, p.47).

Isso se dá porque este hiperleitor possuiria uma ânsia de fazer acontecer com as próprias mãos, com sua própria subjetividade, mas que também necessitaria de um público, de outro hiperleitor que contribua e ajude a fazer sentido àquela escrita. Afinal, para que escrever se não há quem leia? Essa seria uma das lógicas desses novos sujeitos 2.0, "protagonistas que atuam, montam e consomem a narrativa virtual com sabor de realidade proporcionada pelo incremento da tecnologia somada à sensibilidade humana." (XAVIER, 2007, 48-49)

Nesse sentido, o leitor imersivo, o *homo zappiens* ou o *hiperleitor 2.0,* diferentes nomenclaturas para o mesmo sujeito, seriam pertencentes a essa nova era da tecnologia, caracterizados pela ânsia da participação nesse grande espaço virtual, denominado por Lévy como ciberespaço e definido como "o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores" (1999, p.17). Estes novos sujeitos também ajudam a construir "o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço" (1999, p.17), a cibercultura. Desse modo, em meio à cibercultura foram desenvolvidos novos conceitos para antigas concepções: *ciberespaço* (espaço), *virtualidade* (realidade), *hipertexto* (escrita linear), *tempo real* (tempo). Estes novos conceitos teriam mudado as lógicas de pensar e de agir dos sujeitos que, por sua vez, teriam passado a absorver a lógica da rede construída por nós e conexões: "Uma lógica de excessos, agilidade, integração, relativização e *expertise* jovem. Uma vez absorvida, essa lógica era transportada para o mundo *off-line* e produzia

profundas alterações também nos modos de agir e de ser desses sujeitos" (NICOLACI-DA-COSTA, 2005, p.76).

A linguagem utilizada neste espaço virtual e, muitas vezes, na escola, nos textos dos alunos também teria sido modificada, tornando-se mais abreviada, econômica, objetiva e espontânea, como os programas, sites e ferramentas utilizados (chat, MSN, *Orkut*, *e-mail*) e a necessidade de agilidade por parte dos usuários, que teriam associado a lógica da rapidez da cibercultura, como Nicolaci-da-Costa afirma: "Embora adquiridos on-line, esses usos também cruzavam a fronteira entre o virtual e o real e passavam a influenciar os empregos de linguagem". (2005, p. 76). Além disso, surgem novas possibilidades de relacionamentos, aproximando psicologicamente os usuários em detrimento da geografia, como teria assimilado o *homo zappiens*. Estas novas características entram em choque com antigos, mas ainda vigentes valores sociais como aconteceu em outras épocas, com otimistas em relação ao novo, que oprime e assusta, e o antigo, seguro em ver e ser. Para Lévy, a questão crucial em relação à novidade "não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural" (1999b, p.12).

Portanto, denominações diversas para sujeitos emergidos das tecnologias do século XXI, como leitor imersivo, *homo zappiens* ou *hiperleitor 2.0* já existem espontaneamente, em qualquer lugar do mundo, pelas demandas da sociedade em rede na visão de otimistas tecnológicos ou, em determinados casos, necessita ser formado?

3 A ESCRITA NA INTERNET: O *BLOG* E O NOVO AUTOR

"Oh, que encontro estranho
e como toda a situação
faz minha cabeça girar em círculos!
Sinto-me como se estivesse dentro de um sonho.
Tudo isso pode ser possível
ou pelo menos uma pequena parcela?
Se eu não houvesse lido antes o diário,
me recusaria a aceitar até mesmo a possibilidade".
Diário de Mina Harker - *Drácula*

"É possível que os diaristas virtuais
busquem no outro um espelho".
(Denise Schittine, 2005, p.66)

O século XXI abre possibilidades ao surgimento de um novo leitor, um sujeito pertencente a uma geração ávida por novos conhecimentos, em específico quando estes conhecimentos envolvem tecnologia. Seriam, sob determinadas condições, crianças e jovens que se interessariam em ler e escrever em um suporte muito distinto do que seus pais talvez ainda não conheçam todo potencial e que, sem dúvida, não tinham contato na época de sua escolarização, de seu processo de letramento. Por outro lado, há que se avaliar um universo de contraste na formação dos sujeitos, em função de disparidades econômicas, sociais, regionais etc. Muitos jovens desfavorecidos pela condição financeira ainda não conhecem esse novo mundo que ainda é privilégio de uma minoria: a nova relação com a leitura e a escrita, o surgimento de um novo autor e um novo leitor.

Neste capítulo, portanto, serão ponderadas algumas considerações em relação à essa nova autoria e ao impacto nas formas de escrever, ler e até de ser quando se adentra na blogosfera, o espaço destinado aos *blogs*, os diários do século XXI. Assim, principia-se com um resgate dos velhos confidentes de papel que há séculos foram companhias indispensáveis e, muitas vezes, as únicas de seus diaristas para revelar sentimentos, emoções, mágoas e até informações das mais secretas. Posteriormente, apresenta-se o novo diário e alguns números importantes que revelam a notoriedade alcançada em pouco tempo de uma escrita pessoal, de si, para os outros, os insaciáveis leitores e críticos.

E, por último, serão apresentadas novas formas que ajudam a saciar essa vontade de ler e também de ver no *blog*. Na verdade, seriam desdobramentos do *blog*, surgidas em pouco tempo que aqui serão tratadas como novos gêneros. Um, em especial, receberá destaque pela progressiva conquista de usuários, em uma escrita enxuta de apenas 140 (cento e quarenta) caracteres, mas cheia de significados, os *microblogs*.

3.1 Do confidente de papel ao comunicador virtual

Há muitos séculos, escrever em diários foi uma prática comum entre as pessoas, em específico entre as mulheres, como forma de guardar pensamentos, sentimentos, fatos e memórias. O diário seria um "alguém" que guardaria até os mais ocultos segredos, jamais pronunciados a outros por falta de coragem ou de confiança, ao mesmo tempo em que o diarista se sentiria nutrido por uma necessidade de desabafo e veria nas páginas de papel a conveniência de uma companhia silenciosa.

Nos estudos literários, muito já foi discutido se os diários e as autobiografias seriam realmente literatura, uma vez que aqueles eram tratados como um gênero menor pelo fato de um grande número de pessoas escreverem e não apenas os aclarados pela essência literária (raros, segundos os próprios). Entretanto, acabou-se por convencionar que estes escritos (diários, memórias e autobiografias) pertenceriam à chamada "escrita do eu", que não visa, necessariamente, um leitor. Schittine (2004) assinala alguns teóricos que estudaram a "escrita do eu" ou "escrita íntima" que, em seus estudos, fizeram algumas relações entre as próprias escritas e a História. O primeiro apontamento viria de Paul de Man que acreditava que "a autobiografia não é um gênero ou um modo, mas uma 'figura de leitura' (ou de compreensão), que ocorre em algum grau, em todos os textos" (p.10). Por sua vez, Philippe Leveuje acredita na possibilidade de tal escrita, a do diário, tornar-se "fonte de pesquisa" (p.10) e de vislumbrar-se a possibilidade de um leitor ao escrever. Assim, tais registros, quando perpassados no tempo, tornar-se-iam ricos materiais de leitura e compreensão do patrimônio histórico e da cultura da humanidade, revelando fatos que talvez de outro modo nunca se soubesse[21].

É o caso do conhecido diário de Anne Frank, menina que, aos 13 anos de idade, viveu os horrores na perseguição nazista aos judeus. Ela teria permanecido com sua família, por dois anos, em um cômodo secreto de sua casa, onde manteve diariamente seus escritos. Há

[21] Entretanto, há que se salientar que muitos escrevem pela simples vontade ou necessidade de escrever e, passado algum tempo, eliminam todo o material.

muita polêmica em volta de tal diário que teria sido fraudado após a morte da menina, aos 15 anos de idade, vítima de tifo. Entretanto, os relatos de uma jovem em formato de diário tornaram-se um símbolo e um exemplo para jovens de gerações posteriores, que passaram a também fazer seus relatos pessoais e seus próprios "desabafos", expressão usada pela própria na memória do dia 20 de junho de 1942:

> Faz alguns dias que não escrevo porque eu quis, antes de tudo, pensar neste diário. É estranho uma pessoa como eu manter um Diário; não apenas por falta de hábito, mas porque me parece que ninguém – nem eu mesma - poderia interessar-se pelos desabafos de uma garota de 13 anos. Mas, que importa? Quero escrever; e, mais que isso, trazer à tona tudo o que está enterrado bem fundo do meu coração. (FRANK, 1947, p. 14)

Na primeira memória do diário da menina, em 12 de junho de 1942, ela escreve o seguinte: "Espero confiar inteiramente em você, como jamais confiei em alguém até hoje, e espero que você venha a ser um grande apoio e um grande conforto para mim". O que ela não imaginava é que o livro ganho de presente, e que ela passou, por dois anos, a chamar de *Kitty*, como um interlocutor real, seria um dos seus únicos confortos em meio à violência da guerra. Após a morte de Anne, o diário foi publicado e traduzido para 68 idiomas, além de ser reproduzido no cinema, primeiramente em 1959 com o filme *O diário de Anne Frank* e, posteriormente, em 2001 com *Anne Frank - The Whole Story*.

Na literatura, diários íntimos no estilo ficcional também foram de suma importância dentro da narrativa, no desenvolvimento das ações, como no caso da obra *Drácula,* de Bram Stoker, em que os personagens, com exceção do próprio conde Drácula, mantêm diários íntimos de suas experiências no contato com o conde, seus temores e suas expectativas que, no conjunto da obra literária, fornecem ao leitor subsídios necessários para o entendimento do enredo. Ao mesmo tempo, os diários servem como "arma" contra as forças do mal no momento em que os personagens decidem reunir o material escrito, copiar em máquina de escrever e guardar todo o conteúdo em um cofre como forma de guardar em local seguro todas as informações relevantes que poderiam vir a salvar suas vidas e as de todas as pessoas à mercê do maléfico conde Drácula. Isto pode ser percebido, entre tantas outras passagens, no relato do diário do Dr. Seward, um dos personagens, no dia 3 de abril:

> Procurarei relatar os acontecimentos com a maior exatidão possível e com todos os pormenores que eu conseguir recordar, desde minha última anotação. Nenhum detalhe do que ainda guardo na lembrança deve ser deixado de lado. Preciso prosseguir com toda a calma para atingir esse objetivo (STOKER, 2003, p. 269).

Muito tempo depois da escrita do diário de Frank, da obra de Stoker e de tantas outras obras de cunho biográfico no formato de escrita íntima, reais ou ficcionais[22], os diários tradicionais de papel deixam de ser usados, surgindo em um novo suporte, com diferentes temas e funções. São os *weblogs*, mistura de *web* (página da internet) e *log* (diário de bordo), que se popularizaram com o nome de *blog*. São versões digitais de diários íntimos, da escrita de si, que ultrapassaram esta fase para tornarem-se referências de subjetividade, informação e leitura na rede mundial de computadores. Os *blogs* tornaram-se populares a partir do ano de 1999 com o sistema *Blogger*, do gigantesco *Google*, que passou a hospedar, de forma gratuita, as páginas, registrando-se em toda a *web* cerca de vinte e três *blogs*. Isso se sucedeu até o momento em que "começaram a chamar a atenção da mídia em 2002 quando se registrava a existência de meio milhão de sites desse tipo. Na época, estimou-se que 41 mil novos *blogs* foram criados a cada mês" (BEIGUELMAN, 2005, p.69).

Seguindo os passos da pesquisa realizada por Beiguelman (2005) que em 2003 e, posteriormente, em 2005 digitou a palavra *blog* no site de buscas *Google*, verificou o resultado de, respectivamente, 3.390.000 e 145.000.000 indicações de *blogs*, ao final do ano de 2009, ao digitar-se a palavra *blog*, no Google Beta[23], o saldo foi ainda mais assombroso: 3.915.457.438 indicações! Tal número confirmaria, de certa forma, a "premonição" feita pelo fundador da *Weblogs Inc.,* Jason McCabe Calacanis, em 2004, em entrevista ao site *The clickz Network*[24], quando faz uma afirmação a respeito do futuro dos *blogs*: "Portanto, menos de 1% do país está blogando, mas esse número vai crescer nos próximos cinco anos a certa porcentagem das pessoas que hoje possui e-mail" [25]. E o site rebate: "Enquanto ele estava exuberante o suficiente para prever que a porcentagem será de 50% do número de usuários de *e-mails* diários em 2009, o ponto sobre o número de *blogs* regularmente atualizados é mais fácil de ser comprovado".[26]

---

[22] Atualmente, muitos diários fictícios eclodiram na literatura direcionada ao público juvenil, como o fenômeno entre as meninas "O diário da Princesa", de Meg Cabot, que já possui vários volumes acerca da história da transformação da simples adolescente americana, Mia, na princesa de um pequeno país e tudo o que mudou em sua forma física, seu modo de pensar e agir, seu processo de amadurecimento que concorda com o sonho e o processo de maturação de suas próprias leitoras. E, mais recentemente, na cadência da temática vampiresca romântica, muito distinta de Drácula, surge "O diário do vampiro", que está lançando em português no Brasil o seu terceiro volume. Os dois, "O diário da princesa" e "O diário do vampiro", respectivamente, já viraram filme e série de sucesso. Há, como interessante tema para pesquisa, muitos outros títulos com a temática diário que tiveram e continuam tendo importância, bem como influenciaram diferentes gerações de crianças e jovens.

[23] Ferramenta disponível pelo *Google* para pesquisas de *blogs*.

[24] Disponível em www.clickz.com/showpage.html?page=3438891 Acesso em 10 nov. 2009.

[25] "So less than 1 percent of the country is blogging, but that figure is going to grow over the next five years to some percentage of the folks who email today

[26] "While he was über-exuberant enough to predict that percentage will be 50 percent of the number of daily email users by 2009, the point about the number of regularly updated blogs is easier to substantiate."

Se o número de *blogs* já chegou a metade do número de usuários com contas de *e-mail,* é necessário que se faça outra pesquisa do gênero que seja consistente. Entretanto, o número de *blogs* indicados traz um importante perfil acerca da quantidade de pessoas que já adentraram na blogosfera. Segundo o IBOPE, que divulgou a pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil em abril de 2008, "cerca de 40 milhões de brasileiros utilizam a rede regularmente. Deste total, 64% participam de sites de comunidades e 13% criam ou atualizam *blogs*"[27].

Outra informação relevante é a tabela (Tabela 4) que o artigo *The Blogosphere By the Numbers,* do já citado *site The clickz Network,* traz acerca da faixa etária dos blogueiros:

Tabela 4: Demografia do Blog

Blog Demographics		
Age Range	**Blogs Created by Age**	**Percent**
10-12	55,500	1.3%
13-19	2,120,000	51.5%
20-29	1,630,000	39.6%
30-39	241,000	5.8%
40-49	41,700	1.0%
50-59	18,500	0.4%
60-69	13,900	0.3%
Total	4,120,000	100%
Source: Perseus Development Corp.		

A investigação foi realizada pelo grupo *Perseus Development Corp* no que eles denominaram de "Demografia do *Blog*" (Tabela 4)[28]. O estudo revelou que o maior número de *blogs* teria sido criado por pessoas com menos de 30 e mais de 13 anos de idade (91,1%), enquanto que o menor número estaria na faixa mais madura, entre os 50 e 60 anos de idade (0,7%). Claro que esses números se referem à criação de *blogs* e não à efetivação e atualização diária, que seria muito difícil de ser revelado em números. A pesquisa ainda não traz se esses indicadores numéricos se referem a todo universo *blogueiro*, correspondendo a

27 Disponível em: www.ibope.com.br Acesso em 11 nov. 2009.

[28] A primeira coluna traz a faixa etária dos blogueiros, a segunda o número de *blogs* criados e a terceira a porcentagem de usuários. Disponível em: http://www.clickz.com/3438891. Acesso em 10 nov. 2009.

diversos países, ou se é uma pesquisa dentro do território americano, onde se localizam os institutos citados.

Assim, o que se tem por certo é que milhares de *blogs* são criados ao ano, inclusive no Brasil, conforme se pode ver nos números da pesquisa do IBOPE e que tantos outros centros de pesquisa revelam também. Todavia, o que motivaria e quais seriam os intuitos de tantas pessoas em se exibir diariamente em uma página na internet? Sua intenção seria apenas de divulgar fotos, vídeos, sentimentos, notícias, mensagens, poesias, textos literários, músicas, piadas, protestos, comentários...? Na seção seguinte, começa-se a entender o porquê.

3.2 A escrita de si para os outros

Os diários tradicionais sempre segredaram os mais profundos sentimentos e declarações pela vontade de seus donos de desabafar, aliviar seu interior, guardar fatos como lembrança ou até como alerta para que, em acontecimentos vindouros, as coisas sucedam-se de forma distinta, não esperando que alguém leia ou – muito pelo contrário – desejando que tudo fique guardado (muitos diários chegavam a trazer pequenos cadeados para que nada "escape" das páginas). Transpondo este tempo, nos diários virtuais, entretanto, há uma visível necessidade de ser lido, de que o leitor compartilhe seus pensamentos. Conforme Schittine (2004, p.23), "Essas mudanças, que aparentemente parecem objetivar o diário íntimo e afastá-lo de sua função confessional, são na verdade marcas de uma nova maneira de escrever sobre si próprio, mas ao mesmo tempo comunicando ao outro".

Há uma necessidade tão grande de compartilhamento de conteúdo e de ideias, que os blogueiros chegam a utilizar as mais diversas ferramentas, como o site de relacionamentos *Orkut*, para a divulgação de seus *blogs* em comunidades e em mensagens aos perfis dos usuários. Na comunidade *Blogger Divulgações*[29], por exemplo, com 32.473 usuários, há fóruns de discussão que tratam, entre muitos assuntos inerentes ao universo blogueiro, da própria divulgação do *blog*, pedidos para "seguir" *blogs* e também para que se comente nestes. Assim, cria-se uma rede de blogueiros fora do próprio *blog*, em outro site. Outras possibilidades de divulgação referem-se aos portais que se dispõem a divulgar e hospedar os endereços dos *blogs*, tais como o *Eaton Portal*[30], principal diretório mundial de divulgação dos *weblogs*, que os divide em categorias temáticas para facilitar as visitas e o encontro de *blogs* de interesse do leitor. Ainda, há a possibilidade de busca por nome.

---

[29] Disponível em: http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=424008 Acesso em 03 out. 2009.
[30] Disponível em http://portal.eatonweb.com. Acesso em 05 nov. 2009.

Igualmente, a comunicação com o outro, à que se refere Schittine, materializa-se nos espaços das postagens[31] dedicados aos comentários dos leitores dos *blogs*, que possibilita uma aproximação intelectual e interativa com estes que, por sua vez, têm a oportunidade de escrever comentários, compartilhando também suas impressões. Muitas vezes esses comentários podem ser feitos de forma anônima se o dono (ou autor) ativar esse comando nas configurações de seu *blog*, isso quando não seleciona quais comentários vão aparecer na rede.

Da mesma forma, outros blogueiros leem *blogs* de companheiros da *blogosfera*[32], deixam um comentário qualquer e o endereço de seu próprio *blog*, pedindo para que se faça uma visita e/ou que se indique em sua página como um *blog* lido e recomendado pelo autor. Isto porque um dos objetivos dos *gadgets*[33] é o de que se indiquem quais *blogs* que o dono costuma ler e visitar, ou seguir, na linguagem da internet, o chamado *blogroll*. Muitos *blogs* possuem tantos acessos e são lidos por tantas pessoas que viram referências das mais diversas áreas; dessa maneira, ter o seu *blog* como referência é uma espécie de honraria para muitos blogueiros. Em contrapartida, os donos desses sucessos da rede, muitas vezes, advertem que somente colocam os endereços dos *blogs* realmente lidos e que não adianta fazer pedidos. Como se verifica no *blog* "Saco de filó (e sem fundo)": "Não negocio links.. leio. Os links abaixo eu recomendo..."[34]

Através de análise de vários *blogs*, pode-se perceber, também, que muitos autores acabando escondendo-se atrás da *persona* de seu diário virtual, assumindo outra identidade e assinando como tal. Assim, a autoria blogueira seria um desdobramento da vida do próprio sujeito, uma personagem criada com vida *on-line* e que possibilita a ele ser e fazer (escrever) o que quiser e o que sentir prazer ao realizar em um meio distinto do real onde está inserido: "[...] os diaristas se tornam autores de seus textos e de si próprios. Novas identidades surgem com uma interação social totalmente literária, daí a ligação tão forte entre a escrita eletrônica e o romance, ao qual ela durante tanto tempo lutou para se contrapor" (SCHITTINE, 2005, p. 59-60). Ainda, para a mesma autora, no ambiente virtual o blogueiro possui espaço para suas ideias e relações de amizade, "que compensa o seu déficit de relações pessoais"[35]:

---

[31] As escritas, inserções de músicas, vídeos, imagens, entre outros recursos multimidiais, colocadas nos *blogs* são chamadas de *postagens* pelo sistema. Esta linguagem ainda é utilizada pelos próprios diaristas ou *blogueiros*, como são conhecidos na rede, como "post".

[32] Mundo dos *blogs*, inserido no ciberespaço.

[33] Ferramentas disponíveis pelo provedor *Blogger* para personalizar as páginas pessoais. Na definição em Wikipédia "***Gadget*** *(do Inglês: geringonça, dispositivo)* é uma gíria tecnológica recente que se refere, genericamente, a um equipamento que tem um propósito e uma função específica, prática e útil no cotidiano". Disponivel em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Gadget. Acesso em 13 nov. 2009.

[34] Disponível em: http://www.sacodefilo.com/ Acesso em 13 nov. 2009.

[35] Aqui abro um parêntese quanto à falta de relações pessoais a que Schittine se refere, porque muitas vezes esse sujeito possui amigos, colegas de trabalho e familiares que possuem assuntos e interesses em comum, mas o

> São amigos feitos à distância que, segundo Philippe Lejeune, criam um compromisso prazeroso, uma sociabilidade segura, que nós fazemos sozinhos, desembaraçados de nossos próprios corpos e de nosso ser social, expondo apenas o lado de nós mesmos que queremos mostrar... a nossa alma. É uma maneira de conciliar o público e privado sem que uma coisa se confunda com a outra, com ajuda da mediação do computador (2005, p. 58-59).

Um círculo de amizade e, também, de compartilhamento de conteúdo que se concretiza quando da motivação para a leitura de determinados *blogs* e não de outros. Dessa forma, além das diferentes áreas de interesses que serão tratados posteriormente, a ânsia por ver (ler) a intimidade alheia e de notar o quanto esta se aproxima ou confirma sua própria analogia e pensamentos, seria um dos principais propulsores para o acesso de *blogs*. Jenkins, pesquisador das convergências midiáticas no circuito das relações humanas e tecnológicas, afirma que:

> Blogueiros não têm a pretensão de serem objetivos; são quase sempre simpatizantes, sem nenhum constrangimento; quase sempre lidam com boatos e insinuações; e, como veremos, há evidências de que são lidos principalmente por aqueles que já concordam com os pontos de vista declarados pelos autores (2008, p.281).

O fenômeno *blog s*eria uma espécie de *Big Brother*, tanto o televisivo com anônimos confinados em uma casa vigiada 24 horas, fazendo as mais diversas atividades numa tentativa desesperada de se tornar famoso (ainda que pelo restante de suas vidas sejam taxados de ex-BBB), ou o original ficcional, o Grande Irmão da obra "1984", de George Orwell, em um regime opressor e totalitário em que todas as pessoas eram vigiadas e controladas para não fugir de um regime padrão. No mundo da blogosfera, os leitores leriam os *posts* diariamente por sentirem-se próximos ao que o autor escreve e, quando estes não escrevessem, fariam a "opressão" ao pedir que escrevam. Há muitos relatos de blogueiros que se sentem oprimidos pela obrigação[36], ou pelos "encargos de se escrever tão proximamente do leitor", conforme Rettenmaier (2009, p.87-88). É o que se pode inferir da leitura do *blog* de Clarah Averbuch:

> [...] blog é uma merda. Se você não escreve no blog, te mandam e-mails reclamando do abandono, se está se sentindo mal e escreve no blog, te escrevem reclamando que você reclamou. Se você está feliz e escreve no blog, te acusam de só falar de si mesmo. Se você cansou de ficar reclamando e ficando feliz publicamente porque causa muito furor e foi trabalhar, dizem que você está negligenciando seus importantíssimos leitores. Então você publica um trecho de seu

---

escritor, ao estar na frente do computador em seu *blog* (e em outros recursos da informática), se abre para alguém que está no seu íntimo e que os outros, os da vida "real" não compartilham.

[36] Nunca, a exemplo das escolas, algo obrigado foi prazeroso.

> novo livro no blog e ele VIRA UM LIVRO DE BLOG. Se você escreveu uma crônica e publicou no blog, ele vira um FATO CUSPIDO E NARRADO EM UM BLOG. Depois ainda perguntam porque eu canso. (AVERBUCK apud RETTENMAIER, 25 out. 2008 – http://adioslounge.blogspot.com)

Ainda sobre tais encargos, Roberta Mix, do *blog Mix Total,* em uma postagem intitulada de "Quer ser blogueiro? Deixe de lado sua vida real!", relata uma experiência no momento em que, temporariamente, abandonou sua vida no universo blogueiro e perdeu leitores:

> Semana passada tive que me dividir em quatro, pois minha mãe fez uma viagem. Tive que além de trabalhar fora e administrar meus blogs, cuidar da casa sozinha – tarefa pela qual não faço há 24 anos, ou seja, minha idade.
> **Resultado:** minha dedicação ao blog ficou um pouco limitada e pude perceber um pouco a queda de visitas. Tudo que consegui ao longo de quase um ano blogando, por mais um pouco ia para água abaixo. Isto já havia acontecido antes quando fiz uma viagem de quatro dias em um feriadão. Até que ponto ser blogueiro é saudável em nossa vida?[37]

Estabelece-se um conflito entre os campos públicos e privados, no entrecruzamento de vida virtual e vida real (*on-line* e *off-line*), um dos elementos que Schittine destaca quanto ao diário em papel, que toma uma nova roupagem quando inserido no meio virtual:

> [...] a memória (imortalidade e permanência), o segredo (o contar ou não a intimidade a um desconhecido), a tensão entre o espaço público e o privado (que vai aumentar com a passagem para a internet) e a relação com o romance (ficção) e com o jornalismo (a observação dos fatos). Tudo isso tentando não perder de vista quem é esse autor, seus desejos, anseios e o que pretende com a abertura do terreno íntimo para o público (2004, p. 14-15).

Também, na visão de Nicolaci-da-Costa, os *blogs*

> [...] são um gênero híbrido de escrita de si, gênero este que submete a um constante processo de definição e redefinição as fronteiras entre o público e o privado. Isso porque os *blogs* conjugam – em diferentes proporções – as características comumente associadas a três diferentes gêneros de escrita de si: a) aquelas encontradas nos diários íntimos tradicionais; b) aquelas encontradas nas correspondências íntimas; c) aquelas da escrita de si destinada à publicação (2005, p.79).

Entretanto, não apenas os "meros" leitores necessitam desse contato, dessa leitura diária e imediatista dos *blogs*. Os próprios autores leem outros *blogs* na ânsia de ver o que está sendo produzido e o que reflete na sua produção, como se pode verificar em um trecho na entrevista de um blogueiro, o *e-poeta* Komninos Zervos, a Beiguelman (2005):

---

[37] Disponível em http://www.mixtotal.net/2008/07/quer-ser-blogueiro-deixe-de-lado-sua.html Acesso em 06 nov. 2009.

> É muito interessante saber que posso entrar nos blogs de outros escritores e saber o que eles estão criando e pensando, diariamente, mas isso transforma o artista numa espécie de transmissor ligado 24 horas por dia, de segunda a segunda. Pode ser que isso crie problemas, na medida em que a manutenção dessa telepresença on-line, que deve ser constantemente atualizada e necessita do "feedback" dos outros para se afirmar, demanda muitas horas diante do computador. (p.73)

Assim, o blogueiro que é acessado diariamente por milhares de pessoas e que também acessa outros *blogs* torna-se, voluntariamente, uma celebridade instantânea e um leitor midiático insaciável em um universo de grandes irmãos reunidos pela escrita nas mais distintas áreas e temas, que terminam por se subdividir em temáticas e gêneros de *blogs*.

3.3 Áreas (e públicos) de interesse em *blog*

A escrita do *weblog* estaria diretamente ligada às áreas de interesse de seu autor. Verificam-se na internet os mais variados temas e tipos de *blogs*, desde os mais íntimos e subjetivos, remetendo ao diário tradicional, de papel, de tom confessional; de poesia (da autoria do próprio blogueiro ou não); os ficcionais, com a postagem de contos e, inclusive, pequenos romances; até a crítica ou divulgação de música, filmes, jogos de computador, futebol, que fazem parte do universo de divulgação do jornalismo. Ou um jornalismo de ensaio, já que o *blogueiro* não é exatamente um repórter, mas alguém que noticia e comenta algo que está em voga no momento, e/ou um tema que possivelmente interessaria e entreteria seu leitor, sempre em tom de informação. É claro que há exceções, como o conhecido blogueiro Ricardo Noblat, jornalista de "O Globo" que se tornou referência de confiabilidade nas notícias a respeito da política no Brasil no denominado "Blog do Noblat"[38]. Entretanto, o autor já era um repórter ao criar o diário virtual e a experiência adquirida fora da rede refletiu em seu trabalho como blogueiro.

Parece inegável, contudo, que o gosto do leitor, de quem vai acessar o *blog*, acabe pesando na escolha do autor por determinado assunto, uma vez que ele sente a necessidade de ter um público leitor que acesse sua página diariamente e que interaja ao comentar e deixar suas impressões. Isso pode ser percebido em uma postagem no *blog* de Juremir Machado da Silva:

> Ontem, postei o texto abaixo. Houve alguma reação de leitores. Ainda muito tímida. O meu projeto de aposentadoria continua. Sem, ao menos, 200 comentários a este post, prometo que meus inimigos ficarão felizes: pendurarei as chuteiras. Vou comprar um sítio em Palomas. Aceito qualquer coisa, menos perder para um

[38] Disponível em http://oglobo.globo.com/pais/noblat/. Acesso em 04 nov. 2009.

> chato como o Paulo Santana (aquele apóstrofo é de numerologia). Estou dando uma oportunidade aos meus oponentes. Aproveitem! Sou também um reles chantagista. Fiquei emocionado com alguns dos comentários apiedados. A compaixão é importante na vida[39].

O meio de o blogueiro conseguir essa "audiência", além de, muitas vezes, responder ou publicar *posts*[40] sobre determinado comentário, como se viu acima, é, de certa forma, escrever sobre o que esses leitores gostariam de ler. Isso incide diretamente sobre o que os próprios afirmam em seus registros, como: "Seguindo o comentário tal, escrevi sobre..." entre outros, a exemplo do que segue:

> Deopis [sic] de um mês de estudo e desenvolvimento, mais outro mês parado por causa de tempo (padrão), estou postando a nova versão do **Projeto Morg**, agora na **0.6**. Para quem ainda não sabe do que se trata, veja aqui a explicação inicial.No post anterior aceitei a sugestão de Suissa, para exibir as mensagens do sistema logo abaixo do mapa. Valeu Suissa.[41]

Essa escrita, então, se parece em muito com as colunas de jornal: uma escrita diária, um texto com extensão limitada e que possui leitores diários que comentam (no caso dos jornais, enviam *e-mails* ou até cartas). E a maneira de responder, além de diretamente o fazer pelo mesmo meio pelo qual foi contatado, é o de comentar em sua coluna. Muitos colunistas chegam a transcrever comentários que acharam pertinentes, como o faz muitas vezes o colunista e autor acima citado, Juremir Machado da Silva, que possui seu *blog* no site do jornal *Correio do Povo*, no qual tem coluna diária

Aliás, a sua prática de colocar comentários de seus leitores na coluna do jornal como forma de mostrar que é lido, corroborar o que afirmou em determinado texto ou ainda apresentar uma nova ocorrência que mereça ou necessite ser compartilhada, também é realizada em seu *blog*, como na postagem do dia 19/11/09, intitulada "Pontal do Estaleiro na Justiça", em que um médico sanitarista explana acerca da reintegração de terra do pontal, pedindo que haja a divulgação de seu apelo.

Assim, o blogueiro, ao escrever sobre determinado assunto e conquistar um público que compartilhe de suas ideias, cria um grupo de afinidade que muito se parece com as

---

[39] Disponível em http://www.correiodopovo.com.br/Opiniao/Default.aspx?Blog=Juremir+Machado+da+Silva Acesso em 20 nov. 2009.
[40] Postagens, na linguagem da internet.
[41] Disponível em http://www.ciin.com.br/danielaccorsi/index.php/2009/07/java-projeto-morg-06/ Acesso em 20 nov. 2009.

amizades da vida "real", face a face. Esse público[42], na maioria das vezes, é composto por outros blogueiros que formam um tipo de corporação ao ter assuntos e interesses em comum. Como se viu anteriormente, muitas vezes essa corporação trabalha, inclusive, no sentido de melhorar algum aspecto social[43]. Segundo Schittine:

> Esses termos da formação de grupos hoje, na internet, remontam a uma época que já foi vivida historicamente: a do surgimento dos clubes, em meados do século XVIII. Foram eles que permitiram à burguesia criar diferenças específicas entre a linguagem íntima e o discurso público. Os integrantes do clube se encontravam nas tabernas e albergues, longe dos cafés que requeriam um contato direto com o público. Para entrar de sócio o indivíduo teria que ser aceito pelos outros. E, embora os agrupamentos da internet sejam mais democráticos, supõem também uma divisão por áreas de interesse que é, claramente, fruto do nível cultural de seus participantes. (2004, p. 91).

Desse modo, o *blog* torna-se um valioso meio de expressão, conexão e comunicação com os outros. Um diário que se presta, nas palavras de Lemos, aos "mais diversos fins, refletindo um desejo reprimido pela cultura de massa: o de ser ator na emissão, na produção de conteúdo e na partilha de experiências" (LEMOS, 2009, p.8) e que, segundo o mesmo autor, é um "sintoma da cibercultura" (p.17), uma cultura que se constrói, atualiza-se e adquire sentido na medida em que está diretamente ligada com a produção imanente das comunidades virtuais. Entretanto

> [...] Isso não significa fim de conflitos e problemas. Como mediar o debate sem centralizar o poder? Como criar mecanismos de confiabilidade nas informações e nos comentários sem implementar regimes corporativos esclerosados? Como criar qualidade e tirar o joio do trigo nessa polifonia planetária? Não há respostas simples para essas questões. (LEMOS, 2009, p.17)

Esse é um ponto a se pensar já que, como fenômenos de comunicação, escrita e leitura, os *blogs* também possuem conteúdos de má qualidade e sem confiabilidade (como em toda a

---

[42] Público que às vezes se torna sócio na escrita de um *blog* em comum. A própria ferramenta do *Blogger* possibilita que se convide alguém para contribuir nas postagens e edições, constituindo uma escrita coletiva, que será tratada posteriormente.

[43] O Jornal Correio do Povo, provedor do *blog* do Juremir, também possui um interessante *blog* colaborativo de leitores (Blog do Leitor), que entrou no ar no início de outubro de 2009. Entretanto, a liberdade de escrita, própria e, de certa forma, objetivo dos *weblogs* não é garantida, conforme se pode observar no sentido implícito da primeira postagem do *blog*: "Notícias, esporte, cultura, entretenimento e muito mais. O site do Correio do Povo quer manter você, leitor, informado sobre tudo que acontece no Estado, no Brasil e no mundo. E mais ainda, queremos saber a sua opinião sobre tudo o que divulgamos. Críticas e sugestões também são bem-vindas. Basta mandar um email para blogdoleitor@correiodopovo.com.br e o seu comentário pode aparecer aqui no *blog*. Participe! *Postado por Marcio Gomes - 01/10/2009 16:40 - Atualizado em 02/10/2009 16:49"*. (grifo nosso)

rede de internet e como, também, na produção livresca), além de centralizar debates quando o autor, dono do *blog*, media e restringe os comentários e/ou as visitas.

Do mesmo modo, em muitos países ainda há o impedimento de expressão através dos *blogs* na censura política que toma toda uma sociedade (como aconteceu há certo tempo com os livros que foram queimados e proibidos em muitas partes do mundo). Isso porque "Dar voz a todos (liberação da emissão), permitir o compartilhamento e a troca de informações (conexão) são poderosas ferramentas políticas de transformação da vida social (reconfiguração)" (LEMOS, 2009, p.13), contrária, é claro, as ideias, intenções e ações de um regime totalitário.

Nesse sentido, lugares como Egito, Tibete e Irã lutam pelo direito de liberdade de expressão, bem como de direitos iguais na sociedade no que se refere a sexo ou religião. Tais países fazem parte de uma realidade muito distinta do que se vê em países livres como o Brasil, em que os blogueiros (e a sociedade como um todo) podem se deslocar e se expressar submetidos a leis mais brandas. Nos Estados que ainda há esse regime de total controle do poder, a morte é a consequência para quem infringe as regras, como destaca Lemos acerca do assassinato de um jornalista por publicar em um *blog* iraniano um texto sobre os direitos da mulher e de religião (2009, p.13). O mesmo autor ainda reproduz um trecho de uma matéria da *Folha Online* de novembro de 2007, que fala sobre a mobilização de blogueiros no Egito contra a tortura nesse país:

> Os blogueiros egípcios, muito ativos no combate às violações dos direitos humanos em seu país, querem realizar na internet um festival de vídeo de torturas. O concurso seria realizado em paralelo ao 31º Festival de cinema do Cairo, informou a imprensa da capital egípcia nesta terça-feira. Entre os prêmios da competição estão Chicote de Ouro. Idealizado por um blogueiro chamado *Walid,* "este projeto de festival paralelo exibirá imagens polêmicas de tortura que teriam sido cometidas pelos serviços de segurança", explicou o jornal egípcio de língua inglesa *The Egyptian Mail.* Os blogueiros egípcios revelaram muitos casos de supostas torturas cometidas por policiais, entre os quais atos de sodomia praticados contra um prisioneiro com um bastão. A cena, filmada com um telefone celular, foi amplamente divulgada na internet, gerando críticas entre os defensores dos direitos humanos e levando à prisão dois policiais [...]

Em Cuba, a questão de liberdade de opinião também é um problema para quem se sente oprimido e decide lutar por seus direitos usando como uma das ferramentas o *blog*. A autora cubana Yoani Sánchez teve seu *blog Generación Y*[44] bloqueado por fazer críticas a

[44] *Generación Y* faz referência à geração nascida entre anos 70 e 80 em Cuba com nomes de origem soviética que principiam com a letra Y. Na apresentação de seu *blog,* Yoani explica a relação do nome e da causa a que ele serve: "**Generación Y** es un Blog inspirado en gente como yo, con nombres que comienzan o contienen una "i griega". Nacidos en la Cuba de los años 70s y los 80s, marcados por las escuelas al campo, los muñequitos

esse país, onde até o acesso a internet e a outros serviços básicos é restrito. Em seu *blog*, quando deste bloqueio, Yoani diz:

> Então, os censores anônimos do nosso famélico ciberespaço quiseram me enclausurar no quarto, apagar a luz e não deixar os amigos entrarem. [...] Meus textos, os de outros blogueiros e jornalistas digitais fizeram com que o laço dos inquisidores fizesse seu papel de ridículo. Com estas pretensões de adolescentes rebeldes, nós ganhamos o tapa, a piscadela e a repreensão severa. No entanto, a reprimenda é tão inútil que dá pena, e tão fácil de burlar que se transforma em um incentivo[45].

Os anônimos a que ela se refere são os sujeitos que bloquearam seu *blog* no ávido por conteúdo espaço da internet, tão ávido que, segundo ela, ao invés de reprimenda castradora, a ação transformou-se em um incentivo para que se escrevesse mais e mais. A autora, para conseguir acessar seu *blog*, que já foi traduzido para dezessete línguas e que é um dos vinte e cinco melhores *blogs* do mundo, segundo a revista *Times*, precisa usar o domínio de internet de outro país. O ".cu"[46] apenas é utilizado por cerca de 200 *blogs* permitidos pelo governo, enquanto outros cerca de 25 utilizam da mesma manobra de Yoani. Por isso, ela afirma que o bloqueio é uma reprimenda inútil que chega a dar pena dos "anônimos".

Recentemente (29/10/2009), foi lançado no Brasil o livro intitulado "De Cuba, com carinho", uma coletânea de crônicas postadas no *blog* da autora cubana. Entretanto, ela foi proibida de sair de Cuba para o lançamento, como já havia acontecido quando foi laureada com o prêmio *Ortega y Gasset*, na categoria jornalismo digital, na Espanha, e o prêmio de jornalismo *Maria Moors Cabot*, da Columbia University, nos Estados Unidos.

Assim como Yoani Sánchez, que teve seus *posts* publicados em um livro, outros autores também publicaram, fazendo emergir um novo gênero de livro: o dos surgidos a partir de um *blog*. Uma das maiores vantagens desta mudança de suporte, contraditório à cibercultura, seria a de democratização do conhecimento, favorecendo leitores que não possuem acesso a internet e que gostariam de ler os conteúdos por lá publicados, além dos direitos autorais que ficariam mais seguros e do ganho dos direitos autorais pela venda do

---

rusos, las salidas ilegales y la frustración. Así que invito especialmente a Yanisleidi, Yoandri, Yusimí, Yuniesky y otros que arrastran sus "i griegas" a que me lean y me escriban." Disponível em: http://www.desdecuba.com/generaciony/ Acesso em 4 nov. 2009.

[45] Así que los anónimos censores de nuestro famélico ciberespacio, han querido encerrarme en el cuarto, apagarme la luz y no dejar entrar a los amigos. […] Mis textos, los de los otros bloggers y periodistas digitales, han hecho que la presilla de los inquisidores haga su ridículo papel. Con estas ínfulas de adolescentes rebeldes, nos hemos ganado el manotazo, el severo guiño y el regaño. Sin embargo, la reprimenda es tan inútil que da pena y tan fácil de burlar que se trueca en incentivo.

[46] Domínio de topo de país na internet designado à Cuba.

livro. Entretanto, com essa mutação, algumas dificuldades podem aparecer: a primeira, inerente à publicação de qualquer livro, é a dificuldade de editar.

Encontrar uma editora interessada e que faça a publicação com certa rapidez contradiz a agilidade do ato de "blogar". Outra desvantagem se refere à perda de recursos visuais, hipertextuais e de conteúdo, que possibilitam ao leitor do *blog* que refaça os caminhos percorridos pelo autor através dos *links* por este deixados, que compare com outras fontes e comentários, que veja vídeos, comente, interaja! *Blogs* e livros são suportes diferentes, com linguagens diferentes... Na passagem de um para outro, algo sempre vai se perder: seja a magia da materialidade de um livro sendo carregado pelo leitor a qualquer lugar, de uma página ao ser manuseada com anseio a cada passagem do texto, ou a hipertextualidade de um *blog* que promove uma leitura dinâmica, rica em conteúdo e agilidade, que possibilita uma maior interação entre autor e leitor.

Contudo, já há algumas tentativas de livros com estrutura de *blog*: escritas datadas, com "comentários", *links* e, como não podia deixar de ser, textos e imagens. O livro "O colapso dos bibelôs", da blogueira Índigo, ilustra bem esta questão. Ele foi criado a partir do convite da editora Moderna, na série "Rumos na rede", que teve a intenção de, através de narrativas ficcionais, demonstrar como é a vida dos jovens inseridos no mundo do ciberespaço: suas relações interpessoais e subjetivas com seus contatos virtuais, a ansiedade por estar *on-line*, a falta de identidade, perda de hábitos saudáveis e de amigos de "verdade", entre outros tantos aspectos. Assim, na narrativa de Índigo, o personagem Danilo é um jovem que, de repente, vê-se sem a comunicação através da internet e do celular, nos quais se baseavam todas as suas relações, evidenciando a dificuldade em viver sua vida *off-line*.

Além disso, na produção de um livro com formato e estrutura de *blog*, autores diversos engajaram-se concomitante e resultante da produção blogueira, na causa de editar livros com textos publicados em seus *blogs* particulares. Uma dessas pessoas é Clarah Averbuck que, como fruto de seu *blog* "Brazileira! Preta!", surgiram os livros "Máquina de Pinball", "Vida de Gato" e "Das Coisas Esquecidas Atrás da Estante", que são coletâneas dos textos publicados na internet. São momentos de angústia, desespero, alegria e amor, narrados com um vocabulário forte, informal e irreverente. O livro "Máquina de Pinball" também foi disponibilizado em formato PDF para *download,* pela editora responsável.

Já, o poeta e jornalista gaúcho Fabrício Carpinejar, que publicou diversos livros de poesias e ganhou muitos prêmios por eles, no ano de 2006, publicou o seu primeiro livro em prosa "O Amor Esquece de Começar", uma coletânea de crônicas sobre os mais diversos sentimentos e situações que envolvem o amor. O livro é resultado de sua intensa produção no

blog "Não me deixe viver o que posso, que me seja permitido desaprender os limites, Carpinejar[47]", no qual escreve desde 2003.

Quem também adentrou no universo blogueiro, em setembro de 2008, foi o Nobel de Literatura, José Saramago que, em sua primeira postagem no *blog* intitulado de "O caderno de Saramago", publica um artigo (na verdade uma carta de amor, segundo o próprio) sobre o seu amor à cidade de Lisboa e demonstra sua visão a respeito da internet - o alcance de mais leitores e do infindo espaço virtual:

> Mexendo nuns quantos papéis que já perderam a frescura da novidade, encontrei um artigo sobre Lisboa escrito há uns quantos anos, e, não me envergonho de confessá-lo, emocionei-me. Talvez porque não se trate realmente de um artigo, mas de uma carta de amor, de amor a Lisboa. Decidi então partilhá-la com os meus leitores e amigos tornando-a outra vez pública, agora na página infinita de internet e com ela inaugurar o meu espaço pessoal neste blog[48].

No ano de 2009, Saramago lança o livro "O caderno – textos escritos para o blog" que é uma coletânea de textos escritos em seu *blog*, como o nome da obra já sugere. São textos escritos entre setembro de 2008 e março de 2009 que tratam dos mais diversos assuntos, desde literatura à política, mas sempre com o tom manso, respeitoso e direto de Saramago. A imagem utilizada pelo autor em seu *blog* é de uma singela beleza, que revela o paradoxo da ilustração de alguém escrevendo em um caderno de papel e o nome do *blog*, com o suporte em que estes elementos estão inseridos.

Ilustração 1: postagem no *blog* de Saramago.

Ainda no ano de 2009, houve a primeira edição de um concurso de *blogs* para que estes, como prêmios, transformassem-se em livros. O concurso, chamado de "Prêmio *Blogbooks*"[49] reuniu cento e vinte *blogs* selecionados por seu destaque no ciberespaço entre

---

[47] Disponível em http://www.fabriciocarpinejar.blogger.com.br Acesso em 04. nov. 2009.
[48] Disponível em http://caderno.josesaramago.org/ Acesso em: 04 nov. 2009.
[49] Disponível em http://www.blogbooks.com.br/blogbooks.asp Acesso em 04 nov. 2009.

2008 e 2009 e foram divididos em doze categorias (quadrinhos, humor, entretenimento, gastronomia, artes e cultura, comunicação e negócios, sexo, universo feminino, universo masculino, religião, tecnologia e política). Os ganhadores lançaram seus livros na XIV Bienal do Livro, em 20 de setembro do mesmo ano. Esse concurso será realizado anualmente entre os meses de agosto e setembro, de modo a valorizar a produção blogueira.

Os *blogs* ganhadores na primeira edição do concurso, escolhidos pelo voto dos internautas, foram os seguintes: *poltrona.TV* (Artes e cultura), *Dinheirama* (Comunicação e negócios), *Pergunte ao urso* (entretenimento), *Aventuras Gastronômicas* (Gastronomia), *Kibe Loco* (Humor), *Vi o mundo* (política), *Bichinhos de jardim* (Quadrinhos), *Blog da Salette Ferreira* (Religião), *Sexto sexo* (sexo), *Guanabara.info* (Tecnologia), *Planejando meu casamento* (Universo Feminino) e *Papo de homem* (Universo Masculino). Nesse contexto, o *blog* mais votado entre todos, curiosamente, foi o de Salette Ferreira, que versa sobre religião católica. Outro fato interessante é de que, apesar da existência da categoria artes e cultura, que teve como ganhador um *blog* sobre a cultura brasileira de ver televisão[50], não havia uma categoria dedicada à ficção literária. Não se sabe quais os critérios para a escolha destes temas, mas seria importante um espaço aos milhares de *blogs* que atraem seus leitores por intrigantes, inquietantes e atraentes narrativas ficcionais.

3.3.1 Gêneros (?) de *blog*: *flogs* e *vlogs*

Falava-se até agora que a publicação em livros de textos surgidos em suportes digitais fez emergir um novo gênero de livro. Entretanto, gênero é uma questão mais ampla a ser tratada já que, como dito anteriormente, o *blog* constitui-se de características da autobiografia, da memória e de jornalismo, na medida em que o blogueiro se reinventa um pouco ao escrever sobre si e sobre o que está ao seu redor. O *blog* pertenceria a um novo gênero textual dentro de um contexto maior, o dos gêneros digitais, surgidos com o século XXI e a emergência das tecnologias. Segundo Marcuschi e Xavier, consideradas as questões sócio-históricas em que os gêneros textuais estão fixados, com o desenvolvimento de novas tecnologias, estes tendem a evoluir e a se transformar, considerando "a natureza do meio tecnológico em que ela se insere e os modos como se desenvolve" (2004, p. 17).

---

[50] A televisão também ajudou na escrita e no surgimento de novos *blogs* quando da iniciativa do personagem Indra, da novela *Caminho das índias* da Rede Globo, em criar o seu *blog* na novela e na rede, disponível aos expectadores e internautas (http://blogdoindra.com.br/indra/). Ainda no mesmo período, na novela adolescente *Malhação*, da mesma emissora de televisão, a personagem Domingas, aspirante a jornalista na ficção, também criou seu *blog* que saiu para a vida "real", misturando personagem e atriz, ficção e realidade (http://blogdadomingas.com.br).

Portanto, o *blog* seria um novo gênero textual, por tratar-se de uma escrita híbrida, um misto de outros gêneros, além de concentrar o princípio da comunicação pelo código escrito que, por sua vez, incide na interação entre os usuários. Além disso, todo o conteúdo escrito do *blog* funde-se com outras fontes multimidiais como filmes e fotos entre distintos elementos icônicos, próprios da comunicação digital, como os *emoticons* e *gifs*[51], que consolidam o estilo *blog* de postar e de ser lido.

Igualmente, há outros tipos (ou gêneros) de *blogs*, como os *flogs* (também chamados de *fotologs* ou *fotoblogs*) que, ao contrário dos *blogs*, não se posta textos, mas fotos. Nos *blogs,* as imagens acabam sendo ilustrações ou meios para que se faça comentários, um signo que vai levar ao sentido e à mensagem desejada pelo blogueiro. Já, no *flog,* as imagens são os personagens principais, ficando as palavras à margem, em legendas e comentários, ou, mais comumente, nas chamadas *tags*, as etiquetas virtuais de conteúdo das redes sociais.

A palavra *flog* é uma justaposição das palavras "foto" e *log*, que significa "diário" em inglês, nomeando exatamente o que acontece nesse sitio digital: diariamente pessoas fazem postagens de imagens em suas páginas, seus *flogs* pessoais, divulgando e compartilhando com amigos, familiares e, também, profissionalmente, na divulgação de trabalhos mais complexos. Muitos contatos profissionais já foram realizados através deste gênero de site, em que marcas contrataram usuários, os chamados *floggers* (ao contrário dos *bloggers*, ou blogueiros na Língua Portuguesa), muito conhecidos na rede pelos próprios, para virarem garotos-propaganda de suas marcas e atrair o público jovem, os maiores utilizadores de *flogs.*

Assim como o *blog*, o *flog* conta com alguns sites provedores como *Flogão*, *Flog.com*, *Flog Brasil* e o mais conhecido, *Flickr*[52], que hospeda e partilha imagens fotográficas, bem como desenhos e outras ilustrações e, recentemente, também vídeos. É um universo digital desenvolvido por uma empresa no Canadá desde 2004, mas atualmente pertencente ao grupo *Yahoo!* dos Estados Unidos e, consequentemente, sujeito às leis deste país. Entretanto, o site encontra-se disponível para diversos países, inclusive o Brasil, onde faz muito sucesso e conta com diversos usuários.

[51] *Emoticons* são os desenhos virtuais utilizados nas redes sociais e também nos *e-mails* e programas de comunicação instantânea que transmitem o estado emocional ou psicológico do usuário. Por sua vez, *gifs* são os ícones animados que, frequentemente, trazem mensagens no código escrito.
[52] Disponível em http://www.flickr.com Acesso em 12 nov. 2009.

Ilustração 2: mosaico de fotografias da página de abertura do Flickr

O mesmo se sucede com os vídeos, que também possuem seu próprio gênero de *blog*: os *Videoblogs* (*Videolog* ou, simplesmente, *Vlog*). São *blogs* em que se pode exibir videos direto na página em que se encontra, sem a necessidade de *download*. Normalmente são vídeos caseiros e com máxima duração de 10 minutos, a fim de facilitar a sua visualização. O *Videolog*, que nasceu da necessidade sentida por dois brasileiros em divulgar o material por eles criado em sua produtora, usa o formato *Adobe Flash*[53] para disponibilizar todo o conteúdo. Segundo Banks (2008, p.282) "Vlogar é no momento, o ápice da blogagem. Novas tecnologias podem oferecer novas dimensões para a blogagem no futuro mas, por enquanto, vlogar é o meio de comunicação mais pessoal e rico em informações que já esteve disponível para os blogueiros" por misturar código escrito, vídeos e *links*.

E, a exemplo dos *fotologs* e *videologs*, o fenômeno da convergência de mídias em um único suporte, como já acontece nos celulares e outros aparelhos móveis, também fez com que as operadoras de celular criassem serviços de disponiblização de fotos e vídeos dos clientes em suas páginas na internet. É o que acontece no *Claro VideoMaker*[54], da operadora de telefonia móvel *Claro*, onde os usuários podem guardar seus vídeos em uma memória digital e acessá-los posteriormente, e o *TIM Studio*[55], da operadora *Tim*, em que os seus clientes podem enviar, além de vídeos, imagens e fotos. Entretanto, como essas são operadoras de telefonia que disponibilizam serviços mediante pagamento, tais recursos também são pagos por seus usuários e os valores variam de operadora para operadora.

A convergência midiática, em um único sítio, também se confirma no sucesso da internet, o conhecido site *You Tube- Broadcast Yourself*[56], onde há a possibilidade de assistir a vídeos dos mais diversos, bem com mediante um simples cadastro, participar (interagir) ao enviar outros. Além disso, há a possibilidade de exportar estes vídeos para outros sites, como

---

[53] *Software* para a criação de animação interativa.
[54] Disponível em http://www.claroideias.com.br Acesso em 29 mar. 2010.
[55] Disponível em http://www.timstudio.com.br Acesso em 19 out. 2009.
[56] Disponível em http://www.youtube.com/ Acesso em 19 out. 2009.

o *Orkut* e os próprios *blogs*[57]. A busca por vídeos pode ser feita por palavras-chave ou através da página inicial do *site* que sempre mostra os vídeos mais acessados, os que estão sendo assistidos no momento e que, quando clicados, aparecem no ecrã do computador em posição privilegiada na tela, enquanto, no canto direito, outras sugestões do mesmo estilo aparecem. Assim, em uma relação hipertextual, o leitor tem a opção de assitir a outros vídeos.

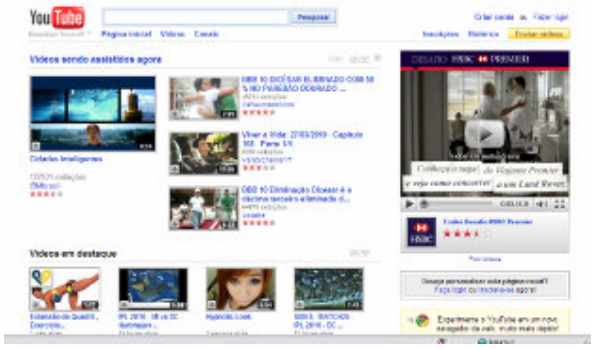


Ilustração 3: página inicial do site *You Tube*.

Esses são apenas alguns tipos de gêneros (ou tipos) de *blogs,* ainda em um fomato, para os padrões virtuais, tradicional: postagens em apenas uma página, comentários de leitores, perfil do autor etc... Contudo, na era em que tudo necessita ser rápido, nasce um novo gênero que se alastrou pelo mundo por sua eficiência e facilidade de manuseio: o *microblog*.

3.4 Os *microblogs*: *twitando* na cibercultura

Com a necessidade de agilidade e instantaneidade de informações, de se saber o que outro faz, com quem se comunica e, paradoxalmente, com a falta de tempo para acessar muitas páginas ou de ler grandes textos, sintomas típicos de uma sociedade que, desde a revolução industrial, cresce, desenvolve-se e transforma-se, surge um gênero de *blog* mais compacto, que também anda na linha de programas de conversação instantânea e rede social, os chamados *microblogs*. Os mais conhecidos são *Jaiku*[58] (do *Google*) e *Twitter*[59], sendo este o mais popular e utilizado em muitos países, dentre eles o Brasil.

A gênese do *Twitter*, que foi criado em fevereiro de 2006, nos Estados Unidos, pela empresa *Obvious Corp*., mas se tornou popular em 2007, está baseada na pergunta "O que você está fazendo?". Assim, os usuários narravam em pequenas mensagens de até 140[60]

---

[57] Atualmente só é possível adicionar vídeo em *blogs,* sob o domínio *Blogger,* que estiverem no *site You Tube*.
[58] Disponível http://www.jaiku.com/ Acesso em 03 nov. 2009.
[59] Disponível em http://twitter.com Acesso em 03 nov. 2009.
[60] O limite de 140 caracteres foi estabelecido por ser este o tamanho das mensagens de SMS.

caracteres o que estavam fazendo. A mensagem aparecia instantaneamente no momento de envio, nas páginas de seus *followers*, os seus seguidores. O mesmo acontecia quando estes enviavam uma mensagem e ela caía nas páginas dos outros seguidores, formando um círculo de informação e comunicação.

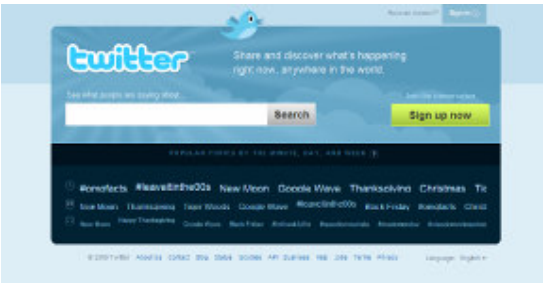


Ilustração 4: Página principal do *Twitter*.

No entanto, com o passar do tempo, as mensagens postadas no *Twitter* transcenderam a pergunta base, de cunho pessoal, e passaram a tratar dos mais diversos assuntos. Entre os anos de 2009 e 2010, em especial, deflagrou-se na internet, atingindo os mais diversos meios e usuários para múltiplos fins. De acordo com a Revista Superinteressante, do mês de abril de 2010, o Brasil já é o 2º país em números de utilizadores do *Twitter*, os chamados *twitteiros*, com mais de 10 milhões de contas. São jornais, programas televisivos e emissoras de rádio com o intuito de interagir com seus (tele)expectadores, ao mesmo tempo, mantê-los informados e recordando de seus nomes; cantores e atores mostrando seus trabalhos e saciando a ânsia dos fãs de conhecerem melhor e de se aproximarem de seus ídolos; professores, teóricos da comunicação e estudantes, no processo de apropriação e de testagem desse artifício tecnológico, e os sujeitos que estão conectados com as tecnologias de rede, principalmente os jovens.

O especial interesse por programas de televisão e jornais em usar o *Twitter* é o de esta ferramenta midiática ter a característica própria do jornalismo em seu caráter imediatista, de rapidez em transmitir notícias e na atualização contínua, fazendo alusão à modernidade e às informações líquidas, de Bauman (2001). Essas, em uma dinâmica e em um fluxo incessante, pereceriam rapidamente e necessitariam ser substituídas por outras, com velocidade ainda maior, rumo à perpetuidade de um novo século, de uma nova era, de um novo sujeito.

Ainda, segundo a revista Superinteressante de abril de 2010, 40.55% dos *tweets*, como são chamadas as mensagens enviadas pelo *Twitter,* são de frivolidades, atividades diárias, 37.

55% de opiniões e conversas, e os demais 21,9% se subdividem em *Twitts* corporativos, *spans*[61], notícias e *retwitts*[62]. É o que se pode observar no gráfico abaixo:

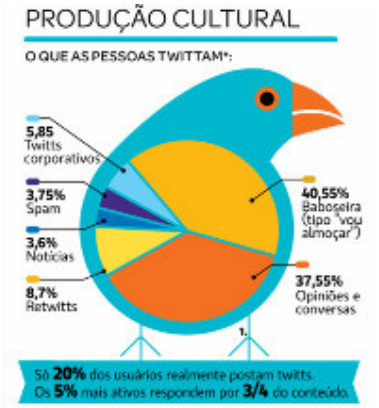


Ilustração 5: Gráfico sobre o conteúdo das mensagens no *Twitter*.

As mensagens através do *Twitter* podem, também, vir a desencadear a leitura ou a visualização das matérias na íntegra, em suas fontes originais. Esse caráter imediatista, até de "furo" de notícias e acontecimentos, é tão própria do *Twitter* que ele pode ser atualizado até por aparelhos móveis, como os telefones celulares, ou nos *ipod*s. Recentemente, em 2009, no Rio Grande do Sul, durante o 8º Seminário de Leitura e Patrimônio Cultural, que aconteceu na Universidade de Passo Fundo, na programação da 13ª Jornada Nacional de Literatura que, nesta edição, discutiu exatamente as novas relações entre arte e tecnologia, um dos convidados, o Prof. Dr. José Luiz Goldfarb, da platéia, ouvindo uma conferência, criou em seu *Twitter* um ambiente de discussão e interação com seus seguidores. Por essa via, repassava, através de seu celular, os dados que eram apresentados. Mais tarde, em sua comunicação na mesa "A promoção da leitura: do impresso à multimídia", ele reiterou o grau *Twitter* de interatividade, de aproximação com o leitor e a maneira rápida com que isso ocorre.

Deste modo, fenômenos que vêm acontecendo com os *blogs*, como a oportunidade de estes se tornarem livros no suporte tradicional, os *tweets* começam a virar livro. A ideia foi do autor do *blog Book Two*[63], James Bridle, que quis avaliar a capacidade e o alcance de seu site de publicações *Lulu.com*, bem como a utilização do *Twitter* e da internet como instrumentos de comunicação e interação e da possibilidade de surgimento de uma nova escrita. Ele lançou

---

[61] Mensagens eletrônicas, com fim publicitário, não requeridas.
[62] Respostas aos *tweets* através de outros *tweets*.
[63] Disponível em http://booktwo.org/notebook/vanity-press-plus-the-tweetbook/ Acesso em 12 nov. 2009.

o livro *My life in tweets*, de sua produção *twittering*, ou na tradução, gorjeios, aludindo ao som do pássaro símbolo do *Twitter* (que, aliás, também se traduz por "gorjeio"). Segundo Bridle, esta também é uma forma de testar novas formas de se fazer literatura, ainda que estas não façam sentido a outras pessoas, a não ser ao próprio autor, no caso, ele:

> Eu queria testar a capacidade de Lulu para livros de papel, e continuar a experimentar a máquina cornucópia literária, bem como para ver se você poderia fazer um diário tradicional / revista em retrospecto. E você pode, e é bastante agradável (para além de alguns problemas). Não, a maior parte dela não quer dizer nada, certamente não a mais ninguém, mas parece muito real[64]·. (Tradução nossa)

No Brasil, o poeta, jornalista e professor Fabrício Carpinejar, no ano de 2009, também publicou um livro com *posts* de *Twitter*, intitulado "Www.twitter.com/carpinejar" que contém 416 (das mais de mil) frases com o humor característico do autor, em apenas 140 caracteres. Segundo o autor, ele não tem certeza se *Twitter* é realmente literatura, "mas é ótimo para treinar epitáfios".

Ilustração 6: Capa do livro de Carpinejar, que faz menção ao pássaro símbolo do *Twitter*.

Igualmente e, por outro lado, além das páginas dos livros, como aconteceu com os *blogs* na variação de gêneros, o mesmo parece estar se sucedendo na ágil cadência dos *microblogs*: são as páginas para postagens e compartilhamento de fotos chamadas de *Micrografias*[65]:

> Micrografias surge de uma justaposição incerta ocorrida nas ilhas gregas entre micro (μικρο, pequeno) e cintilografia (-γραφία raiz, γράφειν, escrita). O resultado teve a sorte de nascer no século XXI, definindo uma nova categoria de fotografias

---

[64] Wanted to test Lulu's capacity for hardback books, to continue experimenting with the literary cornucopia machine, and to see if you could make a traditional diary/journal in retrospect. And you can, and it's quite nice (apart from some weird kerning issues). No, most of it doesn't mean anything, certainly not to anyone else, but it makes physical a very real time and effort[64].

[65] Disponível em http://blogs.elpais.com/micrografias/ Acesso em 12 nov. 2009.

> tiradas, exclusivamente através do telefone móvel. São micropostagens neonômades[66]. (Tradução nossa)

A página criada pelo repórter Javier Castañeda é mantida pelo importante e influente jornal espanhol *El País*. As fotos são tiradas com uma câmera em formato VGA que estão nos aparelhos de celular e enviadas diretamente para a página na internet, sem edição de imagem. Em nota na página, Castañeda diz:

> Todas as micrografias são feitas em câmera VGA móveis (Sony-Ericsson T610 e K320i). São fragmentos da realidade. Sem retoques e cru. Momentos de vida real tal qual a oferta da cidade, primando a mensagem sobre a qualidade técnica e/ou a luz.[67] (Tradução nossa)

Além disso, o *blog* promove interação com os leitores quando possibilita que esses enviem suas próprias fotografias feitas com câmeras de celular, bastando para isso um simples cadastro e cada leitor pode ter um momento seu registrado circulando em um jornal de autoridade.

O Brasil também já possui suas versões de *microblogs*, que facilitam na utilização, já que o *Twitter*, apesar de ser fácil de acessar, é na Língua Inglesa, o que para muitos pode se tornar um empecilho. Uma das versões brasileiras é o *Gorjeio*[68], uma "tradução" da palavra "*Twitter*" que ainda não conta nem com a metade de usuários do *microblog* de origem e que se considera "O primeiro *microblog* 100% nacional".

A outra versão, o *Gozub*[69], já é um pouco mais elaborada e conta com atualizações mais recentes do que o citado anteriormente. Além disso, seu *template*[70] é diferente dos outros, inclusive do *Twitter*, sendo mais colorido, mais alegre e em cada mensagem[71] enviada aparece uma caixa de texto (balão de diálogo) saindo da imagem do usuário. Ainda, o site faz uma paródia da pergunta base do *Twitter* ao perguntar: "O que tá rolando aí?", linguagem coloquial mais próxima do usuário da internet, que também se comunica por programas de mensagens instantâneas e redes sociais.

---

[66]Micrografías nace de un apareamiento incierto acaecido en las Islas Griegas entre micro (μικρο, pequeño) y -grafía (-γραφία, de la raíz de γράφειν, escribir). El resultado ha tenido la suerte de nacer en el SXXI y define una nueva categoría de fotografías realizadas exclusivamente a través de teléfono móvil. Son micropostales neonómadas[66]. (grifo nosso)

[67] Todas las micrografías están hechas con móvil de cámara VGA (Sony-Ericsson T610 y K320i). Son retazos de realidad. Sin retocar y en bruto. Instantes de vida tal y como la ciudad los ofrece, en los que prima el mensaje sobre la calidad técnica y/o lumínica.

[68] Disponível em http://www.gorjeio.com/home Acesso em 05 nov. 2009.

[69] Disponível em http://gozub.com Acesso em 05 nov. 2009.

[70] Apresentação visual da página da internet.

[71] Em todas as versões de *microblogs* as mensagens têm extensão máxima de 140 caracteres.

Ilustração 7: página inicial do *Gozub*.

Como se pode apreender até este momento, com a *Web 2.0*, a segunda geração da internet[72], os *blogs* de cunho mais subjetivo, ao modelo da escrita do eu, como era em seu princípio, passou-se a um *blog* de informação, de leitura, de um espaço para discussão e que também pode ser escrito de forma colaborativa. Criou-se um autor aberto ao novo mundo, que escreve com naturalidade em um suporte diferente, ainda que tenha sido um pouco penoso a princípio para os que não nasceram na era digital, mas que vivem nela e que passaram a usar seus recursos, seja por necessidade ou por vontade.

E, assim como a tecnologia teria colaborado para o surgimento de um novo autor, ela própria se reconstruiu em suas ferramentas. No princípio dos *blogs,* era necessário o conhecimento da linguagem HTML (basicamente de números) e as páginas eram pagas. Com o passar do tempo, contudo, o serviço tornou-se gratuito e mais fácil de ser manipulado, abrangendo mais usuários. Desta escrita mais elaborada e longa, de imagens e vídeos formatados, com a evolução e a ânsia de agilidade, "entra em cena" no ciberespaço os *microblogs*, um misto de *blog* quando consideradas as publicações em ordem cronológica inversa e a interação com os leitores, e de rede social, quando consideradas a informalidade e a velocidade, além de um pouco de mensageiros eletrônicos, quando ponderada sua mobilidade.

Assim, o *blog* é uma ferramenta ou suporte, conforme denominam diferentes teóricos, ou até um amigo, de maneira mais afetiva, que ilustra bem a era *pós-moderna*, *pós-humana*, *pós-massiva*, a *cibercultura*, a *web 2.0* ou qualquer nome que se dê a essa nova relação dos sujeitos, da sociedade de forma geral, com as tecnologias. Uma nova forma de ler, escrever, comunicar-se, viver, ser, que foi apresentada a um grupo de alunos que, até então, era desconhecida para este mundo virtual que se desdobra para que representativa parte da

[72] E também mais interativa que a *Web 1.0* pela "simples" diferença de que é "feita por gente, não só por sistemas operacionais ou conglomerados corporativos". (XAVIER, 2007, p.37)

população mundial. No capítulo que segue, então, será descrita a metodologia utilizada nesta dissertação, resultado de um estudo de caso, escolhida como a melhor forma para este encontro com a leitura e a escrita multimidial de jovens com o mundo.

Desse modo, todos os sujeitos estariam realmente adequados e preparados para esse mundo do *blog*? Estamos em um país livre, com liberdades de escrever, ler e ser, inexistentes em muitos outros lugares, mas, em contrapartida, há uma fenda econômica que separa os que têm acesso à rede mundial de computadores e os que não têm. Além disso, as mudanças que ocorrem vertiginosamente no universo tecnológico acabam por dificultar as distinções de gênero de *blog*, exigindo um usuário sempre atualizado, preparado e competente. Escritores e leitores são impelidos pelo *blog* de definir suas áreas de interesse, mas a questão que fica é: até que ponto todos os sujeitos têm consciência de suas áreas de interesse...? E mais: até onde os sujeitos têm noção de si, para escreverem para os outros?

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

O que atrai na produção do conhecimento
é a existência do desconhecido,
é o sentido da novidade
e o confronto com o que nos é estranho.
(Otávio Cruz Neto, 1993, p.64)

Neste capítulo, objetiva-se delinear a metodologia da pesquisa empregada nesta dissertação que propiciou a coleta de dados na efetiva análise dos resultados e, por conseqüência, da problemática, a saber: como se daria a leitura e a escrita de *weblog*s no espaço escolar por alunos de ensino fundamental público em contato com o suporte eletrônico, considerando as novas relações do sujeito cognoscente com o hipertexto e as novas formas de aprendizagem, baseadas na interatividade? A pesquisa teve como objetivo geral introduzir uma proposta de inserção digital via *blog*, aferindo o impacto dessa proposta de leitura e escrita no universo dos adolescentes de ensino fundamental de uma escola pública, em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul e com os seguintes objetivos específicos:

- mobilizar, pelo contato tecnológico, um ambiente de leitura e de escrita para alunos concluintes de ensino fundamental;
- incentivar o processo de leitura e de escrita em ferramentas tecnológicas, em específico pela criação de um *blog*, e;
- investigar, pela observação e pela interpretação dos dados coletados durante a pesquisa (entrevistas, questionários e textos produzidos pelos sujeitos), os efeitos do contato entre alunos e tecnologia.

Assim, primeiramente defini-se a pesquisa quanto aos métodos científicos utilizados que caracterizaram o tipo empregado. Estes métodos, por sua vez, definiram os mecanismos

de coleta de dados que propiciaram subsídios na busca da resolução da problemática. Em seguida, caracteriza-se e analisa-se, brevemente, o *lócus* da pesquisa quanto a alguns aspectos qualitativos, fatores importantes para a posterior análise dos dados. E, por último, apresenta-se o desenvolvimento da investigação em si, quanto à pesquisa bibliográfica e a subsequente entrada em campo para o estudo de caso.

4.1 Métodos e coleta de dados da investigação

Em relação à metodologia utilizada no presente trabalho, afirma-se como pesquisa qualitativa, uma vez que contém dados descritivos obtidos diretamente pelo pesquisador junto aos sujeitos da pesquisa e ao ambiente estudado: é uma pesquisa descritiva que visa mais ao processo que ao produto, bem como se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.13).

Dada a importância da pesquisa de caráter qualitativo na obtenção de dados não quantificáveis, cabe aqui defini-la quanto à sua história e sua conceituação. Essa modalidade de pesquisa tem sido amplamente utilizada na Educação desde a década de 80, mas sua raiz está no final do século XIX, quando métodos de investigação das Ciências Naturais e Físicas começaram a ser questionadas para tratar de pesquisas nas áreas Sociais e Humanas (ANDRÉ, 2004). Assim, denomina-se pesquisa qualitativa

> [...] porque se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente, defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas (ANDRÉ, 2004, p.17).

Conforme a mesma autora, o conceito de pesquisa qualitativa difere na conceituação de distintos teóricos, podendo ser tratada como uma pesquisa fenomenológica, etnográfica, de observação, ou, simplesmente, a investigação que não envolve números. Entretanto, a denominação simplista de uma pesquisa qualitativa pelo fato de não utilizar números em seus dados parece errônea e prejudicial à autoridade da investigação:

> É comum encontrarmos trabalhos que se definem como "qualitativos" simplesmente por não usar dados numéricos ou por usar técnicas de coleta consideradas qualitativas – como por exemplo a observação. [...]
> No meu ponto de vista essa coexistência pode ser prejudicial ao desenvolvimento da abordagem qualitativa, primeiro porque pode levar a um exagero de chamar de qualitativo qualquer estudo, seja ele bem ou mal planejado, desenvolvido e relatado, o que pode levar a um total descrédito da abordagem qualitativa (ANDRÉ, 2004, p. 23).

Para melhor caracterizar uma pesquisa qualitativa, Lüdke e André (1986) citam cinco características básicas:

> 1) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento;
> 2)Os dados coletados são predominantemente descritivos;
> 3) A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto;
> 4) O "significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador";
> 5) A análise de dados tende a seguir um processo indutivo. (1986, p.11 – 13)

As vantagens de uma pesquisa qualitativa seriam de sua apresentação mais aberta e maleável, se comparada a uma pesquisa de cunho quantitativo que, por si só, já é mais rígida, fechada e exata. Dessa maneira, o pesquisador, ao utilizar seus métodos de coleta de dados, sendo os mais utilizados a entrevista, o questionário e a observação, consegue uma gama maior de dados para sua análise, bem como consegue refazer os planejamentos em relação às ações e métodos de coleta de dados.

Dessa forma, com base na categorização de seus objetivos, a pesquisa realizada nesta dissertação enquadra-se como uma pesquisa qualitativa descritiva realizada em ambiente onde o fenômeno ocorre, uma vez que não há outros registros documentais em relação à problemática. Assim, esta pesquisa observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis), coletados e registrados ordenadamente para seu estudo propriamente dito (CERVO, BERVIAN, SILVA, 2007).

A pesquisa descritiva, em suas características, pode assumir diversas formas, tais como pesquisa documental, pesquisa de opinião, estudos descritivos e estudo de caso. Este último, em relação aos métodos técnicos para sua realização e a forma de coleta de dados, caracteriza esta dissertação. O estudo de caso constitui uma pesquisa em que se tem o interesse de conhecer um caso que represente um todo e não apenas o caso em que o pesquisador está desenvolvendo a investigação. É utilizada em diversas áreas do conhecimento, ainda que sua origem esteja na saúde, em específico na Medicina. De acordo com Yin (apud Ventura, 2007) "o estudo de caso representa uma investigação empírica e

compreende um método abrangente com a lógica do planejamento, da coleta e da análise de dados. Pode incluir tanto estudos de caso único quanto de múltiplos, assim como abordagens quantitativas e qualitativas da pesquisa."

Segundo Lüdke e André (1986), um estudo de caso define-se pelas características que seguem:

- **Os estudos de caso visam à descoberta:** o pesquisador durante a pesquisa estará buscando sempre novas perguntas e respostas.
- **Os estudos de caso enfatizam a "interpretação em contexto".** Considera-se onde está localizada a pesquisa, seu contexto, sua história, seus membros. Dessa maneira:

> para compreender melhor a manifestação geral de um problema, as ações, as percepções, os comportamentos e as interações das pessoas devem ser relacionadas à situação específica onde ocorrem ou à problemática determinada a que estão ligadas. (p. 18-19)

- **Os estudos de caso procuram retratar a realidade de forma completa e profunda.** O investigador revela a multiplicidade e a complexidade das dimensões existentes em determinada situação ou ambiente.
- **Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação.** São coletados diferentes dados em diferentes momentos da pesquisa.
- **Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas**. O pesquisador revela suas experiências de modo que o leitor se identifique e relacione com suas próprias experiências.
- **Estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social**. "[...] a realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas, não havendo uma única que seja a verdadeira" (p.20).
- **Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que outros relatórios de pesquisa.**

> Os relatos escritos apresentam, geralmente, um estilo informal, narrativo, ilustrado por figuras de linguagem, citações, exemplos e descrições. É possível também que um mesmo caso tenha diferentes formas de relato, dependendo do tipo de usuário a que se destina. A preocupação aqui é com a transmissão direta, clara e bem articulada o caso e num estilo que se aproxime da experiência pessoal do leitor. **Pode-se dizer que o caso é construído durante o processo de estudo**; ele só se materializa enquanto caso, no relatório final, onde fica evidente se ele se constitui realmente num estudo de caso "(p.20, grifo nosso).

Também, o estudo de caso é preferencialmente utilizado quando a problemática da pesquisa é da forma "como" ou "por quê?"; quando o controle que o investigador tem sobre os eventos é muito reduzido; ou quando o foco temporal está em fenômenos contemporâneos dentro do contexto de vida real (Yin, 2001)[73]. Esta dissertação se enquadra em dois aspectos afirmados acima; sua problemática contém a forma "como", no sentido de que se procura conhecer o processo do fenômeno estudado que, por sua vez, afirma-se como dentro de um contexto real – uma escola real. Ainda, um estudo de caso é uma pesquisa que pode ser aplicada nas seguintes situações, conforme Yin (2001):

- Explicar ligações causais em intervenções ou situações da vida real que são complexas demais para tratamento através de estratégias experimentais ou de levantamento de dados;
- Descrever um contexto de vida real no qual uma intervenção ocorreu;
- Avaliar uma intervenção em curso e modificá-la com base em um Estudo de Caso ilustrativo;
- Explorar aquelas situações nas quais a intervenção não tem clareza no conjunto de resultados.

Desse modo, dada a escolha pela pesquisa dos tipos estudo de caso e descritiva, como forma de coleta de dados, foram utilizados os seguintes métodos: observação, entrevista, questionário e um método alternativo que será explicado posteriormente. A observação, segundo Lüdke e André (1986, p. 26),

> ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional" [uma vez que] possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens . Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno.

As mesmas autoras (Lüdke e André, 1986, p. 28 – 29) ainda ressaltam haver graus diferenciados de participação do pesquisador quando se trata de observação, dependendo do interesse, do envolvimento e do compromisso com a pesquisa e se os propósitos desta, bem como o papel de pesquisador, estarão explícitos. Surgem, então, diferentes nomenclaturas

---

[73] YIN, Robert. *Estudo de caso:* planejamento e métodos. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Obra traduzida e sintetizada por Ricardo Lopes Pinto e adaptada por Gilberto de Andrade Martins, disponível em http://www.focca.com.br/cac/textocac/Estudo_Caso.htm Acesso em 02 dez. 2009,

para as variáveis formas de observação: “participação total”, “participante como observador”, “observador como participante” e “observador total”.

Para esta pesquisa, foi utilizada a opção “participante como observador”, que, segundo Junker,

> não oculta totalmente suas atividades, mas revela apenas parte do que pretende. Por exemplo, ao explicar os objetivos de seu trabalho para o pessoal de uma escola, o pesquisador pode enfatizar que centrará a observação nos comportamentos dos alunos embora pretenda também focalizar o grupo de técnicos ou os próprios professores. A preocupação é não deixar totalmente claro o que pretende para não provocar muitas alterações no comportamento do grupo observado. Esta posição também envolve questões éticas obvias. (apud Lüdke e André, 1986, p. 29)

Além disso, de acordo com o interesse da investigação, são utilizados diferentes conteúdos ou dados para registro nas observações realizadas no “campo”[74], uma parte descritiva e outra reflexiva (Lüdke e André, 1986, p. 30-31). A parte descritiva adota alguns itens como os que seguem:

1) Descrição dos sujeitos;
2) reconstrução dos diálogos;
3) descrição de locais;
4) descrição de eventos especiais;
5) descrição das atividades;
6) os comportamentos do observador.

Por sua vez, na parte reflexiva salientam-se “as observações pessoais do pesquisador, feitas durante a fase de coleta; suas especulações, sentimentos, problemas, ideias, impressões, pré-concepções, dúvidas, incertezas, surpresas e decepções” (Lüdke e André, 1986, p. 31), podendo variar segundo os itens abaixo:

1) Reflexões analíticas;
2) reflexões metodológicas;
3) dilemas éticos e conflitos;
4) mudanças na perspectiva do observador;
5) esclarecimentos necessários.

[74] Local real onde há a possibilidade de conhecer as verdadeiras realidades da situação estudada.

Na presente pesquisa, foram utilizados ambas partes na observação em campo com o intuito de cingir-se de maiores conteúdos para a posterior análise. Um dos métodos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa foi a entrevista, um dos principais processos empregados, ao lado da observação, em pesquisas de caráter qualitativo. Uma das fundamentais vantagens desse método é que "permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos" (Lüdke e André, 1986, p. 34). Para Neto:

> Ela [a entrevista] não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva. (1994, p. 57)

As entrevistas podem, ainda, sofrer variações quanto ao seu direcionamento, sua estrutura e forma de aplicação: podem ser *estruturadas,* em que as perguntas são elaboradas anteriormente, *não-estruturadas,* em que não há uma organização no questionamento a ser feito ou *semiesruturadas*, que são um combinado das duas anteriores, permitindo uma maior maleabilidade para o entrevistador no momento da entrevista. O tipo de entrevista utilizado aqui, cujo modelo está anexado a este trabalho (Anexo I), foi o semiestruturado por permitir a maleabilidade descrita.

Outro método convencionalmente utilizado nas pesquisas, também aproveitado e com modelo anexado a este trabalho (Anexo II), foi o do questionário, aplicado no primeiro dia de trabalho no campo, simultaneamente aos sujeitos da pesquisa que se faziam presentes. Segundo Cervo, Bervian e Silva:

> É necessário estabelecer, com critério, as questões mais importantes a serem propostas e que interessam ser conhecidas, de acordo com os objetivos. Devem ser propostas perguntas que conduzam facilmente às respostas de forma a não insinuarem outras colocações". (2007, p.53)

Além dos métodos tradicionalmente utilizados em pesquisa qualitativa, nesta dissertação, em específico, foram utilizados métodos alternativos, justificados pela temática da própria pesquisa. Como os sujeitos pesquisados não possuíam o conhecimento para o trabalho com computador[75], foi realizada uma imersão digital ou oficina de nivelamento,

[75] Manuseios simples para muitos como ligar e desligar a máquina, comandos de botão direito e esquerdo do *mouse* ou, ainda, enviar um *e-mail*.

como foi chamada inicialmente, desses conhecimentos básicos. Ao final de cada encontro, os sujeitos enviavam por *e-mail* ao pesquisador um pequeno relatório do que aprenderam no dia, do que gostaram ou não gostaram, o que foi significativo a eles. Tais comentários aparecem mais tarde também, já na fase final da pesquisa, nas postagens no *blog* construído pela turma.

Conhecidos o tipo de pesquisa realizado nesta dissertação, os métodos utilizados na coleta e registro dos dados, a seguir, será apresentado o *lócus* da pesquisa com o objetivo de melhor caracterizá-los de acordo com sua realidade.

4.2 Caracterizações do *lócus* da pesquisa

Para o *lócus* da pesquisa, foi enfocada uma turma de 8ª série do Ensino Estadual Fundamental que representasse o conjunto escolar, o todo de um caso, de alunos das séries finais do ensino fundamental de escolas públicas estaduais. O conjunto inicial de sujeitos cognoscentes constituiu-se por cerca de vinte e três alunos, onze meninas e doze meninos, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Capistrano de Abreu, situada no bairro Ipiranga, na cidade de Soledade, no interior do Rio Grande do Sul. A escola, localizada em um bairro de grandes contrastes sociais, foi fundada em 7 de março de 1957 e, desde então, vem atendendo à demanda educacional do bairro, em especial aos menos privilegiados.

A instituição conta com espaço físico reduzido, principalmente no que se refere ao pátio e a ambientes adicionais para oficinas de recreação e artes e apresentações artísticas, ainda que, para as atividades esportivas, conte com um ginásio municipal, localizado em frente à escola e utilizado por toda a comunidade.

A biblioteca escolar é um espaço simples, com grandes prateleiras que recobrem duas paredes amplas, cheias de livros didáticos. Os livros literários estão em posição inferior àqueles, tanto em número, quanto em localização. Situam-se em armários baixos, o que, para as crianças maiores, implica a necessidade de abaixarem-se e, desconfortavelmente, buscarem o que lhes interessa. Os livros são consideravelmente novos em sua grande maioria, com vários exemplares de uma obra, e divididos, não se sabe qual o critério, por séries. Para a leitura e pesquisa, há grandes mesas redondas que os alunos podem utilizar. Além disso, a pessoa designada para a biblioteca não executa práticas de leitura, apenas cuida do acervo e dos empréstimos dos livros.

Quanto ao espaço em que foi desenvolvida a pesquisa, trata-se de um Laboratório de Informática protegido por grades e portão de ferro, a fim de se evitar que, ao menos este espaço, não seja vítima dos constantes assaltos que sofre a escola. O laboratório funciona em

uma sala espaçosa, com mesas grandes e cadeiras confortáveis, aclimatizada com condicionador de ar e bem iluminada. O ambiente ainda conta com um quadro-negro e classes escolares para outras atividades que não utilizam computador, tais como reforço escolar e, recentemente, como audiovisual, quando da aquisição de uma televisão nova de 29 (vinte e nove) polegadas.

Quanto ao laboratório em si (ver Anexo III), é equipado por 18 (dezoito) computadores, sendo que apenas 10 (dez) funcionavam com perfeição no início da pesquisa. Estes foram cedidos pelo Governo Federal, por meio do projeto de informatização das escolas públicas do Brasil, denominado "Programa Nacional de Tecnologia Educacional - PROINFO". Os demais computadores que, posteriormente (quase ao final da pesquisa), foram consertados, faziam parte do Telecentro Comunitário, um laboratório mais antigo, localizado na escola e organizado através de doações do Banco do Brasil e do Rotary Clube Novos Tempos, de Soledade.

Igualmente, a preferência por uma 8ª série explica-se pelo fato de os alunos estarem concluindo uma fase de ensino fundamental, uma etapa de sua formação leitora para, posteriormente, entrar em um ensino médio que terá, em sua grade curricular, a disciplina de Literatura. Além disso, são jovens que, advindos das classes menos afortunadas, não possuem as mesmas oportunidades de acesso à informática e outras tecnologias, tais como os alunos provenientes de classes mais altas, frequentadores de escolas com maiores recursos e profissionais talvez mais qualificados. Infere-se, também, que os alunos da 8ª série já estão supostamente amadurecidos, com áreas de interesse desenvolvidas, o que facilita a criação de *blogs*, um dos procedimentos da pesquisa em questão, que são diretamente ligados a áreas de interesse de seus autores.

A E.E.E.F. Capistrano de Abreu apresenta mais um indicativo quanto à sua escolha como espaço de investigação. Neste ambiente escolar, foi realizada, durante o ano de 2008 e o primeiro bimestre de 2009, uma ação conjunta com os professores da referida escola e o co-orientador desta dissertação, Prof. Dr. Juliano Tonezer, intitulada "Projeto de Aprendizagem", que é um trabalho realizado em longo prazo com crianças de 1ª a 4ª série, no intuito de realizar mudanças no que tange às questões pedagógicas nesta escola[76], aos modelos da Escola da Ponte[77].

---

[76] Cabe ressaltar que o referido projeto durante o ano de 2009 continuou sob cuidados do então aluno do curso de Mestrado em Educação da Universidade de Passo Fundo, Vítor Malaggi, que foi bolsista do professor Juliano Tonezer no ano anterior, em seu trabalho de dissertação para a obtenção do grau de mestre. Entretanto, o trabalho que até então estava obtendo bons resultados, era realizado por um conjunto de professores da própria escola e, ao final do primeiro bimestre, estes contataram a direção da instituição dizendo que não poderiam (ou

Conhecidos os métodos e as principais características do *lócus* da pesquisa, pode-se descrever com maiores detalhes o desenvolvimento deste estudo de caso, que foi dividido em fases distintas: primeiramente a pesquisa bibliográfica e posteriormente a pesquisa empírica[78], realizada em campo, onde foi realizada a coleta de dados. A análise, entretanto, será feita nos capítulos subsequentes.

4.3 Desenvolvimento da pesquisa

A pesquisa para esta dissertação foi feita, inicialmente, em uma pesquisa bibliográfica com o fim de criação de projeto, para uma posterior entrada em campo, na efetivação do estudo de caso.

4.3.1 Pesquisa bibliográfica

Antes da entrada em campo, para maiores conhecimentos do *lócus* e do problema da pesquisa, na chamada observação participante, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre teóricos que tratassem das questões pertinentes ao estudo nas mais variada fontes: livros, revistas, internet, artigos científicos, entre outros. Posterior a isso, foi realizada a leitura e compreensão dos juízos assumidos por determinados autores, assimilados e convertidos nos capítulos teóricos, de embasamento (capítulos 2, 3 e 4). A produção escrita foi acompanhada e revisada, periodicamente, pelos orientadores do trabalho.

4.3.2 Pesquisa de campo – efetivação do estudo de caso

A etapa de pesquisa de campo foi realizada em três fases, denominadas assim: 1ª) Oficina de nivelamento, 2ª) *Blog:* eu te lendo e 3ª)*Blog:* eu te escrevendo. Estas fases tiveram

---

não gostariam) de continuar com o projeto, assim forçando o mestrando a traçar outro planejamento para sua pesquisa.

[77] Escola localizada em Vila das Aves, no Distrito de Porto, em Portugal em que sua ação pedagógica prioriza o que cada aluno tem de particular, respeitando cada ritmo. Diferencia-se das escolas tradicionais, principalmente, pelo fato de não ser seriada, mas dividida em Núcleos que são compostos por diferentes alunos que não fazem parte de uma turma fixa, mas de um grupo heterogêneo. Além disso, não há professores, mas monitores que trabalham com todos os alunos.

[78] O conhecimento empírico é erroneamente considerado como de senso comum ou vulgar. Entretanto, "é aquele que é adquirido pela própria pessoa na sua relação com o meio ambiente ou com o meio social, obtido por meio de interação contínua na forma de ensaios e tentativas que resultam em erros e acertos. Do ponto de vista da utilização de métodos e técnicas científicas [...] é ametódico e assistemático." (CERVO, BERVIAN, SILVA, 2007, p. 6).

diferentes tempos de duração que foram contabilizados de acordo com o desenvolvimento e a preparação dos sujeitos da pesquisa para a fase seguinte.

Com início no mês de junho e término no mês de dezembro 2009, a pesquisa de campo constou de encontros semanais, nas quintas-feiras[79] à tarde, no turno inverso às aulas normais dos alunos, devido ao fato de a professora de Língua Portuguesa não ter acedido de que a pesquisa se realizasse em um período de suas aulas. No capítulo subsequente, que servirá para a análise dos dados coletados (observação, questionário, entrevistas e relatórios), também serão detalhadas as três fases da pesquisa.

[79] O dia foi acordado anteriormente com os alunos, com a professora de Língua Portuguesa, a Direção da escola e a disponibilidade do Laboratório de Informática, já que o mestrando Vítor Malaggi ainda estava realizando sua pesquisa de dissertação neste mesmo ambiente.

5 *BLOG:* EU TE LENDO E EU TE ESCREVENDO

Imaginada a existência de sujeitos dotados de habilidades e capacidades cognitivas distintas, porque nasceram em uma época, em uma era de grande projeção e ascensão tecnológica, iniciou-se a pesquisa de campo sob o molde de um estudo de caso. Os sujeitos participantes representariam, de acordo com sua faixa etária, a geração *homo zappiens*, leitores imersivos ou hiperleitores 2.0.

Entretanto, as hipóteses levantadas para que se desse início à pesquisa, de que se encontraria tais sujeitos em uma escola pública, localizada em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, esbarraram em dois grandes problemas brasileiros: os desníveis econômico-sociais e uma escola histórica e atualmente em crise, fechada para dinâmicas inovadoras. Um educandário que desconhece o mundo que o rodeia, repetindo as mesmas práticas desde sua origem. Nesse sentido, a histórica ineficiência da escola reforça-se, hoje, em práticas que reproduzem o monologismo ao ignorarem as ferramentas informatizadas perante sujeitos que, apesar de não dominarem tecnologias informáticas relativamente simples, possuem anseios, gostos e preferências iguais ou muito semelhantes de sujeitos favorecidos social e financeiramente. Estes são jovens que possuem computador e outras tecnologias em suas residências, que navegam entre os mundos real e virtual com muita naturalidade: os característicos *homo zappiens*, leitores imersivos e *hiperleitores 2.0*.

Assim, a desfavorecida realidade com que a pesquisadora se deparou acabou incentivando ainda mais a consolidação da pesquisa, que durou aproximadamente seis meses (vinte e dois encontros), subdividida em três fases distintas, que serão delineadas nas próximas seções, a saber: 1) Oficina de nivelamento, 2) *Blog:* eu te lendo e 3) *Blog:* eu te escrevendo.

Com a efetivação da pesquisa, portanto, pôde perceber-se que o estudo não se tratava somente de uma pesquisa qualitativa que buscava a confirmação ou refutamento de hipóteses junto aos sujeitos, mas uma imersão tecnológica de caráter social, embora resguardadas as

limitações nos efeitos da iniciativa. Durante o tempo em que se esteve em campo tornou-se possível a inserção de jovens, até então *off-line*, na sociedade pós-moderna, *on-line*, globalizada.

5.1 Os sujeitos da pesquisa: (hiper) iniciantes

O *lócus* escolhido para esta pesquisa, como apresentado no capítulo anterior, constitui-se de uma turma de 8ª série do Ensino Fundamental da escola pública E.E.E.F. Capistrano de Abreu, localizada no bairro Ipiranga, no município de Soledade, interior do estado do Rio Grande do Sul. A turma era constituída por vinte e três alunos no total, entretanto, como os encontros com os sujeitos realizaram-se no turno inverso ao escolar, o número de alunos participantes da pesquisa reduziu drasticamente: de quatorze, no primeiro dia, para uma variação entre seis e oito sujeitos no decorrer do tempo. Os motivos para o não comparecimento foram desde a falta de interesse até a necessidade de trabalhar e de cuidar dos irmãos mais novos para que os pais pudessem exercer suas profissões. Isso, de imediato, conduz à necessidade de conhecer melhor os sujeitos da pesquisa, a partir dos dados levantados no questionário aplicado (anexo II).

Ilustração 8: Vista da escola E.E.E.F. Capistrano de Abreu.

Dos sujeitos que responderam ao questionário, dezesseis ao total[80], nove são meninos e sete meninas. A faixa etária variou dos quatorze aos dezessete anos de idade, sendo que a maioria dos participantes da pesquisa tinha quatorze (nove sujeitos), seguidos de seis com quinze e apenas um com dezessete anos. Todos são de origem humilde, com baixa renda familiar. Entre as mães, a maior parte é dona-de-casa ou doméstica/ faxineira, apenas três mães se diferenciam na profissão: (1) enfermeira, (1) coordenadora de saúde e (1) trabalha

[80] Quatorze alunos no primeiro encontro da pesquisa e dois no transcorrer, quando passaram a ir aos encontros.

com pedras preciosas[81]. Já, entre os pais, as profissões ajudam a revelar a realidade financeira das famílias e, de certa forma, a empregatícia da cidade, que baseia representativa parte de sua economia no setor das pedras preciosas, dependendo da mão de obra para o trabalho com as pedras, especialmente nos setores de finalização da matéria bruta, como de lapidação, lixa e tingimento. A maioria dos pais trabalha como segurança (em número de quatro) e no setor de pedras preciosas (três), os demais atuam em profissões diversas, como carpinteiro, serralheiro, catador, enfermeiro, pedreiro, policial. São, em geral, famílias pequenas, com dois ou três filhos, considerando que apenas um sujeito revelou que possui quatro irmãos e que, por coincidência, é o único com o pai já falecido.

As famílias, segundo as respostas dos sujeitos, nas questões em que se procurava conhecer suas condições de leitura e de seus familiares, não possuem um ambiente doméstico de leitura. Ao que parece, a leitura integra-se na vida dos sujeitos de maneira relativamente independente. Entretanto, é de reconhecida, estatisticamente, a importância de que, desde pequenas, as crianças devem ser estimuladas pelos pais e familiares a ler, a ter contato com a leitura e todo o prazer e conhecimento imbuído no ato de ler. Nesse sentido, a pesquisa "Retratos de Leitura no Brasil"[82], realizada pela primeira vez no ano de 2000 e, posteriormente, em 2007, pelo Instituto Pró-Livro, vem estudando o comportamento do leitor brasileiro para que entidades governamentais, pesquisadores e outros setores tenham subsídios a respeito das questões inerentes às políticas públicas do livro e da leitura e possam contribuir para que seja prioritária a educação no Brasil.

Em específico na última edição da pesquisa, objetivou-se "diagnosticar e medir o comportamento leitor da população, especialmente com relação aos livros e levantar, junto aos entrevistados, suas opiniões relacionadas à leitura"[83]. Foram realizadas aproximadamente 5.012 entrevistas, sendo que as pessoas participantes acabaram representando toda a população brasileira com cinco anos ou mais de idade. Conforme os resultados, os índices de leitura aumentaram significativamente em relação à última pesquisa, porém continuam baixos, demonstrando que são necessários ainda mais projetos bem planejados e desenvolvidos no fomento à leitura. Além disso, uma grande parte da população brasileira desconhece ou tem pouco contato com os materiais de leitura, preferindo outras atividades

---

[81] Juntamente com as indústrias de couro, metalurgia e produtos agregados, o setor de pedras preciosas é responsável por 27,83% da economia do município. Também é o principal setor turístico, culminando com a feira internacional Exposol, que se realiza anualmente. Informações disponíveis em http://www.soledaders.com.br/.

[82] Disponível em http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf Acesso em 25 mar. 2010.

[83] INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da leitura no Brasil. 2. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro. 2008. Disponível em http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf Acesso em 25 mar. 2010.

como assistir à televisão, ouvir música ou simplesmente descansar. E a justificativa mais recorrente para a não leitura seria atinente à falta de tempo.

De acordo com a pesquisa, que dividiu os entrevistados entre leitores e não-leitores[84], estes últimos totalizaram 48% da população brasileira, equivalendo a 33% analfabetos e 37% com instrução até a 4ª série do ensino fundamental. A maior parcela de não-leitores está na faixa etária de 30 a 49 anos de idade (30%), diminuindo a estatística quando a renda familiar é maior, ou seja, de mais de dez salários mínimos. A investigação expõe, ainda, que 55% dos entrevistados nunca viram seus pais lendo, considerando que a maioria destes não possui escolaridade maior do que a 4ª série do ensino fundamental, fundamental incompleto ou nenhuma escolaridade, o que prejudica a formação leitora das crianças pelos pais.

Desse modo, procurou-se saber se os sujeitos participantes da pesquisa desta dissertação eram influenciados de alguma maneira, direta ou indiretamente, por suas famílias, que tipo de leitura se fazia em seus lares e quem eram os leitores. O resultado apontou que os próprios sujeitos (em número de sete) são os que mais leem[85], seguidos de suas mães (cinco sujeitos). Um número menor afirmou serem os irmãos (dois) que mais leem e outros dois deram respostas diferentes, um de que o pai é o maior leitor e outro de que é a avó. Esta relativa autonomia dos sujeitos revela uma marca possível de uma geração que não faz da família um vínculo exclusivo, mas que, preocupantemente, dadas as condições atuais (e históricas) do ensino brasileiro, depende da instituição escolar para sua formação.

Perguntou-se, ainda, aos sujeitos se eles gostavam de ler e as respostas obtidas demonstraram que metade dos participantes gosta (ressalta-se que em meio impresso), totalizando um número de oito sujeitos. Os que afirmaram não gostar somam o número de quatro, mas outros três sujeitos utilizaram-se de respostas mais genéricas como: “um pouco” ou “mais ou menos” e apenas um não respondeu a pergunta. Tais respostas, contudo, contrastam com a pergunta feita contígua à anterior, “Costuma ler nas horas vagas?”, em que apenas cinco sujeitos responderam que “sim”, enquanto que quatro, “não”. Os que se limitaram a responder que “às vezes”, totalizou o número de dois, enquanto que cinco simplesmente não responderam.

---

[84] Conforme os conceitos utilizados pela pesquisa, leitor é quem declarou ter lido pelo menos um livro nos últimos três meses; e não-leitor quem declarou não ter lido nenhum livro nos últimos três meses, ainda que tenha lido ocasionalmente ou em outros meses do ano. É ressaltado, também, que a qualidade da leitura ou o nível de compreensão dos textos lidos não são avaliados. A análise é baseada nas declarações dos entrevistados, como sucede com todas as pesquisas de opinião. Disponível em http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf Acesso em 25 mar. 2010.

[85] Destes, dois afirmaram que são eles e os irmãos os maiores leitores.

Uma análise superficial diria que os mesmos sujeitos que responderam "não" na primeira pergunta, também responderam que "não" na segunda, entretanto isso não se confirmou. Alguns que responderam que não gostavam de ler, também responderam que liam nas horas vagas, enquanto que outros que haviam afirmado que gostavam de ler responderam que não costumavam ler ou que liam o que a professora pedia. A visão de leitura destes alunos demonstra ser a do conteúdo escolar, do que eles precisam ler para obter um conhecimento, em conformidade com o juízo propedêutico historicamente vigente na escola e que está arraigado nos discursos da instituição e dos sujeitos que dela fazem parte. Apesar disso e ainda bem, também houve respostas entusiastas em relação à leitura, como as dadas pelos dois sujeitos que admitiram gostar muito de ler.

No mesmo sentido, o questionário aplicado também apresentava uma questão que pretendia saber a noção de leitura dos sujeitos ao perguntar o motivo por que liam. As respostas foram as mais diversas, contudo, a maioria com a mesma acepção, de alcance de alguma coisa através da leitura, seja para "conhecimento", "para melhorar aprendizado", "ficar informado", "porque é interessante"... Apenas dois sujeitos responderam o mais próximo da visão de leitura para fruição, ao afirmarem: "Porque gosto de viajar no mundo da imaginação" e "Porque eu gosto e me faz usar a imaginação". Entretanto, outros parecem ter uma visão mais prática e até negativa da leitura: "Porque é preciso e quando tenho vontade", "Porque não tenho outra coisa pra fazer", "Porque sou obrigado". Apenas um respondeu que não gosta de ler.

Essas respostas[86] baseiam-se nas experiências dos alunos com leitura, distanciados dos temas e dos gêneros que lhes interessam e também no suporte impresso tradicional, já que, conscientemente, em particular na sala de aula, pouco haviam entrado em contato com um suporte distinto de leitura. Além disso, ao que parece, não consideraram leitura as coisas que fazem com prazer: as mensagens que enviam e recebem, os versos que escrevem e coletam, e que apareceram, mais tarde, na escrita no *blog* da turma. Quanto aos suportes de leitura mais citados, destacam-se os livros, as revistas, os jornais, e também os "livros de português", o que, na denominação dos sujeitos, poderia ser tanto os livros didáticos, utilizados na escola, quanto os literários sugeridos pela professora de Língua Portuguesa. Os sujeitos que costumam ler citaram, ainda, romance (somente as meninas), aventura, histórias em

[86] As afirmações combinam, igualmente, com as dadas pelos entrevistados à pesquisa "Retratos de Leitura no Brasil" em que, no imaginário popular, a leitura tem uma função além dela. Na questão formulada em que os entrevistados responderam de forma espontânea, 26%, ou seja, 45.2 milhões de pessoas, afirmaram que a leitura significa conhecimento, outras afirmaram que é importante, significa sabedoria, informação, inteligência... Apenas 4% afirmaram que a leitura é fonte de prazer, enquanto que 26% (uma em cada quatro pessoas) não sabe o que significa ou não opinou.

quadrinhos, Sherlock Holmes e Mario Quintana[87]. Gêneros que reafirmam os aludidos pelos entrevistados da pesquisa "Retratos de Leitura no Brasil" na faixa etária de 14 a 17 anos (a que compreende os sujeitos da pesquisa desta dissertação) em que 50% dos entrevistados costumam ler livros didáticos, 41% romance e poesia, 31% literatura juvenil e 30% histórias em quadrinhos.

Procurando-se saber se os sujeitos possuem livros em suas residências ou se os emprestam de bibliotecas, o que pode distinguir diferentes tipos de leitores, foi perguntado se possuíam livros e quais os gêneros. O resultado revelou que, aparentemente, possuem, já que a maioria (quatorze sujeitos) respondeu que "sim", enquanto que somente dois responderam que "não". Quanto aos gêneros, quatro citaram romances e seis "livros da escola", "de aula" ou "da biblioteca", isto é, os livros não são pertencentes a eles, mas estão provisoriamente em seu poder. Os demais deram respostas generalistas ao mencionarem gêneros distintos, como: histórias, medicina, contos, poesia, ação, aventura, espírita, terror e revistas. A rigor, são acervos que não possuem identidade ou não comungam com os interesses dos leitores. Se existe alguma identidade ou algum interesse, estão presos à instituição escolar.

Além desses aspectos, buscou-se conhecer se há sintonia entre a escola, os professores e os alunos, visto que, historicamente, como apresentado no capítulo 2 e reafirmado anteriormente, a escola e os professores de Língua Portuguesa estabelecem (quando estabelecem) leituras que não condizem com os gostos e preferências dos alunos, acarretando no desinteresse dos mesmos. Assim, perguntou-se aos sujeitos: "Você gosta das leituras/ livros sugeridos por seus professores?" As respostas foram as mais variadas e em níveis diferentes de intensidade: cinco responderam simplesmente que "sim" e quatro que "não", enquanto que os demais responderam o que segue: "não muito", "sim, muito", "mais ou menos", "algumas, sim", "às vezes, sim", "sim, são interessantes" e "sim, depende do assunto". Pode-se notar, aparentemente, que a leitura na escola é avaliada em respostas evasivas, que pouco indicam sobre sua importância. Na realidade, os alunos responderam a essa questão por estar no questionário proposto pela pesquisadora, não por terem a leitura como centro de sua atividade escolar. Se na pergunta anterior há um tipo generalista de resposta, sem enfoque ou minimamente enfocada na escola, essa questão, de modo geral, revela um sentido superficial, desapegado de entusiasmo.

A escola e a leitura na vida dos alunos parece estar (e passar) como algo obrigatório, oportuno, mas pouco significativo. Ao que se observa, a escola continua insistindo em

[87] A menina que citou o poeta gaúcho respondeu que gosta "mais ou menos" de ler e que costuma ler "às vezes".

leituras/conteúdos que desagradam aos que seriam os principais interessados em aprender. Da mesma forma, ao que se relaciona aos assuntos tão necessários ao currículo (mesmo que não necessários aos alunos) parece que a escola ainda se recusa a tratá-los de forma mais leve, mais criativa e mais instigante aos olhos de seus alunos. Neste capítulo será descrito um momento em que os sujeitos da pesquisa puderam vivenciar a poesia de forma distinta à tradicional (impressa e em livro didático), ao ser criada em meio digital, passível de interação e recriação, gerando resultados motivadores.

Aprofundando a questão do gosto pessoal dos alunos em relação à leitura, para fins de delineamento da turma e possível reflexo na escrita no *blog*, também foi perguntado no questionário quais os livros e autores que eles mais gostaram de ler. No que se refere aos livros, nove, entre os dezesseis sujeitos, citaram os que mais gostaram, sendo os seguintes: "A árvore que dava dinheiro", "Marca de uma lágrima", "Menina mãe"[88] , "Quanto vale sua vida", "A menina que dançou depois de morta", "Segunda morte", "Gincana da Morte", "Amor impossível, possível amor"[89], "Ana Terra" e "Sherlock Holmes". Os demais sete, novamente, foram evasivos em suas respostas, dando demonstrações claras de que não costumam ler: "Vários", "Eu me esqueci", "Não tenho em mente", "Não lembro". Apenas dois não responderam.

Em relação aos autores, quatro citaram Pedro Bandeira, seguido de uma indicação a Renan Arco-Verde e outra a Marcos Rey. Os outros utilizaram das mesmas respostas vagas em relação aos nomes das obras. Somente um não respondeu ao item a respeito do autor. Mais uma vez, apesar de se apresentarem a menção a algumas obras, ao que parece, indicadas, ainda há a marca de um desapego à leitura, uma renúncia à sua importância no momento em que os autores das obras passam à esfera do que a memória abandona. Na pesquisa "Retratos de Leitura no Brasil", dois em cada três entrevistadas não souberam dizer ou não afirmaram qual livro lhes foi mais significativo, confirmando que este longínquo relacionamento entre leitores e livros é uma realidade que ronda todos os recantos brasileiros.

Seguindo com os desígnios da pesquisa, procurou-se criar o panorama de escrita dos alunos: se gostam e costumam escrever, o que escrevem... A metade dos sujeitos (em número de oito) respondeu que gosta, enquanto que dois responderam que não gostam. Os demais não foram precisos, dando respostas como: "mais ou menos" e "um pouco". Quanto aos que costumam escrever na escola, quatro responderam que escrevem os "conteúdos sugeridos",

---

[88] O sujeito que citou este livro revelou em outra pergunta que foi uma obra sugerida pela professora.

[89] Este livro foi o escolhido para o trabalho com a turma para a 5ª Pré-Jornadinha Nacional de Literatura, sendo que o sujeito que o citou respondeu o questionário quando passou a frequentar os encontros da pesquisa, ou seja, quando todos da turma já haviam feito a leitura do livro, inclusive ele.

três "o que é dado", dois "textos" e apenas um sujeito não respondeu. Os outros deram respostas diferentes: "O que é para escrever", "Contos", "Atividades", "Poesias", "Assunto da escola". A escrita, aqui, contamina-se pela mesma falta de interesse que atingiu a leitura e, paralelamente, a escola. Escrever, para os alunos, é desempenhar tarefa. Está muito longe de um ato comunicativo e, mais longe ainda, de um gesto reflexivo ou estético.

Considerando-se, igualmente, que esta pesquisa buscou como objetivo principal avaliar o impacto de leitura e escrita no meio digital, em especial através da criação de *blogs*, vislumbrou-se saber a que ponto os sujeitos estavam preparados para trabalhar com computadores, quais os conhecimentos deles de informática e o que costumavam acessar. Para tanto, quatro perguntas foram feitas nesse sentido e as respostas dadas foram as que mais contrastaram com a realidade observada pela pesquisadora e, a seguir, comprovada no desenvolvimento do trabalho. Quando perguntado se o sujeito sabia utilizar computador, seis responderam que "sim", cinco que "mais ou menos", três que "não" e dois que "um pouco". Foi possível observar, no entanto, que os que afirmaram que sabiam usar a máquina, três não sabiam e tiveram muita dificuldade na utilização. Os que possuíam computador em suas residências eram em número de dois, entretanto, um dos sujeitos declarou que possuía o computador encaixotado devido às condições de sua casa. O aparelho somente seria instalado quando houvesse a mudança para uma nova residência, que estava sendo construída pelo próprio pai. E, com exceção de outro sujeito que respondeu que "não tem ainda" computador, os demais responderam que não possuíam o equipamento em suas casas.

Quando perguntado se costumavam acessar internet, a maioria (nove sujeitos) respondeu que "sim". Enquanto que os lugares que vão para poder utilizar o computador variaram, sendo que cinco afirmaram ir à *lan houses*[90], nas casas de familiares e no Centro Cultural da cidade. Apenas um afirmou que acessa na escola. Lembrando que os computadores desta são exclusivamente acessados quando algum professor os utiliza (o que acontece raramente), e que não há liberdade para pesquisas fora do horário de aula por falta de profissional que auxilie os alunos e fique responsável pelo laboratório de informática.

Quando há a possibilidade de acesso à internet, os programas mais procurados pelos sujeitos, segundo eles, são *Orkut* e *You Tube*. Mas outros sites, além destes, também foram

[90] Ao contrário de estudos e reportagens jornalísticas que afirmam que as *lan houses* estão cada vez mais próximas dos usuários, nos bairros mais afastados, na cidade de Soledade, por ainda ser representativamente pequena, elas ainda se concentram no centro. Ou seja, os alunos deslocam-se cerca de 1 km para ter acesso (pago), pelo que poderia ser feito gratuitamente perto de suas residências, como na própria escola.

citados, como os de novelas[91], músicas e sites educativos, entre as meninas; e sobre carros, esportes, piadas e jogos, entre os meninos. Essa relativa separação de gostos entre os gêneros se uniu na resposta de que costumam utilizar o meio eletrônico para pesquisas. Apenas um sujeito não respondeu esta pergunta específica e outros dois utilizaram respostas aparentemente evasivas: "Tantos que nem lembro" e "Alguma coisa que me interesse". O primeiro aluno pode apontar para a diversidade, que justifica uma eventual não referência aos sites lidos; a última resposta denota que o uso do computador, para esse aluno, está ligado a uma iniciativa pessoal, vinculada às suas decisões particulares. É de se perceber que, em um possível cotejo, as respostas parecem indicar que a leitura e a escrita, na escola, estão situadas nas zonas de desinteresse dos jovens, enquanto que o computador se abre como possibilidade ou janela ao plural, ao interessante, ao que poderia remontar às escolhas que fazem parte dos conhecimentos dos alunos.

Dessa forma, conhecendo um pouco melhor os sujeitos, suas realidades e as visões que têm no que se refere à leitura e escrita, iniciou-se o estudo de um caso representativo da série final do ensino fundamental de escola pública. Um caso igual ou muito semelhante a tantos outros, que são derivados da precariedade e do descaso com a formação de crianças e jovens no Brasil. Nas próximas seções, serão descritas as três fases da pesquisa, resultado das observações de cunho descritivo e analítico da pesquisadora.

5.1.1 Preparando para a imersão: primeira fase da pesquisa

A intenção inicial da pesquisa era de, em alguns encontros, realizar uma oficina de preparação (ou nivelamento) como a primeira fase da efetivação do estudo de caso. Isso foi necessário porque era de conhecimento da pesquisadora de que os alunos não possuíam muitas habilidades em informática, conforme os relatos do professor coorientador da pesquisa, que já havia realizado alguns projetos na mesma escola. Entretanto, conhecida a realidade e verificada que a dificuldade dos sujeitos em manusear os computadores ultrapassava o imaginável, ainda mais quando se está cerceado pelas teorias estudadas a

[91] No questionário aplicado, também revelaram que gostavam de assistir aos mais variados programas de televisão, predominando os dirigidos ao público de sua idade, como a novela adolescente *Malhação*, o mais citado. Além deste, foram citados, entre outros, o programa de variedades, com predominância humorística *Pânico da TV*, filmes, novelas, desenhos e até *Canal Rural*. Estas preferências vieram a confirmar-se, posteriormente, nas fases *Blog*: eu te lendo e *Blog:* eu te escrevendo, quando eles procuravam estes temas em especifico para ler e, depois, escrever nos *blogs*.

respeito de uma nova geração de leitores no século XXI, tal oficina estendeu-se concomitante com as outras fases, durante os vinte e dois encontros semanais da pesquisa[92].

As primeiras atividades propostas aos participantes, realizadas durante três encontros, consistiam na criação de *e-mails,* uma vez verificado que apenas um sujeito possuía conta, e pesquisas por palavras-chave. Estas foram feitas no site *Google*, onde eles poderiam investigar assuntos de seu interesse, inclusive relacionados à escola, a algum trabalho que deveriam realizar nas disciplinas. As pesquisas variaram bastante em relação aos temas: os meninos pesquisaram muito durante essa fase sobre esportes (futebol), carros, assuntos ligados ao campo (cavalos) e programas de televisão, especialmente os de humor. Enquanto que as meninas sobre música, artistas, novelas, mensagens (geralmente de amor, amizade e autoajuda). Uma visível separação entre os gêneros, já verificada nos questionários, e que se tornou ainda mais representativa na terceira e última fase da pesquisa.

Ao final de cada encontro, como forma alternativa de coleta de dados e para que servisse como comparativo com a terceira fase da pesquisa, de escrita no meio digital, os sujeitos deveriam fazer um pequeno relatório sobre o que pesquisaram e enviar por *e-mail* à pesquisadora. Este método foi utilizado também na tentativa de que os sujeitos fizessem uso de seus correios eletrônicos, criados na pesquisa, bem como tivessem mais intimidade com o teclado, *links,* e comandos como salvar, colar, copiar, recursos que, possivelmente, utilizariam na escrita do *blog*.

Pela origem humilde, os sujeitos não possuíam computador em casa, com exceção de um e, tampouco, possuíam conhecimentos de informática, apesar de suas idades e de, aparentemente, pertencerem a uma geração supostamente habituada com a tecnologia. Verificou-se que eram (hiper) iniciantes na informática: demonstraram conhecimentos básicos de *hardware* como *mouse*, monitor, teclado, sabiam ligar o computador, porém não sabiam desligar. Além disso, não apresentavam habilidade (agilidade) para digitar, bem como desconheciam a funcionalidade do botão direito do *mouse*. Os sujeitos evidenciaram, também, conhecimentos restritos em relação aos *softwares,* e muita dificuldade para abrir uma página da internet, já que pelos seus comentários durante os encontros e as respostas no questionário, a maioria nunca havia navegado. Além disso, o sistema *Linux* adotado no laboratório de informática dificultou o reconhecimento do navegador dos que já tinham alguma noção de internet, porém haviam trabalhado com *Windows*. O resultado foi de que a maioria teve muita

[92] A pesquisa de campo foi iniciada no dia 04 de junho e encerrada no dia 03 de dezembro de 2009. Entre os meses de julho e agosto houve um recesso de, aproximadamente, trinta dias devido ao período de férias e ao já citado surto de gripe A H1N1 na região de Soledade.

dificuldade para digitar, salvar e enviar os relatórios nas primeiras tentativas de imersão. Alguns não conseguiram enviar corretamente, outros perderam usuário e/ou senha do *e-mail,* forçando refazer a conta uma vez que não era possível realizar o resgate pela falta de outro endereço eletrônico.

Por estas características, não pertenceriam, portanto, à geração do *homo zappiens* que, segundo Veen e Vrakking (2009), desde sua infância, controlaria os mais variados equipamentos eletrônicos com muita facilidade, como o controle remoto, o *mouse* e o aparelho celular. No caso dos sujeitos da pesquisa, em específico, o controle remoto até faz parte de suas vidas porque todos possuem aparelho de televisão em suas residências e é um aparelho que abrange todo o núcleo familiar ao seu redor. Além disso, tem um custo relativamente baixo em relação à sua durabilidade e apresenta uma cultura de massa através dos canais abertos a qualquer classe social. Entretanto, computador e celular, ainda que este último aparelho nos últimos anos esteja com um preço mais acessível, ainda constituem as listas de desejos de muitas crianças, inclusive entre os participantes da pesquisa. Em meio aos dezesseis, somente cinco possuíam aparelho celular.

Um sujeito em específico demonstrou ter mais dificuldade com o manuseio do computador, não por acaso o mais velho, com dezessete anos. Na primeira atividade, que consistia na criação de *e-mails*, ele disfarçava que não estava conseguindo executar o que foi sugerido pela pesquisadora, conversando com o colega do computador ao lado, manuseando o fone de ouvido[93] e abrindo a página do *Orkut* (onde ele já possuía conta, ainda que não soubesse criar uma, nem conhecesse algumas funções básicas do site de relacionamentos). No decorrer dos encontros, demonstrou-se arredio quando não conseguia efetuar algumas atividades com o computador, bem como não aceitava e também não pedia ajuda. Na denominação de Santaella (2004, p.93) este, e também os outros sujeitos que buscavam no computador de forma aleatória, sem saber muito bem o quê, seriam usuários errantes, os possuidores do conhecimento abdutivo, aquele "[...] novato que pratica a errância como procedimento exploratório em territórios desconhecidos".

Por outro lado, um sujeito, considerado pela direção e demais professores como desinteressado e "bagunceiro", demonstrou rapidez na criação de *e-mail*, e também paciência e solidariedade para com os colegas ao notar as dificuldades destes e ajudá-los. Além disso, contribuía, muitas vezes, com o desligamento dos computadores ao final dos encontros. Não por acaso, este era o único que possuía computador em sua residência, e que, na definição de

[93] Todos os computadores estavam equipados com fones de ouvido.

Santaella (2004), seria um usuário indutivo, que está ainda em processo de aprendizado, mas que já passou da fase iniciante. Ele continua errando até chegar ao nível experto, do retentor do conhecimento dedutivo. Segundo a autora (2004, p.93), "Não é porque se está em processo de aprendizado que se cessa de praticar a errância, pois a rede é um campo sempre aberto ao inesperado. Assim também, a busca não cessa de existir mesmo para aqueles que já assaram pelo processo de aprendizagem".

Esses níveis do perfil de navegador propostos por Santaella seriam, de certa forma, também os de letramento digital, abordado no capítulo 2, que se subdivide em níveis ou graus distintos. Os sujeitos da pesquisa estariam, portanto, em um nível elementar de letramento digital ou, se adaptado aos níveis de alfabetismo do INAF na realidade digital, estariam no nível rudimentar ou até mesmo no analfabetismo, já que alguns não conseguiram realizar, sozinhos, atividades simples como digitar ou clicar utilizando o *mouse*.

E tal panorama pode ser comprovado quando das primeiras escritas em meio digital, no envio do relatório de suas pesquisas por palavras-chave no site de buscas *Google*. Em termos do que pretendia a proposta, apresentaram-se confusos, revelando pouco entendimento do que se solicitava. Os sujeitos relatavam coisas diferentes do que haviam pesquisado, como um carinhoso texto para a pesquisadora, que mostra um pouco da necessidade de um trabalho distinto com os alunos no sentido de adotar propostas mais criativas e instigantes, interessantes aos alunos. Além disso, outro sujeito escreveu saudações aos torcedores de um time de futebol. É o que se constata nos textos que seguem[94]:

> Oi, gostamos muito de suas aulas de informática[95].
> Você é uma estrela que caiu em nossas vidas para brilhar!
> Você é uma flor de pessoa!
> A sua voz é uma música para nossos ouvidos!
> Aí vai um presente para você .
> Beijos de suas alunas.!
> (Patrícia e Amanda, 14 anos, 18.06.09)

> Grêmio
> Saudações tricolores para todos os colorados.
> (Marcelo, 17 anos, 18.06.09)

[94] Os textos serão indicados com nomes fictícios para preservar a identidade dos sujeitos, acompanhados da idade informada por cada um e a data do registro na sala de informática. Além disso, serão transcritos sem alterações.
[95] Os sujeitos tratavam os encontros como "aulas de informática".

Dos que conseguiram enviar[96] o *e-mail* (relatório) no mesmo dia dos já reproduzidos, foram muito sucintos em suas descrições, atendo-se a comentar de modo geral o que era e qual a finalidade do objeto que comentavam. Um relatório em tom informativo, como se pode observar no texto abaixo:

> O que é Pânico na TV?
> O pânico é transmitido normalmente nos domingos ás 21h e é proibido para pessoas menores de 13 anos. No programa tem vários apresentadores que imitam várias celebridades com várias brincadeiras.
> (Rodrigo, 14 anos, 18.06.09)

Com isso, os sujeitos acabaram revelando seus gostos e preferências, além de sua imparcialidade diante de algo que lhes interessa, como já havia feito o sujeito que mandou uma "saudação" aos rivais de seu time. A escrita também apresenta algumas características da linguagem coloquial, bem como algumas falhas na pontuação que podem prejudicar a leitura, se feita de modo desatento, em especial, no trecho que segue:

> Futebol
> Futebol é um esporte muito disputado pelo mundo a fora, pessoa de todas as idades jogam por lazer, para passar um tempo com a família. Cada pessoa tem um time de coração, o meu é o GREMIO até bate as botas o meu rival é o INTER. RONALDO.,,,,,, ~ ~```..... GREMIO.....
> (Felipe, 15 anos, 18.06.09)

O próximo texto destacou-se, entre os demais, pela preocupação em detalhar a pesquisa realizada pelo sujeito, comentando um pouco sobre as raças de cavalos, locais onde podem ser encontrados, preços e leilões. O mesmo sujeito também distinguiu-se durante toda a pesquisa por, além de ser o único que possuía computador em casa, possuir esse gosto diferente dos meninos da mesma idade. Além disso, mais tarde, ele criou um *blog* com assuntos do campo, em específico sobre cavalos.

---

[96] Alguns sujeitos não conseguiram enviar o relatório corretamente na primeira tentativa. Ou digitaram o endereço de envio de forma errônea ou não anexaram o texto.

> Cavalos
> Bom, eu pesquisei sobre cavalos, entendi que para trabalhar no campo com o gado a melhor raça é a crioula sabendo que existem outras raças como o manga larga; puro sangue inglês e etc... sabendo também que dentre todas essas raças a CRIOULA se destaca. Essa raça é caracterizada por um pelo amarelo queimado. Também se caracteriza por uma listra em preto que há em cima do lombo. Mas é aonde podemos achar esse tipo de cavalos? Bom eu conheço gente que acha em diversos lugares mas o principal lugar e CAMAQUÃ.
> MANGA LARGA MARCHADOR Bom sobre essa raça não se sabe muitas coisas. Ela e conhecida por uma marcha longa e ligeira MANGA LARGA BRASILEIRO Bom essa raça e conhecida por seu corpo longo e forte grade parte deles se encontra em centros de treinamento de cavalos. Esse cavalo costuma ter preços elevados chegando ate 80.000$ até mais dependendo do vendedor e comprador. Em leilões esse preço não é elevado demais pode ate chegar a 500.000 como um do canal rural. Esse é o meu texto.
> (Rafael, 14 anos, 25.06.09)

Nessa fase da pesquisa, os sujeitos ainda conheceram o *site You Tube*[97], pelo qual foram seduzidos devido à grande variedade de vídeos e possibilidades de imersão através dos *links,* da leitura visual possível pelo hipertexto. Durante as visualizações, demonstraram entusiasmo a cada descoberta, mostrando os vídeos aos outros colegas, rindo e se divertindo. O serviço *You Tube*, conforme Xavier (2007, p.48), consolidou-se com êxito dentro da *Web 2.0* por apresentar os recursos técnicos e tecnológicos condizentes com as necessidades exigidas pelo novo leitor, o *hiperleitor 2.0,* que se consolidam nas possibilidades de interação e interatividade[98]. Ainda que o *You Tube* tenha sido criado há cerca de cinco anos e de que seja consultado mais de cem milhões vezes diariamente, ainda era desconhecido para a maioria dos sujeitos participantes desta pesquisa, que, embora dentro da faixa etária do *hiperleitor* 2.0, não apresentam as mesmas características e habilidades. Contudo, durante o período de nivelamento, pouco a pouco os sujeitos foram conhecendo o ciberespaço e se surpreendendo ao verificarem as diversas possibilidades de encontrar seus próprios mundos em outro suporte. E isso se refletiu no relatório de algumas meninas, que não se ativeram a apresentar suas bandas favoritas, quando, pela primeira vez, puderam escolher as músicas e ver os vídeos que mais lhes agradavam, mas a "enviar" suas manifestações de carinho[99]:

---

[97] No questionário aplicado, três, entre os dezesseis sujeitos, citaram o *You Tube* como um dos sites mais visitados por eles.

[98] A concepção de interação adotada por Xavier (2007) refere-se à interacionista em que se ressalta o fator intersubjetivo nas relações humanas entre, pelo menos, dois sujeitos. E a compreensão de interatividade refere-se às relações entre homem e máquina (tecnologia).

[99] Curiosamente, na posterior visita aos *blogs*, as meninas não se interessaram em demonstrar seus sentimentos ou mesmo comentar algo no *blog* da mesma banda, a Nx Zero.

> Pesquisamos a banda nx zero
> As música mais tocadas no momento, são muitas, mais nos gostamos mais da música cedo ou tarde, também vimos o site da malhação, onde também escutamos algumas músicas bem legais.
> E também conhecemos as letras e algumas músicas que nós achamos interessantes.
> Nós somos fãs número um deles porque eles são muito lindos e talentosos, principalmente o Dy em segundo lugar é GE.
> Nós gostaríamos de conhece-los ou ir em algum show deles,e sem duvidas invadir o camarim deles,e também batermos algumas fotos,e pedir autógrafo .
> De suas fãs que amam vocês. (grifo nosso)
> (Cristiana e Aline, 14 e 15 anos, 25.06.09)

> Nx zero
> Nx zero é uma banda muito conhecida em todo o Brasil.
> As músicas mais escutadas e que são as preferidas dos brasileiros são:Cedo ou tarde,18 anos,A alma,etc...
> Um dos mais bonitos da banda é: Dy;
> Em segundo lugar fica o Ge.
> Os shows do nx zero são muitos animados ,e levantam o ânimo da galera.
> A maioria dos fãs do nx zero são jovens que se aventuram pelos seus sonhos,e tem as músicas deles como trilhas sonoras de suas vidas.
> As músicas deles inspiram os jovens na vida amorosa,por serem muito românticas.
> A música que expressou o meu AMOR que sinto pelo Marcos foi Cedo ou tarde.
> Nós amamos o NX ZERO,e gostaríamos de conhece-los. Muitos beijos de suas maiores fãs! (grifo nosso)
> (Patrícia e Amanda, 14 anos, 25.06.09)

É perceptível que são escritas simples, porém, cheias de emoção, reveladoras de sentimentos. Primeiramente, a manifestação é generalizada, como no trecho em que uma das meninas cita as músicas da banda Nx Zero que os brasileiros mais gostam e escutam. Ao mesmo tempo, as afirmativas das meninas mantêm-se abrangentes em outras frases, ao afirmarem que as músicas de tal grupo "inspiram os jovens na vida amorosa, por serem muito românticas", bem como "A maioria dos fãs do nx zero são jovens que se aventuram pelos seus sonhos, e tem as músicas deles como trilhas sonoras de suas vidas". Igualmente, de forma bem pessoal, os textos revelam sonhos, como ir aos shows, tirar fotos com os ídolos, invadir camarins. Afiançam que a banda que encantaria aos brasileiros e que faria a trilha sonora de suas vidas, (também) embala o primeiro amor de uma menina de quatorze anos. Além disso, um pormenor de relevância refere-se às ilustrações do segundo texto transcrito, que não possuem analogia com a escrita ou com a banda descrita. Elas foram escolhidas de modo aleatório, de acordo com a referência das autoras, evento que também foi observado na última fase da pesquisa, quando da escrita em *blog*.

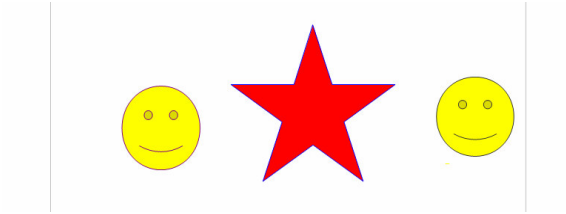


Ilustração 9: ilustrações do texto.

Desse modo, a verificação dos dados do questionário permitiu algumas deduções sobre as características dos sujeitos da pesquisa, seus hábitos de leitura na escola ou fora dela, sua restrita experiência perante as novas tecnologias de informação e comunicação. Suas competências no uso das ferramentas tecnológicas, contudo, foram aferidas de forma mais minuciosa no contato periódico com os sujeitos, em turno inverso ao das aulas, no laboratório de informática de sua escola durante os vinte e dois encontros com a pesquisadora. Tais encontros, desde o início, revelaram que os sujeitos possuíam muita dificuldade na utilização do computador, desconhecendo terminologias básicas da informática. Entretanto, lentamente, foram imergindo na cultura digital.

Esses jovens participantes da pesquisa, aqui referidos como "sujeitos" por uma tentativa de afastamento entre objeto da pesquisa e pesquisadora, ainda afetado pela admiração que causam, são (hiper) iniciantes. A dificuldade de dominarem sistemas informáticos simples dá-se, principalmente, tanto pela falta de oportunidades, devido à baixa renda, quanto por responsabilidade de uma formação escolar, na qual foram priorizadas práticas e conteúdos sem a observação de que, ao redor da Escola, o mundo, a sociedade, transformava-se e modernizava-se. E isso em um século que deveria ser de total existência de leitores imersivos, *homo zappiens* ou *hiperleitores* 2.0, repleto de oportunidades com interação e interatividade *on-line*.

Destarte, a seguir serão explanadas as fases de maior relevância na efetivação da pesquisa de campo, na oportunidade em que os sujeitos leram e, posteriormente, escreveram em *blogs*. Estabelecidos ainda à margem, no interior de um estado que não é central à Federação (que também é de um país à margem) em um estrato social pouco aquinhoado, esses sujeitos estariam, por força do trabalho sem inovação da escola, sem possibilidade de interação e participação no mundo da cibercultura e nas suas possibilidades de produção e de difusão do conhecimento. Uma produção potencializada se realizada, conforme aferição de Lévy (1999b), cooperativamente, utilizando a inteligência coletiva. Ainda, segundo o mesmo autor, com o ciberespaço "emergem gêneros de conhecimento inusitados, critérios de

avaliação inéditos para orientar o saber, novos atores na produção e tratamento do conhecimento. Qualquer política de educação terá que levar isso em conta" (1999b, p. 167). Se mantidas, dessa forma, as mesmas práticas rígidas e institucionalizadas de tempos, *off-line* às possibilidades tecnológicas, a escola continuará a margem da construção efetiva do conhecimento e, por efeito, afetiva de seus alunos.

5.1.2 A (hiper) imersão: leitura e escrita em questão

Concomitante com a primeira fase da pesquisa, já que os sujeitos tinham escasso conhecimento de informática e a pesquisa contava com as limitações de cronograma para a duração, foi iniciada a segunda fase, *Blog:* eu te lendo, que durou oito encontros[100]. Nesta, os sujeitos conheceram *blogs* e contataram os blogueiros, comentando as postagens, questionando a respeito da criação e manutenção de *blogs* e esperando suas respostas. Além disso, enviaram relatórios via *e-mail* à pesquisadora a respeito de suas descobertas.

Para auxiliar na ilustração da explicação aos alunos do que seria um *blog*, qual sua função e como funciona, no primeiro dia da fase, foi utilizado um aparelho de *data show* a fim de reproduzir a revista *Época digital*[101], com a matéria de capa dos "80 melhores blogues". Posteriormente, ainda de forma coletiva, foi feita a leitura do *blog* da 5ª Jornadinha Nacional de Literatura, já na preparação para o grande encontro das Letras em que os sujeitos participariam pela primeira vez[102].

Nos encontros subsequentes, os alunos passaram a fazer, individualmente, a leitura de *blogs*, já utilizando o *Google Beta*[103] para a pesquisa de acordo com seus interesses. Como os alunos, no acesso à internet, acabavam, muitas vezes, desviando a leitura dos *blogs* para outros sites, houve um maior direcionamento, por parte da pesquisadora, para *blogs* específicos que eles poderiam escolher em uma lista feita através da observação do que eles haviam pesquisado em *blogs* e na busca por palavras-chave, além de temas que, atualmente, atraem jovens da mesma idade que os sujeitos pesquisados. A saber, relacionam-se abaixo

---

[100] Um pouco maior do que o planejado devido ao já mencionado surto de gripe A H1N1, que prolongou o período de férias para trinta dias. Quando os sujeitos voltaram aos encontros já estavam em um número ainda mais reduzido que o inicial, cerca de cinco ou seis sujeitos durante cada encontro, e haviam esquecido muitos conhecimentos que, aparentemente, já haviam conquistado. Portanto, ainda não estavam preparados para a terceira fase.

[101] Disponível em: www.epoca.com.br

[102] Esta também foi a primeira participação da escola e dos professores acompanhantes neste evento.

[103] Ferramenta do *Google* para a pesquisa de *blogs*.

alguns dos *blogs* sugeridos durante a etapa de leitura destes, realizado em diferentes encontros:

- *Blog* Imortal Tricolor
- *Blog* Vermelho
- *Blog* Grêmio Imortal
- *Blog* Grêmio rock
- *Blog*ão do S.C. Internacional
- Supremacia Colorada – o *blog* do torcedor...
- *Blog* do sultche – um *blog* gaudério
- Nx zero *Blogger*
- Fotolog oficial – Nx zero
- Racionais msc vídeo *blog*
- *Blog* O diário da princesa
- *Blog* da Yasmin
- *Blog* da Domingas
- *Blog* da Quadribanda
- *Blog* do Indra
- *Blog* Estraga filmes
- Mundo Harry – O *blog* onde a magia acontece
- *Blog* Carros
- Baboseira – *blog* piadas
- Fofoca do dia
- *Blog* Crepúsculo
- *Blog* Música pelo Mundo
- Vida no campo – *blog* da Índigo
- *Blog* do sapo vídeos
- *Blog* vídeos e filmes
- Bloglog
- *Blog* da equipe do Vídeo Show
- *Blog* do *You Tube*
- Planeta Gibi *Blog*
- Brincadeiro – *blog* do Mario Pirata
- *Blog* do *Orkut*
- *Blog* Tuma da Mônica
- *Blog Cheetah Girls*

Após a leitura, conforme acontecia na fase anterior, os sujeitos enviavam pequenos relatórios à pesquisadora. Nos reproduzidos a seguir, é possível observar um pouco de como foi esse primeiro contato dos sujeitos com os diários virtuais. São pequenos textos, com algumas falhas na ortografia, mas formatados de maneira distinta, com algumas autoformas padrão do editor de texto *BrOffice*, que eles estavam descobrindo, ao mesmo tempo em que utilizavam de sua subjetividade para escrever em um suporte novo para eles. Com suas próprias palavras, os sujeitos definem suas preferências e também as preferências de outros da

mesma idade. Observam roupas, estilos e cores, tão próprios da juventude. Também, já têm uma maior noção de agilidade da internet, que tem de ser compatível com a presteza e até a impaciência do próprio internauta, uma das muitas características do leitor imersivo, 2.0 ou *homo zappiens*. Nesse sentido, os textos são lacônicos, abreviados, restritos a poucos toques, comparáveis a torpedos de celular para celular.

> O blog que visitei hoje foi os das tcheetah girls e adorei tudo as roupas também das músicas delas .Adorei tudo e interessante tem tudo a ver com as adolecentes.
> (Cristiana, 14 anos, 27.08.09)

> Gostei muito do blog das cheetah girls, gosto das coreografia das músicas delas e do modo que elas dançam.
> Acho muito legal o modo que elas se vestem.
> Gostei muito do filme que elas fizeram.
> (Amanda, 14 anos, 27.08.09)

> oooiiieee.....
> Vi mtas coisas lgais gostei de todos o blog da domingas, blog da kelly key, o das cheetah girls,vi tmbem os videos da quadri banda,o blog da domingas e bm colorido e bm divertidu tm mtos videos,tm bastante comentarios e mto divertido adorey...o da kelly dmora p/ abrir...o das cheetas entrei bm rapido...ouvi as msicas da quadri,da agnela.....
> aaammmeeeiii ttudu!!!
> beyjuxxxxxxxxx
> (Sabrina, 15 anos, 27.08.09)

O texto anterior também possui muito da escrita "enfeitada", tão comum entre os adolescentes de modo geral, não apenas os que navegam na internet, mas os que mantêm seus diários, escrevem recados nas capas dos cadernos, nos quadros-negros das escolas, respondem a questionários[104], mandam bilhetes para amigos e colegas, afirmando suas identidades, seus gostos particulares e seus estilos, no que se assemelha, em alguns pontos, às antigas escritas rupestres. A menina que escreveu o citado relatório se preocupou, primeiramente, em listar os *blogs* que visitou e, depois, comentar um a um o que lhe chamou a atenção, terminando por dizer que amou tudo o que viu. Frente a tal demonstração de espontaneidade, é obrigatório que se pergunte quando que se ouve ou lê, como neste caso, um aluno afirmar algo semelhante quando o assunto é a escola, ou seus trabalhos e suas atividades. Quando, mesmo, é possível aos jovens serem críticos e dizerem que não gostaram de determinado texto ou assunto diretamente ao professor, sem serem, de alguma forma, repreendidos ou desmerecidos

[104] Prática recorrente entre os jovens de diferentes gerações, em que se escrevem várias perguntas e os amigos respondem. Atualmente, há uma versão digital para o questionário, conhecido como *Formspring.me*. Disponível em http://www.formspring.me/. Acesso em 24 abr. 2010.

no comentário. No próximo relatório aqui transposto, uma menina narra sua visita a um *blog* sobre amizade, da criação de quatro adolescentes, onde deixou o seguinte comentário:

> [...] disse...[105]
> oooooooooooiiiiiiiiiiieeeeeeee!!!!!!!!!!!1
> Gostei para não dizer que não gostei.
> okkkk
> 3 de setembro de 2009 10:24
> (Cristiana, 14 anos)

Em seu relatório ela explana bem essa ocorrência a respeito da criticidade de sua colocação: "o blog é interessante fala sobre amizades. O meu comentário foi uma critica, escrevi que gostei mas não muito o nome do blog é fadinias" (Cristiana, 14 anos, 03.09.09). Talvez, por isso, ela e outras duas colegas, também participantes da pesquisa, tenham montado, posteriormente, um *blog* igualmente falando a respeito da amizade, mas de forma distinta deste *blog* que ela visitou. Cabe ressaltar que as blogueiras não responderam ao seu comentário.

Outras meninas também deixaram comentários em outros *blogs*, como "Brincadeiro", de Mario Pirata. A produção do poeta, no meio digital, repercutiu muito entre elas e demonstrou seu ainda forte vínculo com o registro no papel e a distância delas quanto ao armazenamento em *bites*, mesmo em *e-mail*, quando não há computador em casa. Tais alunas chegaram a imprimir algumas cópias de uma das poesias do poeta porto-alegrense, para guardarem consigo. Segundo uma das meninas, o motivo seria porque o poema era bonito e em muito se parecia como uma poesia por elas conhecida que, posteriormente, foi postada no *blog* criado pelas próprias, "Amigas para sempre". No *blog* de Mário Pirata, uma das meninas teceu um elogio ao poeta em uma das postagens, ao qual ele agradeceu, ainda que não tenha respondido a pergunta feita por ela. O blogueiro foi o único, entre alguns blogueiros, que respondeu ao comentário dos sujeitos.

> [...][106] disse...
> oiieee.....
> amamos suas poesias muito show.....
> como é fazer blogs????
> Quinta-feira, 10 Setembro, 2009
> (Aline, 15 anos)
>
> mario pirata disse...

[105] Disponível em: https://www.blogger.com/comment.g?blogID=4924595544300512956&postID=8390243276163932478&pli=1
[106] Supressão do nome da menina.

JARDIM
(para Taniele)

A magia da poesia
é plantar alegria
no coração da gente,
podando a tristeza,
colocando no lugar
a flor da beleza.
.....
[...],
grato pelo carinho!
Quinta-feira, 10 Setembro, 2009

Ainda nesta fase, os sujeitos prepararam-se para a participação na 5ª Jornadinha Nacional de Literatura (que ocorreu no mês de outubro de 2009), na chamada Pré-Jornadinha, lendo as obras de Pedro Bandeira, homenageado da edição, e dos demais autores que no evento estariam. Os sujeitos também conheceram a música tema da Jornada e Jornadinha – Vidas Virtuais[107] –, a qual a pesquisadora enviou a letra para o *e-mail* pessoal de cada, e, em todos os encontros anteriores à Jornadinha, a música era ouvida e cantada por eles. Além disso, foram realizadas pelos sujeitos pesquisas em meio eletrônico a respeito dos autores que na Jornadinha estariam, assim como acompanharam as notícias e as participações de outras crianças e jovens através do *blog* da Jornadinha[108]. A participação dos sujeitos no evento será detalhada na seção 5.1.3.

Imersos no universo digital e da escrita, os participantes da pesquisa, inicialmente, mostraram muita dificuldade com o "desconhecido", mas superaram as limitações, as imperícias com a máquina e com as ferramentas e passaram a atuar. Até então, a união de código escrito, informática, conhecimento e diversão parecia (quase) impossível, por condições de operarem algo tão distinto de suas realidades.

Contudo, vinte e dois encontros de pesquisa de campo foram necessários para mostrar aos próprios sujeitos e aos professores um novo mundo de possibilidades. Que é imaginável a inclusão no universo digital através da leitura e da escrita em uma ação social, no aprofundamento de muitos interesses, dentre eles a poesia, no contato com um poeta vivo, não com um nome registrado em um livro didático. A possibilidade de inscrever suas subjetividades, as coisas que fazem parte de suas vidas, seus pensamentos e ideias para muitas outras pessoas, que estão muito além de seu restrito território do espaço escolar, também é

[107] Letra de Paulo Becker e música de Pedro Almeida. Faz referência à vida virtual e aos novos costumes dos sujeitos do século XXI. Letra completa disponível em http://www.upf.tche.br/jornada/2009/index.php?option=com_content&view=article&id=135&Itemid=59
[108] Disponível em http://jornadinha.blogspot.com/ .

possível. Então, que se mostre a escrita que, assim como se sucedeu com Bojunga, iniciou meio desordenada, mas misturando prosa e poesia, sóbrio e colorido, combinou com um novo caso de amor...

5.1.3 Oitava de ouro: *blogs*, alegria e aprendizado

O terceiro momento do trabalho com os sujeitos, efetivando a última fase da pesquisa em campo, *Blog:* eu te escrevendo, envolveu a construção de um *blog* da turma. A ideia inicial, ainda no projeto desta pesquisa, idealizou orientar na produção de *blogs* individuais. A realidade dos alunos, suas dificuldades materiais e mesmo de intimidade com as tecnologias de informação e de comunicação, inviabilizaram a primeira ideia, constituindo uma nova possibilidade, a de que os alunos construíssem um *blog* coletivo da turma, a partir de interesses mútuos, de iniciativas do grupo de sujeitos. De alguma maneira preservava-se, nessa alternativa, o elemento colaborativo que constitui a construção em hipertexto.

No século XXI, em meio à cultura das telas, na cibercultura, os conhecimentos no que tange ao meio eletrônico, foram descentralizados no momento em que houve uma movimentação da inteligência de um centro totalizante para a inteligência coletiva. Nesse sentido, quando todos têm, ou deveriam ter, a possibilidade de interligar-se com todos na comunicação em rede de modo fractal e cooperativamente, as possibilidades de potencializar a troca de saberes e informações, além de novas formas de aprender e a própria aprendizagem são, ou deveriam ser, expandidas. Isso sucede, inequivocamente, de forma muito mais satisfatória e interessante aos aprendizes, ainda mais em se tratando de jovens.

Assim, a escrita de um *blog* não poderia ter começado de melhor forma do que por um poema de Mario Quintana intitulado "Do princípio"[109], do princípio de um amor, de uma relação de carinho marcada pelo desejo de gritar, mas abafado por um bilhete escrito (talvez em um pequeno papel) que pede paz aos passarinhos, calma, e que o amor seja demonstrado bem devagarinho, pois "a vida é breve, e o amor mais breve ainda..." Este poema, escolhido pelos próprios sujeitos da pesquisa, mas ainda postado, na abertura do *blog*, pela pesquisadora, que procurava mostrar as artimanhas da ferramenta tecnológica, ajuda a ilustrar a relação entre os próprios sujeitos e suas descobertas durante a pesquisa. Um novo amor revelado e (quase) gritado pelos telhados. Um amor com tempo contado, breve, pelo menos

[109] Disponível em http://oitavadeouro.blogspot.com/2009_10_01_archive.html

dentro da pesquisa, enquanto a maioria ainda tinha acesso aos computadores, oportunidade rara para muitos fora do espaço escolar.

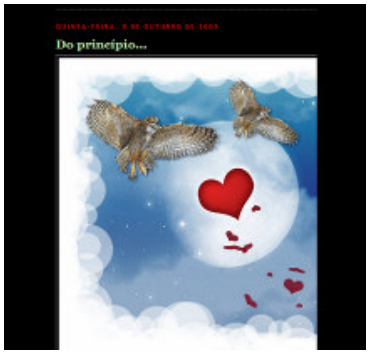


Ilustração 10: Imagem escolhida pelos sujeitos para a postagem do poema de Mario Quintana.

Entretanto, enquanto houve tempo, os sujeitos demonstraram toda sua alegria, seus gostos e preferências na escrita do *blog* colaborativo "Oitava de Ouro"[110]. O nome foi escolhido por eles, revelando uma identidade coletiva não oprimida pelas dificuldades por que passam diariamente, mas segura de suas capacidades. Isso se pode verificar também na descrição da turma no perfil do *blog* no espaço intitulado "Quem sou eu", que eles formularam juntos[111]:

> Somos uma turma maluca, unidos nos trabalhos da escola e fora dela também. Temos entre 14 e 16[112] anos e somos em 21 alunos[113], 9 meninas e 12 meninos. Estudamos na Escola Estadual de Ensino Fundamental Capistrano de Abreu, localizado no Bairro Ipiranga em Soledade - RS.
> (Oitava de Ouro, 08.10.09)

Ilustração 11: Página do blog "Oitava de Ouro".

---

[110] Disponível em http://www.oitavadeouro.blogspot.com/.
[111] O perfil foi construído no momento de criação do *blog* em que a pesquisadora ia digitando o que os sujeitos formulavam. Todos acompanharam por *Data Show*.
[112] O sujeito que, na época da pesquisa, tinha 17 anos não estava mais participando dos encontros porque necessitava trabalhar. Mas, no último encontro, no mês de dezembro, se fez presente.
[113] Na fase da pesquisa *Blog:* eu te escrevendo alguns alunos já haviam deixado a turma de 8ª série, tanto por motivo de transferência escolar, como por desistência.

As primeiras postagens feitas pelos sujeitos no *blog* "Oitava de Ouro" foram em relação à expectativa deles em torno da participação na 5ª Jornadinha Nacional de Literatura, evento do qual nunca haviam participado, bem como a escola e os próprios professores[114]. Este momento de escrita, na terceira fase da pesquisa, ocorreu após o preparo para o evento, na chamada Pré-Jornadinha (ainda dentro da fase *Blog:* eu te lendo), e muito próximo da realização da Jornadinha, por um importante motivo: o surto da Gripe A H1N1, que transferiu o evento do mês de agosto para o mês de outubro de 2009. E, como esta participação dos sujeitos e da escola foi de expressiva importância para a pesquisa e para os próprios sujeitos, separou-se nesta dissertação uma seção específica para esta narrativa.

A Jornada e a Jornadinha: expectativas e vivências

A Jornada Nacional de Literatura é uma movimentação cultural que desponta bienalmente na cidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, desde o ano de 1981, concebida pela Prof.ª Dr.ª Tania Rösing, da Universidade de Passo Fundo. Inicialmente, com o respaldo do escritor Josué Guimarães, a Jornada é um projeto contínuo, com vários desdobramentos, estabelecido no ideal de formar leitores em múltiplos suportes e em variadas linguagens, com ênfase na leitura literária. Nesse ideal, desde a origem do projeto, reuniu milhares de leitores, escritores, artistas e intelectuais para discutir Literatura, música, teatro, cinema, fotografia, entre outros campos culturais, durante cinco intensos dias de conferências, exposições, oficinas, cursos e espetáculos.

O complexo de lonas da Jornada Nacional de Literatura estabelece-se, principalmente, em torno do Circo da Cultura, com capacidade para 5.000 pessoas, e das lonas da Jornadinha, reservadas a alunos de ensino fundamental e médio. Nessas lonas, em número de quatro, nas cores amarelo, verde, vermelho e azul, além de Conversas Paralelas[115], abertas à comunidade e organizadas em mais de um ponto na Universidade de Passo Fundo e na cidade, envolveu-se, nos quatro dias da Jornada, um total aproximado de 17.000 jovens leitores. O número de pessoas que circularam pelo complexo de lonas em toda a programação atingiu,

[114] As justificativas para a não participação dos docentes em outras edições da Jornadinha e também da Jornada Nacional de Literatura são as mais diversas, desde a negativa de liberação por parte da Secretaria Estadual de Educação que, no entanto, vem liberando os professores nas últimas edições das Jornadas, até a questão de falta de oportunidade de inscrição, o que também não justifica, pois qualquer interessado pode inscrever-se, desde que observadas as datas e horários para tal.

[115] As Conversas Paralelas iniciaram em 2001, na 9º Jornada Nacional de Literatura, no mesmo ano em que passou a ocorrer a Jornadinha. O objetivo das Conversas Paralelas é, em espaços específicos, proporcionar a leitores e autores uma discussão mais aproximada, na qual se possam debater de forma mais particular aspectos das obras anteriormente lidas pela comunidade.

aproximadamente, a cifra de 30.200 participantes. A programação da Jornada incluiu em 2009 o Encontro Internacional da Red de Universidades Lectoras e Seminário Internacional de Contadores de Histórias, o 8ª Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, o 3º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras, o 2º Encontro Estadual de Escritores e o Seminário Internacional de Contadores de História.

A Jornadinha Nacional de Literatura, em sua quinta edição no ano de 2009, ocorre desde 2001. Nela, as crianças, divididas de acordo com suas séries[116], passam um dia de magia e encanto ao redor da arte literária. Pela manhã, são recepcionados pelo gato Gali-Leu, o apresentador oficial do evento e, posteriormente, assistem às atrações artísticas e conversam com os escritores. Pela parte da tarde, divididos nas quatro lonas coloridas, os alunos têm um contato mais próximo com os escritores, podendo comentar e perguntar a respeito de suas obras, que já foram lidas, antecipadamente, na Pré-Jornadinha, que precede e prepara os leitores para o encontro, a exemplo da Pré-Jornada.

Na Pré-Jornadinha, as crianças e adolescentes leem e vivenciam as obras dos autores participantes de cada edição. Para tanto, é distribuído às escolas um Caderno de Atividades que tem por objetivo sugestionar práticas leitoras para o trabalho com as obras literárias, divididas por séries. O caderno, criado e desenvolvido pelo Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura, da Universidade de Passo Fundo, em sua quinta edição do evento, seguiu o tema geral da Jornada Nacional de Literatura, "Arte e tecnologia: novas interfaces". Neste, abordou-se literatura e as artes em geral, vinculadas às novas mídias, com o desígnio principal de formar leitores críticos, emancipados e esteticamente sensíveis.

Considerando a faixa etária a que pertencem, para o preparo dos sujeitos participantes da pesquisa, foi escolhida pela pesquisadora, em conjunto com a professora de Língua Portuguesa da escola, entre outras sugeridas no Caderno de Atividades, a obra "Amor impossível, possível amor", do escritor paulista Pedro Bandeira, homenageado da edição. Em um primeiro momento, todos os alunos da turma leram a obra e foi realizado um seminário de discussão na aula de Língua Portuguesa. Posteriormente, foi trabalhada, em confronto com a obra de Bandeira, também em aula, a crônica "Posto 5", da obra "O analista de Bagé", de Luis Fernando Veríssimo e, então, os alunos escreveram crônicas sobre a temática de relacionamentos entre pessoas com grande diferença de idade.

---

[116] Durante os quatro dias do evento, os dois primeiros são destinados aos alunos de 1º a 4º anos do ensino fundamental, no terceiro dia aos alunos de 5ª a 8ª e, no último, aos de ensino médio. No intervalo da programação, ao meio-dia, os alunos e professores têm as opções de visitarem as exposições e a feira de livros, assistirem a filmes e espetáculos teatrais, realizarem atividades na sala de computadores, etc.

Mais tarde, quando os sujeitos já estavam participando da fase *Blog:* eu te escrevendo, foram postadas duas crônicas, escolhidas entre eles e pela professora de Língua Portuguesa, como as melhores (anexo V). Tais textos ajudam a ilustrar um pouco dos seus sentimentos, das suas impressões da obra e da realidade de suas vidas. As referências textuais são próximas a eles, à sociedade e ao espaço em que estão inseridos, tais como: trabalhador do setor de pedras, os bailes nas cidades de Soledade, Passo Fundo, Sapucaia do Sul.

Também, como atividade da Pré-Jornadinha, em outra oportunidade, os sujeitos fizeram uma apresentação da obra "Amor impossível, possível amor" aos colegas da 7ª série da escola, contando um pouco sobre a história e também da biografia do autor. Após, foi construído um mural com as crônicas, ilustrações a respeito da obra e a biografia do autor, e exposto na escola (imagem abaixo e detalhes no anexo IV), com o intuito de compartilhar a leitura e entusiasmar outras pessoas a lerem aquela e outras obras de Pedro Bandeira, disponíveis na biblioteca da escola.

Ilustração 12: Mural decorado.

Assim, no momento de postagem no *blog*, os sujeitos já haviam lido a obra de Bandeira, conhecido-o através das pesquisas que realizaram na internet e estavam na expectativa de participar do evento, bem como conhecer pessoalmente o autor. Abaixo seguem alguns relatos postados nos *blog*, que respondiam à pergunta "O que você espera da Jornadinha?":

> Jornadinha: espero que seja muito divertido desde a chegada quanto a saida é uma chance ùnica. vai ser bom para oitava série. vamos conhecer pessoas diferentes, livros etc...
> (Amanda, 14 anos, 16.10.09)
>
> Conhecer novas pessoas,conhecer pedro bandeira,ter uma experiência maior sobre uma jornada.
> Sair de soledade, passear é bom!
> Viajar com meus colegas,me divertir.....

> Tenho certeza que vou gostar,não entendo como tem gente que não vai ir tendo oportunidade,como tem muitos que querem e não vão.é isso!!!!!!!!!!!!!!
> (Aline, 15 anos, 22.10.09)
>
> O que esperamos da Jornadinha?
> Espero que seja muito produtiva, e que possa aprender muitas coisas novas. Para mim a Jornadinha me proporcionará uma experiência para o resto da minha vida, guardarei na memória todos os momentos bons e felizes dessa nova experiência de vida...
> Será muito bom estar pela primeira vez, viajando com a turma inteira, mas também espero que não seja a última.
> (Patrícia, 14 anos, 16.10.09)
>
> Eu espero conhecer pessoas novas,novos autores,poetas..mas acima de tudo quero aprender coisas novas e me divertir,pois essa oportunidade é única e bobo de quem não aproveita-lá..
> Espero que seja um dia muito especial..eu adoro os livros do Pedro Bandeira já li vários e são muito bons mesmo..
> ABRAÇOS E..ATÉ LÁ!!
> (Camila, 14 anos, 22.10.09)

Pode-se observar a grande expectativa de todos, não só pela participação no evento em si, mas pela oportunidade de fazer uma viagem[117], a primeira da turma, segundo um dos sujeitos: "Será muito bom estar pela primeira vez, viajando com a turma inteira, mas também espero que não seja a última"[118] (Patrícia, 14 anos). Outro ponto significativo, imbuído nas postagens, é o de experiência pessoal, de acréscimo em suas vidas: "será uma experiência de vida incrível que não vou esquecer" (Cristiana, 14 anos), e "a Jornadinha me proporcionará uma experiência para o resto da minha vida, guardarei na memória todos os momentos bons e felizes dessa nova experiência de vida..." (Patrícia, 14 anos). Do mesmo modo, há uma expectativa em relação a conhecer novas pessoas, novos autores, mais livros... Nessa "cobertura" via *blog* da Jornada, alguns sujeitos também lamentaram, a seu modo, a não participação de alguns: "pois essa oportunidade é única e bobo de quem não aproveita-lá" (Camila, 14 anos) e "não entendo como tem gente que não vai ir tendo oportunidade,como tem muitos que querem e não vão" (Aline, 15 anos).

Como a pesquisa trabalhou com o universo tecnológico, procurou-se que os sujeitos entrassem em contato com as mais diversas mídias, inclusive os vídeos. Por isso, no dia[119] tão esperado da participação dos sujeitos na Jornadinha, durante a viagem de ida, foram gravados

---

[117] Para efetuar o pagamento do ônibus que os levaria a cidade de Passo Fundo, onde ocorrem as edições da Jornada e Jornadinha, os sujeitos realizaram, com a ajuda da profª de Língua Portuguesa e da pesquisadora, uma campanha de arrecadação de jornais, que foram vendidos para uma fábrica de artefatos em pedra.

[118] Felizmente, não foi a última, já que no mês seguinte eles viajaram para o parque aquático e temático *Ácqua Lokos,* em Capão da Canoa (RS), com alunos de outras séries. Até então, alguns alunos nunca haviam viajado e outros iam a Passo Fundo somente para fins de consulta e/ou atendimento médico.

[119] Agendado pela organização da Jornadinha, de acordo com a já referida divisão por séries.

os seus depoimentos em vídeo[120], demonstrando suas expectativas e emoções naquele momento em um misto de ansiedade e alegria.

Ilustração 13: Sujeitos e professoras acompanhantes na 5ª Jornadinha Nacional de Literatura.

No evento, pela parte da manhã, os sujeitos foram encaminhados ao Circo da Cultura, palco principal das edições da Jornada e da Jornadinha, sentando-se nas cadeiras organizadas de acordo com as cores das lonas menores[121], onde à tarde foram realizadas outras atividades. Na lona central, os sujeitos assistiram à abertura do apresentador oficial, o gato Gali-Leu, que animou aos presentes e chamou aos outros apresentadores. Em seguida, assistiram ao show do grupo de arte circense *Tholl,* que encantou e arrancou do público reações de surpresa e muitos aplausos, bem como o show musical da banda Os PoETS, que um dos integrantes é o poeta, professor e blogueiro Ricardo Silvestrin.

A seguir, veio o esperado encontro com o autor Pedro Bandeira em uma conversa descontraída e animada, em que ele contou histórias e respondeu as perguntas dos participantes quanto suas obras e seus personagens. Uma das meninas participantes da pesquisa queria muito fazer uma pergunta ao autor no momento disponibilizado para isso, mas estava tímida. Encorajada pela pesquisadora e pelas professoras presentes, foi até a fila, e, enquanto aguardava, terminou o tempo para perguntas. O que foi uma grande tristeza para ela e para a pesquisadora, que viu naquele instante (com a câmera ligada para registrar o momento) a concretização de um trabalho de incentivo à leitura. Após, para encerrar a manhã, os participantes assistiram, ainda, ao show musical *No baú a música do Brasil*, do grupo Repercussão, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo.

---

[120] Disponível em http://oitavadeouro.blogspot.com/2009_11_01_archive.html

[121] A cor designada aos sujeitos foi o azul. Assim, no turno da tarde foi na lona representativa a essa que eles ouviram aos demais autores.

No intervalo destinado ao almoço e às atividades paralelas ao evento, os sujeitos visitaram o espaço dos computadores localizado próximo à praça de alimentação. Este era monitorado por estudantes do curso de Ciência da Computação, da Universidade de Passo Fundo, em uma atividade que consistia em desenhar ou formatar imagens prontas em um programa novo do sistema *Linux*.

Ilustração 14: Sujeitos da pesquisa na sala de computadores.

Tal atividade somente foi possível porque os sujeitos já estavam participando da pesquisa e tinham alguma intimidade com computadores e, ainda assim, tiveram dificuldade para desenvolver o que era pedido. A falta de habilidade, perceba-se, contraria as teorias de que necessariamente todos os sujeitos nascidos no final dos anos 80 e início dos 90, portanto no final do século XX, possuiriam habilidades diferentes de outras gerações, que manuseariam com destreza os mais variados equipamentos eletrônicos e que seus pensamentos obedeceriam a uma lógica de rede. Ainda que a inteligência coletiva seja assim construída, e que se possa dizer que o mundo globalizado e a cibercultura atingem a referência de polo dominante do conhecimento, o hiperleitor precisa ser formado.

Durante o turno da tarde, os sujeitos tiveram a oportunidade de conhecer melhor e conversar com os demais autores participantes da Jornadinha, já conhecidos por eles através das pesquisas realizadas na fase *Blog:* eu te lendo. Todavia, essa atividade foi um pouco prejudicada devido ao calor intenso do dia, que acabou agitando as crianças e desviando a atenção de significativa parte delas.

E, para encerrar a participação na Jornadinha, os sujeitos visitaram as exposições localizadas no Centro de Eventos da UPF e que faziam parte das atividades paralelas à Jornada Nacional de Literatura. Tais mostras provocaram olhares curiosos neles, como a exposição “Mangás”, de Fábio Shin, uma vez que nunca haviam visto as histórias em quadrinhos no estilo japonês.

Ilustração 15: Sujeitos na exposição "Mangás".

A exposição "Ídolos Tagueados", da professora Diana Domingues, também despertou a curiosidade dos sujeitos ao poderem interagir com os códigos de barras, os *tags*, que evocavam a diferentes personalidades como Carmem Miranda e Ayrton Senna no telão, em que se lia e ouvia frases a respeito de cada um. Os sujeitos visitaram as demais exposições no Centro de Eventos, como as Esculturas em basalto, de João Bez Batti, e também Cartuns: Campanha pelo Trânsito Seguro, da Frente Parlamentar em Defesa do Trânsito Seguro. Contudo, a interação com os Totens, as telas digitais gigantes à disposição dos participantes da movimentação cultural e de leitura de Passo Fundo, despertou-lhes uma imensa curiosidade e uma característica de *homo zappiens*, leitor imersivo ou *hiperleitor* 2.0, até então adormecida neles: a de interagir com a máquina sem receios.

No espaço virtual da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, foram dispostos cinco totens eletrônicos, com telas *Touch Screen*, com dois e vinte metros de altura e telas de 46 polegadas Full HD, em alta definição. Estes recursos foram utilizados para a apresentação de comunicações no 8º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural. E, embora tenha se prestado à apresentação dos trabalhos de caráter científico, permitiam a leitura de jornais, indicações sobre as atrações da Jornada e, ainda, o registro fotográfico digital das pessoas, em arquivos enviáveis por *e-mail*, como mostra a ilustração abaixo, com um grupo de meninas posando para um enquadramento.

Imagem 16: Interação com Totem eletrônico.

Ilustração 16: Interação dos sujeitos com Totem eletrônico.

Ao mesmo tempo em que emergem discussões a respeito do fim do livro, em detrimento das novas mídias e de leitores não comprometidos, na edição de 2009, a Jornada Nacional de Literatura centralizou os debates sobre o tema "Arte e tecnologia: novas interfaces", quando foram discutidas as novas formas de interação entre os sujeitos, bem como de interatividade e imersão digital, relacionadas com as novas formas de ver e de fazer arte. Vislumbrou-se no evento, algumas vezes de forma palpável, como nas exposições paralelas, a inclusão digital e leitora pelo contato de novas interfaces, bem como a formação e/ou aprimoramento dos leitores da nova era da informática: os *homo zappiens*, leitores imersivos ou hiperleitores 2.0.

Após a Jornadinha, os sujeitos relataram no *blog* "Oitava de Ouro" suas experiências e impressões. Como eles conheceram a escrita em diários virtuais durante a fase *Blog: eu te lendo* e também já haviam feito as postagens relativas às expectativas da participação na Jornadinha, prontamente aceitavam a escrita como um elemento de comunicação. Os sujeitos escreveram com um objetivo definido – informar aos leitores, diferentemente do que acontece nos textos escolares, onde a escrita é em papel e o leitor, normalmente, é apenas o professor. Realizaram uma espécie de "cobertura" pessoal do evento, detalhando o que viram e fizeram, o que mais e, também, o que menos lhes agradou. O que se averigua abaixo, na reprodução de algumas das postagens:

> Oiiii Pessoal!!!!!
> Eu amei a jornadinha tava mto bom!
> Bom vou contar algumas das coisas que eu fiz na jornadinha para vcs:primeiro a viagem tava mara...
> Depois quando chegamos lá tiramos umas fotos,logo após fomos para a lona principal onde foi a melhor parte da jornada vimos a apresentação do grupo tholl,Pedro Bandeira se apresentou e conversou um pouco com nos,e mais umas coisas.....
> Depois fomos almoçar tava mto color mas a comida tava boa,logo depois fomos desenhar nos computadores.....
> A eu estava me esquecendo também tiramos fotos.....
> A tarde somos para a lona azul onde tava mto calor,onde os escritores se apresentaram....
> Vimos muita gente foi mto legal,sempre que eu puder quero ir...
> Também cantamos a musica da jornadinha é mto legal....É maravilhoso de ir!!!!!!
> Ruim mesmo é só o calor.....
> (Aline, 15 anos, 05.11.09)
>
> Logo que cheguei, pensei que iria ser uma chatice,mas depois com o decorer das apresentações vi que podia aprender muito com tudo o que estava sendo passado.
> Adorei de paixão, as apresentações do circo tholl, que nos fizeram rir de montão...
> Também gostei demais conhecer o Pedro Bandeira.Achei ele divertidissímo...
> Gostei das exposições, adorei a sala de computadores, e também adorei conhecer autores que eram pouco conhecidos por mim.....
> A jornadinha foi muito divertida, pois aprendi muitas coisas novas.
> E mais que tudo aprendi que não devemos julgar um livro pela capa...
> (Patrícia, 15 anos, 05.11.09).

> Eu achei manero tudo o que tinha lá, mas o que eu achei mais legal foi a apresentação do grupo Toll. O que o escritor Pedro Bandeira falou também foi interessante, falando sobre seus livros, seu autor prefirido tudo isso foi legal.
> Achei também que eles organizaram o evento muito bem, com aquelas fitas coloridas demonstrando o lugar onde os alunos deveriam sentar para assistir as apresentações e ainda as fitas indicavam a cor do lonão onde haveria o debate com os escritores.
> Para mim foi legal espero que todos que estiveram lá, aproveitaram e aprenderam alguma coisa.
> (Rodrigo, 14 anos, 05.11.09)

> Ooii..
> A jornadinha tava muito legal,muito divertida..
> a apresentação do grupo tholl, a conversa com Pedro Bandeira,a esposição dos livros..
> Foi um dia Inesquecivel..conhecer gente nova foi muito legal, conhecer novos autores.
> E isso espero que nos incentive para lermos cada dia mais e apreciarmos aquilo que lemos..
> MUITO OBRIGADO PROF: MARIANE!!
> (Camila, 14 anos, 05.11.09)

A escrita no *blog* demonstrou o envolvimento dos sujeitos com a Jornadinha ao expressarem nas postagens pós-evento suas expectativas[122], descobertas e experiências renovadoras. Revelaram que descobriram novos autores, livros e pessoas[123], e que se divertiram porque aprenderam coisas novas. Mesmo na escrita apressada e descuidada com a ortografia e a pontuação, expressaram os seus pensamentos quanto à importância de ler e do incentivo à leitura a que se presta a Jornadinha.

As postagens evidenciaram, ainda, a vivência das manifestações culturais distintas, como a arte circense, os shows de diferentes ritmos, exposições diferenciadas, que proporcionaram uma abertura nos horizontes de suas vidas. Os textos foram distintos das escritas lacônicas nas postagens anteriores à Jornadinha, que apregoavam as expectativas quanto a esta, circunscritas as suas vidas: conhecer coisas novas, ser produtiva, considerar a viagem (e não o evento) como uma experiência de vida e um passeio. Toda a preparação para e, essencialmente, a vivência da Jornadinha, conscientemente, transformou os sujeitos, como revelou a menina Patrícia, de 15 anos, que viu que "podia aprender muito com tudo o que estava sendo passado" (*blog* "Oitava de Ouro"). Eles começaram a ter maiores expectativas de suas vidas: "E isso espero que nos incentive para lermos cada dia mais e apreciarmos aquilo que lemos" (Camila, 14 anos) e "Vimos muita gente foi mto legal, sempre que eu

---

[122] Ainda que para alguns fosse negativa, como a menina que achava que seria uma chatice, mas que foi surpreendida por um lugar dessemelhante do que já conhecia e por um grande *show* de abertura do grupo *Tholl*, citado por todos.

[123] Os sujeitos fizeram amizades com crianças de outras cidades, trocando com elas endereços do *site* de relacionamentos *Orkut*.

puder quero ir...” (Aline, 15 anos). Essa mudança e amplitude de visão destacam-se mais acentuadamente nos encontros seguintes e nas novas postagens dos sujeitos, como se constata na contígua seção.

De volta à escola: horizonte abertos e escrita na tela

No início da fase *Blog:* eu te escrevendo, para ambientação dos sujeitos com o suporte eletrônico, foram sugeridas algumas postagens, tais como visto anteriormente, em relação às expectativas quanto à participação na Jornadinha e aos comentários posteriores ao evento. As demais postagens, que serão explanadas a seguir, correspondem a comentários sobre algumas visitas feitas a outros *blogs*, às impressões do site “Ciber & Poemas”, às histórias escritas no suporte eletrônico, vídeos de bandas musicais, notícias a respeito de sua formatura e muitos versos e poemas, de maneira a refletir seus interesses e preferências.

Durante os vinte e dois encontros da pesquisa, as meninas fizeram-se mais presentes do que os meninos, além de postarem em um número mais significativo, se comparado a eles. A distinção entre os gêneros também se estabeleceu quanto ao conteúdo das postagens: enquanto elas se preocupavam em escrever versos e poemas (quase sempre românticos), formatar de modo muito colorido e diversificado, encontrar imagens (que não necessariamente ilustrava o que estava sendo escrito) e assistir a clipes musicais no *You Tube*[124], os meninos não tinham muita vontade de postar, desviavam para outros sites, principalmente de esportes e *You Tube*. Das vezes em que eles postaram foi a pedido da pesquisadora, que queria as suas contribuições a fim de se obter maiores dados para a análise e também para enriquecer a escrita colaborativa do *blog*. A única postagem voluntária no *blog* “Oitava de Ouro” que um menino fez (Leonardo, 14 anos) foi de um pequeno verso que ele havia copiado do caderno de uma das meninas e depois, com a ajuda da mesma, postou uma imagem ilustrando, conforme se observa a seguir, na ilustração[125].

---

[124] Em um dos encontros, algumas meninas pediram que a pesquisadora gravasse alguns clipes selecionados por elas e disponíveis no *You Tube* para que pudessem assistir em aparelhos de DVD em casa e copiassem os passos de dança para uma apresentação que fariam na escola.
[125] Disponível em http://oitavadeouro.blogspot.com/2009_12_01_archive.html

Ilustração 17: Postagem de um menino.

Considerando os objetivos da pesquisa de inserir os sujeitos em ambientes de leitura e escrita em espaços tecnológicos, apresentou-se a eles o site "Ciber & Poemas"[126] de Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski. Neste sítio eles puderam interagir com poesias de uma maneira que nunca haviam feito, de forma tecnológica e divertida. Chegaram a chamar de jogos. O resultado desse encontro entre crianças e poesia tecnológica foi além de sorrisos e entusiasmo: comentários muito animados no *blog,* como se percebe nos textos reproduzidos abaixo:

> OIIIIEEE.....
> Eu gostei mto é legal....
> Visite vc também....
> Ciberpoesia é "mara"!!!!!
> Eu ADOREI vcs também vão gostar.....
> Vcs vão rir é bem show .....
> Ass...
> (Oitava de Ouro, Aline, 15 anos)
>
> postagem
> O site Ciber Poesias dos autores Sérgio Capparelli e Ana Claúdia Gruszynski e legal pq além d ter várias poesias ainda tem bastante brincadeiras legais.
> (Oitava de Ouro, Rodrigo, 14 anos)
>
> OiiEE..
> O site de Ciber poesia (www.ciberpoesia.com.br) é muito divertido,
> uma maneira diferente de ler e bincar com palavras.
> Você que gosta de ler vai adorar,visite e se divirta!!!
> (Oitava de Ouro, Camila, 14 anos)
>
> """" visitei o site dos autores Ana Claudia Grusznki e Sérgio Capparelli e achei muito interesante as poesias digitais e o seus jogos sâo muito legais e gostei de varias poesias mas que eu gostei mais foi a do xadres. visite a página:http://www.ciberpoesia.com.br/ciber_xadrez.htm
> (Oitava de Ouro, Leonardo, 14 anos)

[126] Disponível em http://www.ciberpoesia.com.br/

> ciber poesias
> Achei o site muito interessante e criativo são poesias feitas de modo diferente.
> Além de serem legais é feito de modo divertido.
> (Oitava de Ouro, Cristiana, 14 anos)

As postagens refletiram o entusiasmo dos sujeitos ao ver a poesia de forma distinta, da possibilidade de brincar com as palavras livremente, de testar ritmo, combinações, ganhar e perder-se em um jogo de xadrez em que não há perdedores, apenas ganhadores da vontade de aprender, ou melhor, da vontade de aprender se divertindo. (Re) criações possíveis com a poesia em uma prática distinta e instigante se comparada ao já fastidioso, quando não, na maioria das vezes, inexistente, tratamento dado à poesia pela escola.

A forma com que a poesia é abordada no site de Cappareli e Gruszynski distingue-se da escola também pela oportunidade dada ao internauta de pensar por si próprio, sem a necessidade de aborrecer-se lendo os tão amolgados textos da massificação didática dos livros escolares. Estes, em sua maioria, possuem uma condução insistentemente pedagógica com os textos literários, que permanece desde o estabelecimento da disciplina de Língua Portuguesa, como referido no capítulo 2, em que servem para o conhecimento dos bons autores ou, pura e simplesmente, para algum conteúdo gramatical. É como afirmam Veen e Vrakking, "isso não teria problema se toda a estrutura econômica da nossa sociedade ainda fosse a mesma, mas esse não é o caso" (2009 p.13).

A poesia no formato digital oportuniza, inclusive, a opção de salvar o texto criado por cada sujeito, para que outros leitores possam vir a ler e apreciar. Leituras e escritas diferentes em relação às conhecidas no tradicional impresso e que despertam ainda mais o interesse dos alunos. E os sujeitos perceberam que o trabalho diferenciado dado à poesia é mais divertido, tanto que recomendaram o site e as poesias em suas postagens no *blog* "Oitava de Ouro" para que outros, assim como eles, também se divirtam: "Você que gosta de ler vai adorar, visite e se divirta!!!", "Eu ADOREI vcs também vão gostar... Vcs vão rir é bem show..." e "Além de serem legais é feito de modo divertido".

E, como ocorreu nas outras postagens do *blog*, as imagens que ilustravam as postagens em relação às poesias do site visitado, pouco ou nada tinham em analogia ao que estava escrito, identificando-se somente com o blogueiro: as meninas costumavam ilustrar com imagens mais "fofas", como de ursinhos, flores, corações. Já, os meninos, quando ilustravam, eram mais práticos, como o que ilustrou com o jogo de xadrez e o outro que costumava ilustrar sempre, marcando sua identidade, com o símbolo do time de futebol gaúcho "Sport Club Internacional". Além disso, o mesmo menino sempre utilizou o número "47" junto ao

seu nome nas assinaturas das postagens, bem como na conta de *e-mail* que criou. O motivo deste número ele nunca chegou a expor, porém, serve como perfeito exemplo da necessidade de marcar sua presença, de criar uma identidade, tão própria da idade.

Todos os participantes da pesquisa fizeram postagens, em maior ou menor extensão, mas, no que alude a número de postagens, uma das meninas destacou-se: Aline. Foram no total dezessete postagens, chegando à média de duas por encontro. De modo geral, ela postava pequenos versos que, ou ela guardava na memória ou copiava do seu aparelho celular, e que em muito se pareciam com as mensagens do microblog *Twitter*: escrita enxuta, com menos de cento e quarenta caracteres. Outra particularidade da escrita no *blog* era o tamanho das fontes utilizadas, sempre grandes (na maioria das vezes em caixa alta), destacando-se das demais postagens, além de utilizar sempre cores variadas e muitos pontos finais ou de exclamação ao final das frases, como as postagens que seguem:

> TEUS BRAÇOS CORDÃO DE OURO.
> TEUS OLHOS PEDRAS DE ANIL.
> VOCE O JOVEM MAIS LINDO QUE BRILHA NESTE BRASIL.....
> ASS;...

> ONTEM VOCÊ ERA O MEU AMOR;
> HOJE VOCÊ É SAUDADE;
> AMANHÃ VOCÊ SERÁ APENAS UMA PÁGINA DO MEU
> PASSADO.....
> ASS;...
> (Oitava de Ouro, Aline, 15 anos)

As temáticas das postagens sempre envolviam a descoberta do amor e da paixão, a felicidade a dois, o romantismo, refletindo os sonhos da maioria das jovens nessa idade. As demais meninas também fizeram postagens no mesmo sentido, mas postando quase sempre alguma imagem correlacionada ao universo romântico, dos apaixonados, em especial, os corações. Entretanto, a Aline, em nenhuma postagem utilizou recursos de imagem, expressou-se apenas com o código escrito. O que, de certa forma, contraria a forma de comunicação do *homo zappiens*, a qual Veen e Vrakking salientam ser fundamentalmente por imagens: “Não colocam somente palavras na internet, pois a cibercultura está centrada na multimídia. Diz-se o que se quer por meio de uma imagem” (2009, p.42).

Ela também chegou a criar, juntamente com uma prima (que algumas vezes, como visita, participou dos encontros com os sujeitos), um *blog* intitulado “As Pimentinhas”, o qual não foi atualizado por elas, foram feitas apenas duas postagens e, algum tempo depois,

excluído pelas próprias. O que acaba acontecendo com uma quantia razoável de *blogs*, que são abandonados por seus criadores logo depois da primeira postagem ou de sua concepção.

No mesmo sentido, dois meninos também criaram um *blog* em conjunto, com o nome "Tropeiros do rancho"[127], no qual o objetivo principal era tratar dos assuntos do campo, principalmente dos cavalos – paixão dos dois. Eles, intitulados em uma postagem como "Os tauras do laço", escreveram na primeira postagem que criaram o *blog* porque são gaúchos de tradição. As postagens posteriores a esta foram em número de três: (1) uma poesia gaúcha, (1) a imagem de um cavalo e (1) uma pequena frase citando um Centro de Tradições Gaúchas (CTG) da cidade: "Agrupamento biriva do CTG 3 Coqueiros 'Tropeiros do rancho'". Não houve mais postagens durante a pesquisa.

Outra menina, contudo, destacou-se não só pela criação de *blog*, mas por tornar-se uma blogueira efetiva. Patrícia, juntamente com outras duas meninas criou o *blog* "Amigas para sempre"[128], com a imagem de três meninas juntas no *layout*. A decoração toda em rosa foi escolhida por todas, mas a que realmente postava e se interessava em manter o *blog* atualizado era somente Patrícia. A postagem individual chega a refletir no espaço destinado à descrição do dono do *blog*, no qual ela utiliza a primeira pessoa: "Eu sou uma pessoa divertida e sempre estou em alto astral.!?"...

A temática, assim como as postagens dos outros sujeitos no *blog* "Oitava de Ouro", gira em torno dos interesses da menina, especialmente sobre amizade e frases de autoajuda. Predominam as mensagens prontas disponíveis na internet para serem colocadas em sites de relacionamentos e *blogs*. Seria uma forma de escrever subjetivamente, "mas ao mesmo tempo comunicando ao outro", ao leitor, conforme afirmação de Schittine (2004, p.23) O tema está ligado à área de interesse da menina, um meio de expressão e comunicação que caracteriza a cibercultura.

A pouca escrita de que ela faz uso também se refere à composição reduzida, de até cento e quarenta caracteres, em pequenos versos. É o que se observa na seguinte postagem, uma das muitas feitas por ela: **"**O mundo é feito de homens corajosos e ideias inteligentes, pois o sucesso é a competência para administrar os sonhos!!!" (Amigas para Sempre, Patrícia, 14 anos).

Ela postou durante toda a fase *Blog:* eu te escrevendo, ou seja, nos meses de outubro, novembro e primeira semana de dezembro de 2009. Mas, no dia 01 de fevereiro de 2010, após o término da pesquisa, fez uma postagem muito significativa de sete mensagens, embora

---

[127] Disponível em http://tropeiros999.blogspot.com/
[128] Disponível em http://marydanysah.blogspot.com/

posteriormente tenha encerrado as postagens no *blog*. Essa menina destacou-se expressivamente durante a pesquisa por possuir maior intimidade com o meio eletrônico devido ao fato de, no início do ano de 2009, ter ganho uma bolsa de estudos em uma escola de informática da cidade. Tal bolsa havia sido sorteada na escola Capistrano de Abreu entre todos os alunos. Então, as postagens no *blog* "Amigas para sempre" não se resumiam apenas aos encontros da pesquisa, mas às aulas da escola de informática também, bem como nas raras oportunidades de acesso durante o período letivo. Ela, ainda, colaborava com os colegas, ajudando-os e ensinando o que não conheciam.

A pesquisa, do mesmo modo, teve seu impacto social no momento em que se proporcionou uma imersão tecnológica para os sujeitos e o efeito foi além do esperado: de se conhecer os resultados da ação de inserir crianças em um espaço digital de escrita e leitura. Houve um significativo reconhecimento deles quanto da importância de ler, escrever, conhecer coisas novas, aprender, além do vínculo afetivo criado com a pesquisadora. Este fato pode ser percebido nas postagens dos sujeitos no último encontro com eles, quando deveriam fazer uma avaliação das atividades e do que aprenderam:

> Adorei tudo o que aprendemos durante esse tempo também gostei muito da Mariane que é super legal e divertida...
> Nós criamos nossos blogs e visitamos outros.
> Aprendemos várias coisas novas foi ótimo.....
> (Oitava de Ouro, Cristiana, 14 anos)

> Ler e escrever em blogs é muito show é divertido e muito legal!!!!!!!!
> (Oitava de Ouro, Leonardo, 14 anos)

> BOM HOJE É UM DIA MEIO TRISTE PARA MIM,POIS HOJE ACABA O NOSSOS ENCONTROS DO GRUPO E COM A PROF MARY;TODO O QUE EU APRENDI FOI COM ELA,NÃO SABIA NEM LIGAR UM COMPUTADOR AGORA JÁ SEI FAZER MUITAS COISAS TUDO O QUE SEI HOJE FOI ELA QUE ME ENSINOU ENTÃO VOU SENTIR MUITA FALTA DOS NOSSOS ENCONTROS AQUI NA ESCOLA.....
> AMEI MUITO TODOS OS DIAS FOI MUITO BOM.....
> (Oitava de Ouro, Aline, 15 anos)

> Eu só tenho há agradeser, além de ser uma pessoa muito inteligente é muito legal e alegre.
> Eu nesse momento em que nossa professora Mariane esteve com agente foi muito divertido, aprendi várias coisas que não entendia.
> (Oitava de Ouro, Amanda, 14 anos)
> FOI MUITO BEM APRENDEMOS FAZEMOS BLOG ,ORKUT,PENA QUE NÃO DEU PRA VIM MAIS NAS AULAS.
> (Oitava de Ouro, Marcelo, 17 anos)

> Adorei essa nova experiência, pois apesar de ter vários cursos de computação eu pouco entendia, mas agora aprendi muitas coisas novas...
> Mas adorei mais ainda conhecer a sora Mariana!!!
> Escrever e ler em blogs é muito interessante.....
> (Oitava de Ouro, Patrícia, 14 anos)

Com o passar do tempo, durante a pesquisa, os sujeitos foram descobrindo opções até então inimagináveis por eles em relação aos seus próprios gostos e preferências. Através da leitura de diferentes *blogs* e sites, encontrados a partir das pesquisas por palavras-chave, eles vivenciaram experiências midiáticas de imersão tecnológica em diferentes mundos: o mundo da música disponível em som e imagem a um clique, o mundo do futebol atualizado minuto a minuto, o mundo da poesia e sua produção tecnológica, o mundo das imagens e seu encanto visual, o mundo dos relacionamentos interpessoais e o *Orkut*... E o resultado de tais imersões foi tão significativo que suscitou o pensamento de que, talvez, a ideia inicial da pesquisa, de que cada aluno construísse o seu próprio *blog* não tivesse obtido tamanho êxito, como ocorreu com a criação do *blog* colaborativo, ainda que os sujeitos tivessem habilidade com o computador. A partir do instante em que, juntos, começaram a postar no mesmo sítio digital, passaram a recriar o ambiente colaborativo, da inteligência coletiva, conforme os preceitos da cibercultura. Em apenas um espaço (virtual), todos os mundos particulares, revelados durante a fase *Blog*: eu te lendo, reuniram-se no mundo da Oitava de Ouro, na fase *Blog*: eu te escrevendo.

Através das descobertas feitas pelos sujeitos, contíguas aos seus gostos, houve uma potencialização da criação do conhecimento, uma vez que aprenderam de forma instigante e divertida. Ao mesmo tempo, houve um crescimento pessoal proporcionado pelo computador e pelos princípios do hipertexto: eles aprenderam de forma diferente do que acontece na escola, onde o currículo e as aulas são lineares, em etapas sendo vencidas de acordo com a "capacidade" de cada faixa etária. No ciberespaço, construíram o conhecimento, conforme aferição de Lévy, construindo seus "universos de sentido" (1999a, p.5) ou mundos, como referenciado acima, que nada são do que seus próprios esquemas hipertextuais.

Assim, aludindo aos princípios abstratos do hipertexto do citado autor (1999a, p.25-26), foi possível observar a aprendizagem dos sujeitos em cada um dos estratos da rede. Por meio do princípio de metamorfose, foi criado, por eles, um equilíbrio hipertextual quando estabilizaram a rede segundo seus gostos e preferências, erigidos constantemente. Ativando diferentes nós e nexos, mídias como textos, sons e imagens, agiram conforme o princípio da heterogeneidade. O princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas foi reunido na medida em se formou a rede fractal e não linear, típica do suporte impresso, tão conhecido pelos

alunos através dos livros didáticos. E, por fim, quando passaram a descentralizar a escola e seus conteúdos, antes como "unidade orgânica" (Lévy, 1999a, p.26), e passaram a valorizar o exterior a ela, o mundo substancial que se desdobra à revelia da escola, agiram conforme os princípios da exterioridade e da mobilidade dos centros.

Foi, enfim, uma imersão digital libertadora aos sujeitos e suscitada a partir de um trabalho de incentivo à produção de conhecimento, atrelada ao mundo subjetivo dos alunos e aos mais distintos códigos. Os resultados obtidos foram de extrema relevância à pesquisa e aos sujeitos, que, além de terem se tornado um pouco mais autônomos e confiantes nas suas capacidades, reuniram *blogs*, alegria e aprendizagem.

5.2 Leituras: quando fala o professor

Com a necessidade de ouvir uma das partes envolvidas no processo de formação dos sujeitos, optou-se por entrevistar a professora de Língua Portuguesa que acompanhou a pesquisa através dos comentários dos sujeitos e da própria pesquisadora, bem como através do envolvimento no trabalho de preparo à Jornadinha, durante a Pré-Jornadinha. Ela, por ser participante no mesmo *lócus* social e da mesma comunidade, e, portanto, também à mercê das mesmas limitações de infraestrutura dos sujeitos, vislumbrou-se ter a capacidade de fornecer dados reais acerca das parcas condições de trabalho a que os professores são submetidos, historicamente, pela instituição escolar em crise. Além de trabalharem com escassos recursos financeiros, obtidos quase que totalmente através de projetos da escola, como arrecadação e posterior venda de jornais, brechós, festas abertas à comunidade, os docentes são obrigados a lidar, dentro do espaço escolar, com questões sociais de extrema seriedade, como uso de drogas, dentre outras graves mazelas. Ainda, como sugestão da professora de Língua Portuguesa, foi entrevistada também a professora de Ciências, que já havia acompanhado os sujeitos na 5ª Jornadinha Nacional de Literatura, e que utiliza o laboratório de informática em sua prática docente.

Tendo em vista que esta pesquisa não tinha possibilidade de trabalhar comparativamente, aferindo diferenças e semelhanças entre o grupo de sujeitos que participou da pesquisa e os demais, impossibilitados de fazerem parte do projeto, o testemunho da professora, mesmo sob os riscos de conter informações não suficientemente verificáveis, serviu como uma espécie de fiel de possíveis alterações no grupo da "Oitava de Ouro". Assim, a professora afirmou que os sujeitos da pesquisa se tornaram mais interessados e ansiosos em descobrir coisas novas, destacando-se mais em relação aos que não participaram

da pesquisa[129]. Uma das justificativas dadas por ela refere-se a que estes, em casa, não possuem suficiente apoio para novos aprendizados, bem como recursos tecnológicos como o computador. Além disso, conforme relato da professora, os sujeitos costumavam comentar, em aula, o que estavam fazendo nos encontros, o que já haviam aprendido e mesmo pedindo para mostrar a ela o *blog* "Oitava de Ouro".

Quando perguntado se a escola realiza projetos de incentivo à leitura e escrita, a professora afirmou que, no ano de 2008, foi realizada uma feira do livro na escola, para a qual foi confeccionado um livro com os textos dos alunos, entre outras atividades, sobre as quais ela não revelou maiores informações. Garantiu, contudo, que o ano de 2009 deixou a desejar no que tange a questão de incentivo, até por falta de pessoal para trabalhar. Embora se acusem tais problemas, ela proferiu que no próximo ano (2010) pretendem fazer mais projetos, promovendo um ambiente escolar mais envolto pela leitura e escrita.

A pesquisadora ainda fez uma pergunta que não estava no roteiro, já que o modelo de entrevista semiestruturada permite esta possibilidade, questionando se havia algum projeto envolvendo atividades com computadores. Em resposta, a professora, categoricamente, disse que não. Citou uma professora como a única que leva as turmas até o laboratório de informática para trabalhar os conteúdos da disciplina de Ciências. Revelou, ainda, que os demais professores, assim como ela, não trabalham no laboratório por não terem muitos conhecimentos de informática. E aqui vale comentar que o Ministério da Educação, dentro do Programa Nacional de Tecnologia Educacional – Proinfo, distribuiu às escolas públicas um livro guia para um curso de formação de professores. A escola onde se realizou a pesquisa recebeu cerca de vinte exemplares que, até o término da pesquisa, ainda se encontravam fechados em um armário no Laboratório de Informática, novos, sem indícios de uso. O livro, com o título "Introdução à Educação Digital", integra um dos materiais para o curso e apresenta conteúdos dentro de capítulos como os que seguem, entre os quais, um específico sobre *blogs*:

- Tecnologias no cotidiano: desafios à inclusão digital
- Navegação, pesquisa na internet e segurança na rede
- Debate na rede: bate-papo, lista, fórum de discussão e netiqueta
- Elaboração e edição de textos
- Apresentação para nossas aulas

[129] Segundo a professora, a maioria não participou por que trabalha e alguns por falta de vontade.

❖ Criação de *blogs*

O capítulo de criação dos diários virtuais apresenta, passo a passo, a montagem de *blogs*, textos acerca da interatividade, atividades para a visita de *blogs* e outras dicas de atividades práticas, como a que pede que o professor registre em seu *blog* suas conclusões a respeito do tema "Como o computador contribui para a transformação da escola, da aprendizagem e da prática pedagógica?" e, depois, monte um fórum de discussão a respeito. O objetivo principal do Programa seria:

> a inserção de tecnologias da informação e comunicacao (TICs) nas escolas públicas brasileiras, visando principalmente a:
> a) promover a inclusão digital dos professores e gestores escolares das escolas de educação básica e comunidade escolar em geral;
> b) dinamizar e qualificar os processos de ensino e de aprendizagem com vistas à melhoria da qualidade da educação básica.

Infelizmente, tal curso até o fim da pesquisa não havia acontecido e as atividades com os alunos na escola resumiam-se à em sala de aula. Houve, inclusive, uma tentativa de levar os alunos até o laboratório de informática quando do conserto de todos os computadores[130], mas sem uma atividade definida, somente para pesquisa e entretenimento, sob a coordenação de uma única professora. A atividade, contudo, logo foi cancelada por motivos de afastamento da docente por laudo médico.

A fim de se aferir, também, e mesmo que sob os riscos de resultados não suficientemente verificáveis, foi entrevistada outra docente, a qual realiza algumas atividades no laboratório de informática com seus alunos na disciplina de Ciências, desenvolvendo pesquisas direcionadas com os alunos, preparando e montando alguns trabalhos a partir disso. Segundo entrevista dada à pesquisadora, a professora disse fazer tais trabalhos para diferenciar em sua atividade docente e também para mostrar que o computador é uma ferramenta que pode ajudar os alunos a aprenderem mais. Expôs, ainda, que, no ano de 2010, pretende trabalhar projetos pedagógicos[131] nas turmas de 5ª e 6ª série, utilizando o laboratório de informática como umas das principais fontes de pesquisa, apesar de os demais professores talvez não utilizarem a possibilidade tecnológica em suas aulas por insegurança.

---

[130] Dos dezoito computadores do laboratório, somente dez funcionavam com perfeição. Os demais foram consertados nesta ocasião.

[131] O ensino através de projetos, que foi concebido por John Dewey, induz que o conhecimento seja buscado pelo próprio aluno através de pesquisas e de forma coletiva. Os temas (conteúdos) são referentes ao seu cotidiano, uma vez que se propõe que sejam desenvolvidas pelos alunos as competências de socializar o conhecimento e de aprender cooperativamente de forma significativa.

Essa afirmação conduz à exposição da realidade nas escolas públicas, de forma geral, do quanto os professores estão despreparados, desaparelhados, desassistidos ou mesmo desinteressados quanto às novas ferramentas tecnológicas e as inúmeras possibilidades de criações no ciberespaço, ou mesmo a potencialização das práticas tradicionais. Na escola em que se realizou a pesquisa, há um laboratório de informática equipado com máquinas novas e de ótimo desempenho, acesso à internet em banda larga e com ambiente climatizado, mas seu uso é uma exceção. Seria esta uma atmosfera extremamente profícua para o desenvolvimento, pelo professor de língua, de diferentes projetos de leitura e escrita, aliados à tecnologia e condizentes com a construção coletiva da cibercultura, a cultura do século XXI. O que, por motivos múltiplos, não ocorre.

5.3 *Blog:* se eu te lesse e escrevesse

Alguns séculos passaram-de desde o surgimento da instituição escolar moderna e as práticas em salas de aula mudaram muito pouco em relação ao mundo que a rodeia. Em detrimento do virtual, o quadro-negro com giz reina absoluto em todas as salas de aula; em detrimento de atividades criativas com a leitura e a escrita em diferentes suportes, o livro-didático é incondicional em sua linearidade; em detrimento da comunicação real com outros leitores e autores, o professor é o único emissor e o único falante (mesmo que não necessariamente ouvido). Resguardadas as limitações enfrentadas pelos docentes e infringidas pelos governos, a escola está em crise e necessita, urgentemente, ser pós-modernizada.

Quando bem planejadas e desenvolvidas, ou melhor, quando desejado for planejar e desenvolver projetos de formação de leitores multimidiais, a escola será verdadeiramente significativa como fonte de desenvolvimento humanístico. Por meio de iniciativas como substituir aulas tradicionais (com leitura, contestação de perguntas sobre o texto e escrita de outro sobre algum tema evidenciado), que não oferecem desafio algum ao estudante, por aulas no laboratório de informática (vislumbrando a possibilidade de ativar diferentes mídias e fontes), os resultados serão alunos mais competentes, emancipados e interessados nas aulas.

A partir da efetivação da pesquisa de campo deste estudo, pode-se comprovar que através da leitura e da produção de textos em meio digital sobre aspectos de interesse dos alunos, os atos de ler e de escrever tornam-se mais significativos a eles e de maior qualidade também. Com dinâmicas inovadoras, como a possibilidade de se comunicar com o autor do texto que apreciou ler, também em suporte impresso, ou de criar e recriar, brincando com a

poesia em suporte tecnológico, torna-se possível uma aula mais agradável, inclusive ao próprio professor, que verá a realização de seu trabalho como mediador do conhecimento.

No trabalho em específico com os diários virtuais, os *blogs*, são inúmeras as possibilidades de práticas com os alunos. Desde a comunicação ao outro sobre a perspectiva ou efetivação de algum acontecimento, como os sujeitos fizeram em relação à Jornadinha, ao invés de pedir que se escreva uma carta, conforme acontece nas aulas de Língua Portuguesa, até a inclusão de diferentes mídias como fotos, desenhos e vídeos, encontrados na internet ou, se houvesse recursos tecnológicos como câmeras digitais, oportunizaria que os próprios alunos criassem tais mídias. Que atividade interessante seria se professores de diferentes áreas propusessem pesquisas sobre determinados conteúdos gerais, como meio ambiente, comportamento humano ou a vida que imita a arte (podendo ser estabelecidos comparativos com obras literárias), e os alunos, orientados pelo professor, delimitassem o tema, pesquisassem a respeito, fossem a campo, registrassem em diferentes mídias os mais distintos aspectos circunscritos à sua pesquisa e, posteriormente, registrassem tudo em seu *blog*. Além disso, os alunos poderiam também produzir, ler e discutir seus próprios textos artísticos, aprofundando e educando a sensibilidade estética. A união de todas as criações faria de uma, aparentemente, simples aula, a efetivação de uma inteligência coletiva disponível não apenas ao ambiente escolar, mas a todos que adentram no ciberespaço.

Por suposto, isso só poderia ser possível *se* houvesse dinâmicas assim nas escolas e se os professores estivessem preparados e formados para um trabalho diferenciado com seus alunos. Há um discurso arraigado na instituição escolar, em específico a pública, que a falta de condições financeiras e a desvalorização dos profissionais impossibilitam aulas distintas. É compreensível, claro, as limitações impostas pelos governantes em relação ao reduzido salário do professor brasileiro, especificamente o gaúcho, o que não serve como desculpa para um trabalho descomprometido com a formação de crianças e jovens, que está sob sua responsabilidade. Expressivo número de escolas já conta, se não com um laboratório de informática, com pelo menos alguns computadores.

Na escola em que foi desenvolvida esta pesquisa, o laboratório é muito bem equipado, entretanto, passa grande parte do tempo fechado e sem uso, ou melhor, é usado para aulas de reforço sem a utilização dos computadores. Como visto anteriormente, em entrevista à pesquisadora, a professora de Língua Portuguesa revelou que não utiliza o laboratório em suas práticas docentes por não dominar o uso do computador, mas indicou uma professora que utiliza e que vê a diferença nos resultados de aprendizagem e de interesse dos alunos. O que se pode constatar, através do depoimento da professora de Língua Portuguesa, que, atuando

como fiel da pesquisadora, observou mudanças nos alunos participantes da pesquisa em relação aos demais. Dessa forma, se todo o ambiente escolar, em específico os professores, estivesse envolvido por um espírito inovador, de mudança efetiva e não apenas nos discursos, se crianças e jovens, em todas as disciplinas, e não apenas na de Língua Portuguesa e Literatura, lessem e escrevessem em *blogs*, certamente, muitas barreiras sociais e culturais seriam, para não dizer vencidas, ao menos enfrentadas.

E, por fim, como o último capítulo da obra "Memórias póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis, intitulado "Das negativas", aventa o pessimismo, as negativas da vida de Brás Cubas, este capítulo, já direcionado para o fim do trabalho, encerra-se com uma condicional "se", a qual integra mesmo a linguagem da informática na programação de computadores. Nesse caso, a conjunção não apenas aponta condições para que se chegue a determinado resultado, como assinala quase uma imposição, advinda da necessidade de mudança nas dinâmicas escolares. Mais do que isso, o "se" nos revela o que não há: uma prática educacional em sintonia com os novos tempos. Dessa forma, esse "se" pede e demonstra que há possibilidades de transformação, que um trabalho diferenciado pode ser realizado nas escolas de modo a realmente haver aprendizagem significativa, atraente a professores e alunos, conectada com o século repleto de tecnologias que se desenrola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução e também nos capítulos subsequentes desta dissertação, utilizou-se o tempo verbal futuro do pretérito para designar sujeitos, crianças e jovens, nascidos ao final do século XX, criados em meio à tecnologia e que, portanto, possuiriam capacidades distintas de outras gerações, como raciocínio veloz e habilidades para manusear os mais diversos equipamentos eletrônicos e navegar nas infovias digitais sem a necessidade da ajuda de outra pessoa ou de um manual de instruções. A opção por utilizar esse recurso verbal veio da constatação de que tais sujeitos, denominados por diferentes teóricos como *homo zappiens*, leitor imersivo e *hiperleitor 2.0,* não existem pura e simplesmente, mas necessitam ser formados, ainda mais quando sua vida, seu espaço familiar, social e cultural, não dispõem livremente de recursos digitais.

É inegável que tanto crianças e jovens que possuem acesso a equipamentos tecnológicos como o computador, aparelhos celulares, *iphones*, ou meramente aparelhos de televisão com controle remoto em suas residências, no que se refere ao manuseio e utilização de todos os recursos disponíveis, possuem vantagens sobre outras gerações, em especial, na criação e desenvolvimento de novas possibilidades de uso das tecnologias da informação e comunicação, como em *blogs, microblogs*, jogos *on-line*... Isso, porque, desde muito jovens, têm contato com o objeto e, na medida em que vão manuseando e errando, conforme um dos níveis de leitor imersivo a que Santaella (2004) se refere, vão aprendendo e descobrindo até tornarem-se imersivos, de acordo com a mesma autora, ou ainda, *homo zappiens e hiperleitores 2.0,* nas nomenclaturas de outros teóricos, isto é, são formados a partir de suas experiências.

No processo contrário, se os indivíduos são criados em ambientes que pouco ou nada possuem de tecnologia digital, como a escola, em particular, a situada em espaços periféricos, as perspectivas de usarem com destreza, por exemplo, o computador, são reduzidas

drasticamente. Conforme apresentado no capítulo 2, quanto aos dados da pesquisa do INAF, as famílias com maior renda possuem acesso às escolas de maior qualidade, não somente as particulares, mas as públicas que se situam nos bairros em que circulam maiores somas de dinheiro. Em oposto, as famílias com menores rendas têm maiores dificuldades de acesso à educação e cultura, o que converte em permanecer não progredindo.

Os sujeitos de classes desfavorecidas, portanto, necessitam da ajuda de alguém para a utilização das tecnologias, ou de alguém que os ensine a operar no universo digital. Mas, se a renda familiar é baixa e não há condições de adquirir as tecnologias, ou ainda custear um curso de informática, onde eles poderiam (e deveriam) ser formados para fazerem parte, efetivamente, da sociedade pós-moderna, e de forma gratuita?

A resposta não poderia ser outra, a instituição de ensino que há muito foi trazida pelos padres jesuítas ao Brasil, que passou por momentos de mudanças no que se refere à utilização de diferentes materiais didáticos, de disciplinas a serem estudadas e aos objetivos de aprendizagem, mas não mudou, de forma substancial, as práticas de ensino. Em meio ao século das possibilidades de imersão e as descobertas que esta propõe, na escola ainda prevalecem os velhos e até antiquados recursos, como o quadro verde com giz e os livros didáticos criados em massa e distribuídos em todo o país. De forma análoga, a voz do professor continua sendo a principal fonte de conhecimento do aluno quando, na verdade, poderia ser mediador entre o sujeito cognoscente e o saber. Com as ferramentas corretas e aguçado a desenvolver seu raciocínio, ainda mais quando colaborativamente ou cooperativamente, como sugere Lévy (1999b), o aluno teria a possibilidade de potencializar seu aprendizado, assimilando os conteúdos com maior clareza, fazendo novas descobertas e compartilhando com os outros. Uma aprendizagem realmente significativa.

E isso aconteceu quando jovens moradores de um bairro com grandes contrastes sócio-econômicos, em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, participaram de uma pesquisa de campo, representando um caso de alunos da 8ª série de escola pública. O objetivo era de averiguar como se daria a leitura e escrita em suporte digital, nos chamados *blogs*, os diários virtuais, por parte de alunos de escola pública. Essa experiência só foi possível com o conhecimento prévio, através do estudo de inúmeras pesquisas e teóricos, os quais alguns são citados nos primeiros capítulos desta dissertação, da crise vivida pela instituição em relação à leitura e à escrita em seu estabelecimento no país, bem como as possibilidades surgidas com as novas tecnologias no que tange ao universo da escrita e expressão, de forma específica através dos *blogs*.

Os sujeitos participantes já detinham acurado nível de letramento (alfabetismo nível básico), uma vez que faziam uso da escrita e da leitura[132]. Alguns também possuíam certo nível de letramento digital, possuíam algumas noções básicas do computador, ainda que não soubessem utilizar. Inicialmente, demonstraram receio e muita dificuldade em relação ao manuseio do computador, embora alguns tivessem declarado no questionário aplicado que possuíam conhecimento em informática. Suas escritas, ainda nas fases de Oficina de nivelamento e *Blog*: eu te lendo, nas quais enviavam pequenos relatórios, eram lacônicas, fragmentadas e circunscritas às suas vidas.

Quando surgida a oportunidade de participarem da Pré-Jornadinha e da Jornadinha, os sujeitos passaram por uma experiência de imersão no mundo das artes que colaborou no princípio de mudança no que se refere à visão deles em diversos aspectos: sobre as possibilidades de adquirirem novos conhecimentos, de ler e escrever, e a possibilidade de ampliar os objetivos de suas próprias vidas. Depois desta experiência "de jornada", como um deles se referiu em uma postagem no *blog* "Oitava de Ouro", e de escreverem durante o tempo da pesquisa sobre assuntos de seus interesses, refletiu no maior empenho em se exprimirem através da escrita e de diferentes mídias, como imagens e vídeos, que também apareceram nas diversas postagens.

Houve, conforme Lévy, uma "mudança qualitativa no processo de aprendizagem" (1999b, p.170) quando participaram de uma nova proposta de aquisição do conhecimento e passaram a construir o saber de forma coletiva. Trocaram entre eles informações e descobertas além de, colaborativamente, terem criado e escrito em um *blog,* um ambiente conquistado por eles dentro do concorrido ciberespaço. Tal acontecimento repercutiu positivamente entre os sujeitos, que demonstraram maior interesse em instruírem-se, já que pesquisavam assuntos de relevância a eles. Analogamente, apresentaram resultados significativos de aprendizagem, expressão, visão de mundo, que foram percebidos por eles próprios e manifestados através de seus depoimentos nas postagens no *blog.* Além disso, em entrevista à pesquisadora, a professora de Língua Portuguesa ressaltou que os sujeitos que participaram efetivamente da pesquisa apresentaram, em sala de aula, algumas diferenças em relação aos demais: estavam mais ativos e participativos e costumavam comentar em sala de aula o que viam e faziam nos encontros, pedindo, inclusive, para mostrar a ela suas criações.

---

[132] Ainda que os resultados quanto ã sua faixa etária no INAF (15 a 24 anos) tenham sido abaixo do desejável: 15% analfabetos funcionais (analfabetismo absoluto e rudimentar) e 85% de alfabetizados funcionalmente (alfabetismo básico e pleno).

Enfim, esta pesquisa tentou, através da teoria e do exercício, comprovar que a tecnologia digital, quando aliciada às práticas bem formuladas e aplicadas de leitura e escrita, ainda que não sejam efetivamente literatura, podem conduzir ao conhecimento e ao saber. É o que a escola ainda necessita descobrir e praticar, já que, de acordo com Lévy (1999b, p.172) o caso de mudança nas práticas escolares não se refere a utilizar o computador, as tecnologias, a qualquer custo, mas "acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno".

Assim, os sujeitos da 8ª série da E.E.E.F Capistrano de Abreu, ao participarem da pesquisa, no segundo semestre do ano de 2009, passaram a apresentar alguns traços de leitores, escritores, descobridores e, talvez, momentaneamente, *homo zappiens*, leitores imersivos ou *hiperleitores 2.0*. Enquanto houve tempo, realizou-se uma experiência de reunir sujeitos pertencentes à mesma faixa etária, advindos de famílias com realidades distintas, mas no mesmo espaço escolar que há tanto gera controvérsias, com um ambiente tecnológico novo a eles. Com isso, acabou-se encontrando e, de certa forma, confirmando, o que Bojunga já afirmava em relação ao buquê construído com suas escritas: juntando jovens com poucas perspectivas, mas muito potencial, tecnologia, vontade de aprender e construir, descobriu-se um <u>novo</u> caso de amor com a leitura e a escrita.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO Sandra (orgs.). *Blogs.com:* estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. *Etnografia da prática escolar.* 11.ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

BANKS, Michael A. *Blogging Heroes*. São Paulo: Digerati Books, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia. *Leitura, História e História da Leitura.* Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2002.

BEIGUELMAN, Giselle. Blogs: existo, logo publico. In: _____. *Link-se:* arte, mídia, política, cibercultura. São Paulo: Petrópolis, 2005.

BOJUNGA, Lygia. *Livro* – um encontro. 6. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura:* a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto: 1988.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. *Metodologia científica*. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro:* do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999a.

_____. As revoluções da leitura no ocidente. ABREU, Márcia. *Leitura, História e História da Leitura.* Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2002a.

_____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002b.

_____. A escrita na tela: ordem do discurso, ordem dos livros e maneiras de ler. Trad. de Fabiane Verardi Burlamaque. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania M. K. (orgs.). *Questões de leitura no hipertexto*. Passo Fundo: UPF editora, 2007. p. 200-222.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de Literatura Infantil e Juvenil Brasileira:* Séculos XIX e XX. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

Conferência Internacional sobre a Educação de Adultos (V:1997:Hamburgo, Alemanha): *Declaração de Hamburgo*: agenda para o futuro. Brasília: Sesi/Unesco, 1999.

DI LUCCIO, Flavia; NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Hipertexto, blogs e leitores escritores. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania (org). *Questões de leitura no hipertexto*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: Record, 1947.

FREIRE, Fernanda M.P.; ALMEIDA, Rubens Queiroz de; AMARAL, Sergio Ferreira. *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003.

FREITAS, Maria Teresa se Assunção. Leitura, escrita e literatura em tempos de internet. In: PAIVA, Aparecida. *Literatura e letramento:* espaços, suportes e interfaces. O jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/ UFMG, 2005.

HEWITT, Hugh. *Blog:* entenda a revolução que vai mudar o seu mundo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

ÍNDIGO. *O colapso dos bibelôs*. São Paulo: Moderna, 2008.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro. 2008. Disponível em http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf Acesso em 25 mar. 2010.

JAVA, Akshay, et al. *Why We Twitter:* Understanding Microblogging Usage and Communities. Disponível em: http://ebiquity.umbc.edu/paper/html/id/367/Why-We-Twitter-Understanding-Microblogging-Usage-and-Communities Acesso em 20 nov. 2009.

JENKINS, Henry. Photoshop pela democracia: a nova relação entre política e cultura popular. In: _____. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor:* aspectos cognitivos da leitura. 5.ed. Campinas: Pontes, 1997.

LAJOLO, Marisa. *Leitura em crise na escola:* as alternativas do professor. 6.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita:* livro e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LEMOS, André. Prefácio. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO Sandra (orgs.). *Blogs.com:* estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996. 1ª ed.

_____. *A máquina universo:* criação, cognição e cultura informática. Porto Alegre: ARTMED,1998.

_____. *As tecnologias da inteligência* - o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999a. 1ª ed. 8ª reimpressão.

_____. *Cibercultura*. 1. ed.São Paulo: Editora 34, 1999b.

LONGHI, Raquel. *Patchwork Girl:* Corpo e Hipertexto. Revista Ciberlegenda/UFF - Ano 10 - número 20 - junho/2008.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação:* abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (orgs) *Hipertexto e Gêneros digitais:* novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula*. Linguagem & Ensino, Vol. 4, No. 1, 2001. p.79-111. Disponível em: http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v4n1/f_marcuschi.pdf Acesso em 15 dez. 2009.

MURRAY, Janet H. *Hamlet no Holodeck* - O Futuro da Narrativa no Ciberespaço. São Paulo: Itaú Cultural: UNESP, 2003.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social:* teoria, método e criatividade. 23.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. p. 51-66.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Primeiros contornos de uma nova configuração psíquica. *Cadernos Cedes*. Televisão, internet e educação: Estratégias metodológicas com crianças e adolescentes. Campinas SP, v. 15, n. 65, p. 71-85, jan./abr. 2005.

ORIHUELA, J. L. *Twitter y el boom del microblogging*. Educ.ar: Educación y TIC Argentina, 22 nov. 2007. Disponível em http://portal.educ.ar/debates/educacionytic/super-sitios/twitter-y-el-boom-del-microblo.php Acesso em 20 nov. 2009.

RAMAL, Andrea Cecília. *Educação na cibercultura.* Porto Alegre: Artmed, 2002.

RETTENMAIER, Miguel. (Hiper) mediação leitora: do blog ao livro. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES, José Castilho Neto; RÖSING, Tania. *Mediação de leitura*: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009. p. 71-94.

RÖSING, Tania M. K.; RETTENMAIER, Miguel. (org.) *Questões de leitura*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2003.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço:* o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Fabiano dos; MARQUES, José Castilho Neto; RÖSING, Tania. *Mediação de leitura*: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

SCHITTINE, Denise. *Blog:* Comunicação e Escrita Íntima na Internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIEMENS, George. *Conectivismo:* Uma Teoria de Aprendizagem para a Idade Digital. Disponível em: http://www.webcompetencias.com/textos/conectivismo.htm
SMITH, Frank; CORSO, Luciana Vellinho (Rev.) *Leitura significativa*. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Helina Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). *A escolarização da leitura literária:* o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.17-48.

_____. *Novas práticas de leitura e escrita:* letramento na cibercultura. *Educ. Soc*., Campinas, vol.23, n.81, p.143-160, dez. 2002. Disponível em http://www.cedes.unicamp.br Acesso em 23 nov. 2009.

_____. *Letramento*: um tema em três gêneros. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

STOKER, Bram. *Drácula.* São Paulo: Nova Cultural, 2003.

SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Abril, v.24, n.277, abr. 2010, ex.1.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. *O fenômeno fanfiction:* novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

VENTURA, Magda Maria. *O estudo de caso como modalidade de pesquisa*. Rev. SOCERJ. 2007,20 (5):383.386 setembro/outubro. Disponível em http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf Acesso em: 03 dez. 2009.

VRAKKING, Ben; VEEN, Wim. *Homo zappiens:* educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.

XAVIER, Antonio Carlos. Hiperleitura e intertextualidade na Web 2.0. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tânia. *Questões de leitura no hipertexto*. Passo Fundo. UPF, 2007.

WALKER, Jill. *Final version of weblog definition*, 2003. Disponível em http://jilltxt.net/archives/blog_theorising/final_version_of_weblog_definition.html Acesso em 06 nov. 2009.

YIN, Robert. *Estudo de caso:* planejamento e métodos. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Obra traduzida e sintetizada por Ricardo Lopes Pinto e adaptada por Gilberto de Andrade Martins, disponível em http://www.focca.com.br/cac/textocac/Estudo_Caso.htm Acesso em 02 dez. 2009.

ZILBERMAN, Regina. Letramento literário: não ao texto, sim ao livro. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.). *Literatura e letramento:* espaços, suportes e interfaces: o jogo do livro. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2005. p. 245- 266.

Zilberman, Regina. *No começo, a leitura*. Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996. Disponível em: http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1035/937 Acesso em 27 out. 2009.

_____. *A Leitura no Brasil:* sua História e suas Instituições. Disponível em: http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios . Acesso em: 27 out. 2009.

_____. A leitura no mundo digital. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania (org.). *Questões de leitura no hipertexto*. Passo Fundo: UPF, 2007.

_____. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (org.). *Escola e leitura*: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009a. p. 17-39.

ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (org.). *Escola e leitura*: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009b.

Sites visitados

http://www.sacodefilo.com/

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=424008

http://www.clickz.com/3438891

http://www.ibope.com.br

http://oglobo.globo.com/pais/noblat/

http://www.correiodopovo.com.br/Opiniao/Default.aspx?Blog=Juremir+Machado+da+Silva

http://www.desdecuba.com/generaciony/

http://www.blogbooks.com.br/blogbooks.asp

http://portal.eatonweb.com.

http://www.gorjeio.com/home

http://gozub.com

http://booktwo.org/notebook/vanity-press-plus-the-tweetbook/

http://www.timstudio.com.br

http://www.jaiku.com/

http://twitter.com

http://www.claroideias.com.br

http://blogdoindra.com.br/indra/

http://blogdadomingas.com.br

http://www.fabriciocarpinejar.blogger.com.br

http://caderno.josesaramago.org/

http://www.flickr.com

http://blogs.elpais.com/micrografias/

http://pt.wikipedia.org/wiki/Gadget

www.google.com.br

http://www.youtube.com/

www.orkut.com

www.epoca.com.br

https://www.blogger.com/comment.g?blogID=4924595544300512956&postID=8390243276163932478&pli=1

http://www.upf.tche.br/jornada/2009/index.php?option=com_content&view=article&id=135&Itemid=59

http://jornadinha.blogspot.com/

http://www.oitavadeouro.blogspot.com/

http://tropeiros999.blogspot.com/

http://marydanysah.blogspot.com/

http://www.ciin.com.br/danielaccorsi/index.php/2009/07/java-projeto-morg-06/

http://www.soledaders.com.br/

ANEXOS

ANEXO I – Modelo de entrevistas semiestruturadas com alunos e professores

- **Entrevista com alunos:**

1) O que você mais gostou nas aulas? Por quê?

2) Você utiliza ou já utilizou o computador em outros momentos, aqui na escola ou fora dela? Se sim, como e para que você utilizou?

3) Como foi a experiência de escrever em *blog*?

4) E de ler em *blog*?

5) Normalmente, vocês gostam de ler e escrever? Leem o quê? Escrevem o quê?

6) O que mais gostam na escola?

7) E o que menos gostam?

8) Aos que eu não tinha conversado ainda, o que acharam da Jornadinha? O que mais gostaram?

- **Entrevista individual – professores**

1) Dos alunos da sua turma que participaram da pesquisa, você notou alguma diferença neles na sala de aula?

2) Alguma vez estes alunos comentaram em sala de aula o que eles estavam vendo e fazendo nas aulas à tarde? Se sim, o que relataram?

3) Com relação aos alunos que desistiram de participar, qual a sua opinião para a desistência? Como eles agem na sala de aula frente a novos desafios e também em relação à escrita e leitura?

4) Em relação à escola, já foi realizado algum projeto de incentivo à leitura e à escrita?

ANEXO II - Modelo de questionário

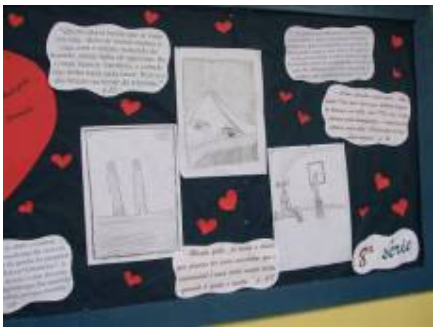
QUESTIONÁRIO

Nome: _____
Idade: _____
Gênero: ( )feminino ( )masculino
Profissão da mãe: _____
Profissão do pai: _____
Tem irmãos? Quantos?_____

1) Qual o seu programa de TV favorito? Quantas horas por dia assiste à TV?
_____
2) Você gosta de ler? Costuma ler nas horas vagas? O que lê?_____
_____
3) Qual a pessoa que mais lê em sua casa? _____
4) Há livros em sua casa? De que tipo? _____
_____
5) Você gosta de escrever? O que normalmente escreve na escola? _____
_____
6) Sua família assina/recebe algum jornal ou revista? Qual?_____
_____
7) Por que você lê?_____
_____
8) Quais foram os livros e os autores que você mais gostou de ler? _____
_____
9) Você frequenta a biblioteca? Qual?_____
10) Você gosta das leituras/livros sugeridos por seus professores? _____
11)Quando está com os amigos, sobre o que conversa? _____
_____
12) Você sabe usar computador?_____
13) Possui computador em casa?_____
14) Acessa a internet? Onde? _____
15) Quando usa o computador e acessa a internet, quais programas usa e quais sites visita?
_____
_____
16) E do que você mais gosta de fazer na escola?_____
_____

ANEXO III – Imagens Laboratório de Informática

ANEXO IV – – Detalhes do mural (fotografias e digitalização de um desenho feito por uma participante da pesquisa)



ANEXO V – Crônicas escritas pelos sujeitos da pesquisa

Disfarce

Carla, 43 anos, funcionária pública, mãe solteira, conheceu Luiz em um baile do chopp e desse encontro surgiu mais do que uma amizade.

Luiz, 23 anos, engenheiro químico, divorciado com quatro filhos que moram com ele. Com vários encontros marcados diariamente, juntos descobriram que, apesar da diferença de idade, conseguiriam viver uma história de amor.

Em um domingo á noite, Carla com suas amigas caminhando pelo parque, avistou, vindo em sua direção, Luiz, acompanhado por duas garotas. Carla, tentando controlar sua fúria, disfarça arrumando o cabelo. Luiz fica constrangido, vendo que ele estava acompanhado e ela sozinha. Com isso, chamou-a para conversar em particular:

- Oi Carla. Nunca pensei em encontrar você aqui.
- Nem eu, Luiz. Você não ia ficar com seus filhos hoje?
- Pois é, ocorreu um imprevisto, as crianças foram para a casa da mãe.
- Hum! Então está sozinho em casa?
- Vou pegá-las agora.
- Nossa! Então vá, se não vai chegar atrasado.
- Calma, não é isso que você está pensando!

Carla virou-se e foi-se embora. E Luiz, todo envergonhado foi embora também. Ela com suas dúvidas, voltou e foi atrás dele e então viu que era realmente o que ele tinha dito. Carla foi até a casa de Luiz para se desculpar.

O celular de Carla tocou e era sua filha Luana de 22 anos que mora com o pai na cidade de Sapucaia do Sul. Está cursando Agronomia e ligou para avisar que iria visitá-la. Carla, surpresa, liga para Luiz:

- Amor, minha filha está vindo passar um tempo aqui comigo.
- Quantos anos ela tem?

Carla vendo a reação de seu namorado resolve mentir a idade de sua filha:

- 13 anos.
- Nossa, que nova, pensei que fosse mais velha!
- Enfim! Isso não importa... Eu não contei a ela de nós dois.
- Mas vai falar pra ela, não vai?
- Veremos.

Luana ligou para a mãe avisando que estava na rodoviária á sua espera. Carla convida sua filha para um café. Elas trocaram idéias, mas Carla não criou coragem para falar de seu novo namorado.

Luana conta a sua mãe que veio só para resolver um problema de seu pai na cidade de Passo Fundo. E fala que só poderá ficar dois dias em Soledade.

Chegando o dia de partir, Luana pergunta a sua mãe se ela não havia arranjado um namorado, pois estava tão diferente, com brilho nos olhos...

- O que é isso, filha! Faz tempo que estou solteira...

Despediram-se e Carla foi para casa de seu namorado. Após sua chegada, Luiz pergunta de sua filha. Ela, toda nervosinha, enrola e diz que sua filha não pode vir. Ele, suspeitando, calou-se. No dia seguinte, foi para a casa de Carla, mas não a encontra e resolve esperar por ela. Sem querer, aperta o botão da secretária eletrônica e ouve um recado da filha de Carla. Ele bravo, liga imediatamente para Carla para tirar satisfações e ela confessa tudo. Ele, furioso e de cabeça quente pede um tempo e resolve viajar. No ônibus, encontra Luana, conversam a viagem toda e descobrem que vão para a mesma cidade. Lá, depois de alguns encontros, foram se apaixonando aos poucos. Com a dificuldade financeira de Carla, ela então resolve pedir ajuda para a filha. Luana, preocupada com a mãe, resolve voltar para Soledade só que desta vez acompanhada por Luiz.

- Oi, vocês dois juntos?

- Pois é, né Carla... A fila anda, a vida é assim mesmo!

Sabrina

Amor na adolescência

Luiz, 25 anos, trabalha no setor de pedras, solteiro, tem sua casa própria. Certo dia, indo para o serviço, encontra Cristiane, uma menina bonita, com seus 15 anos de idade, está na 7ª série do ensino fundamental.

Certo dia, Cristiane, manda um recado para Luiz através de uma amiga, querendo conversar com ele.

Eles então conversam no local marcado e dali em diante eles começam a namorar e Cristiane vai morar com Luiz em sua casa. Passado algum tempo, ela engravida e Luiz e tem que largar os estudos para cuidar de seu filho. Depois da chegada do filho do casal tudo se tornou mais difícil, o salário de Luiz não é muito bom e Cristiane não pode trabalhar por

causa de seu filho. Os dois conversam e resolvem pedir ajuda a seus pais para dar uma vida melhor ao filho deles. Com essa ajuda, Luiz tem uma idéia: fazer uma fábrica de pedras nos fundos de sua casa para ele ganhar mais e não precisar da ajuda dos pais.

Os pais deles concordam e ajudam Luiz. Tempo depois está pronta a fábrica e Luiz vira um trabalhador autônomo e começa a ganhar o dobro do que ganhava antes. Luiz dá entrada em um carro, não deixa faltar nada para seu filho e não precisa mais da ajuda de seus pais.

Cristiane fica com seu filho à tarde, enquanto Luiz trabalha e á noite ela vai estudar e deixa seu filho com Luiz. Cristiane pensa em terminar os estudos para arrumar um bom emprego e os dois vão lutando até o fim.

Rodrigo

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo